

IRMA BEATRIZ ARAÚJO KAPPEL

**SEGMENTAÇÃO TEXTUAL, COESÃO
E DISTRIBUIÇÃO INFORMACIONAL
NA ORGANIZAÇÃO TÓPICA DO
TEXTO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Lingüística do Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia.

UBERLÂNDIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
1998

Kappel, Irma Beatriz Araújo.

Segmentação Textual, Coesão e Distribuição Informacional na Organização Tópica do Texto./ Irma Beatriz Araújo Kappel.– Uberlândia, 1998.

165 f. il. -

Orientador: Luiz Carlos Travaglia.

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia.

1. Lingüística. 2. Língua Portuguesa – Estudo e ensino. 3. Redação.
I. Universidade Federal de Uberlândia.

CDU: 801

Dissertação defendida e aprovada, em 08 de junho de 1998, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia – Orientador

Prof. Dr.^a Vânia Maria Bernardes Arruda Fernandes

Prof. Dr.^a Márcia Elizabeth Bortone

Para Dóris e Avenir, princípio de nossa existência.

Para Jonas e Mateus, companheiros desta trajetória.

Para os professores, colegas e funcionários do Mestrado/UFU pela amizade e estímulo.

Para o Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia, incentivador, amigo e orientador incansável.

Como nenhum trabalho pode ser concluído na solidão, necessário é agradecer :

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a sustentação de nossa trajetória e para a realização desta dissertação.

A Deus, presença constante de amor em nossas vidas.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia pelos estímulos, assistência e acompanhamento na escolha dos caminhos.

Aos professores Dr.^a Vânia Maria Bernardes Arruda Fernandes e Dr. Evandro Silva Martins pelas sugestões úteis.

À Secretaria de Estado da Educação pela bolsa de estudos e liberação para frequência ao curso e à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Uberaba pela liberação.

À COPEVE/Universidade Federal de Uberlândia, à Universidade de Uberaba, à Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro e à Universidade Federal do Paraná por cederem e autorizarem o uso de material de redações que integram nosso *corpus*.

Aos entrevistados de nossas pesquisas.

À CAPES pela concessão parcial de bolsa.

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
1. INTRODUÇÃO	08
2. DOS FUNDAMENTOS	14
2.1. Fundamentação teórica	14
2.1.1. Preliminares	14
2.1.2. Texto, Discurso e Textualidade	16
2.1.3. Segmentos Textuais	21
2.1.4. Estrutura Informacional	25
2.1.5. Progressão Textual	37
2.1.6. Tipos Textuais	46
2.2. A questão metodológica	48
2.3. Outros estudos sobre Distribuição Informacional	50
2.4. Pesquisa	57
3. PESQUISA I	62
3.1. Método	62
3.2. Resultados e Comentários	75
4. PESQUISA II	94
4.1. Propósito	94
4.2. Método	94
4.3. Resultados e Comentários	99
5. CONCLUSÃO	124
SUMMARY	127
BIBLIOGRAFIA	128
ANEXOS	135

RESUMO

Este trabalho aborda duas pesquisas empíricas que tiveram a finalidade de verificar, na língua portuguesa, se a questão da colocação da informação (principal/secundária e dada/nova) e o uso da repetição (informação nova, em posição remática, retomada como tema do segmento-tópico seguinte) como elemento coesivo acima do nível intersentencial, afetam a unidade e a progressão informacional do texto.

A primeira pesquisa foi realizada analisando-se as 50 (cinquenta) melhores redações e as 50 (cinquenta) piores, segundo a equipe de correção, selecionadas entre as redações do vestibular de 1997 de três universidades e uma faculdade, em relação à localização das informações principal e secundária em três tipos de progressão tópica (linear, tema constante e rema subdividido) ou sem progressão alguma e, especificamente, a progressão linear no que se refere à repetição como elemento coesivo.

A segunda pesquisa foi um questionário composto por textos considerados bons por avaliadores, analistas e leitores com as informações colocadas em ordens diferentes, tendo em vista a verificação da preferência do leitor, segundo sua intuição, para a colocação das informações no texto.

Constatamos que a escolha que a maioria dos entrevistados fez recaiu sobre o texto em que a informação principal estava colocada no final do segmento-tópico; e que, também, a maior parte das redações consideradas melhores pelos corretores tinham as informações principais colocadas no final do segmento-tópico, o que não aconteceu com as redações consideradas piores; e que, nos textos em que ocorreu a progressão linear, além dos segmentos finais do segmento-tópico favorecerem a apresentação do material de primeiro plano, ou principal, também podem introduzir, em posição remática, um novo tópico discursivo futuro, a ser desenvolvido a partir do início do segmento seguinte.

Pudemos confirmar que é fundamental considerarmos esses aspectos para a produção de textos de boa qualidade e, também, para a leitura no que se refere a como o leitor vê o texto: bom ou ruim, fácil ou difícil de ser entendido.

PALAVRAS-CHAVE: Texto, Segmentação, Informação, Coesão e Progressão.

1. INTRODUÇÃO

A questão da ordem de elementos (palavras, orações, informações, etc.) no texto, quer seja em frase, em segmento-tópico, em capítulo ou em estrofes, tem sido uma novidade no ensino da língua. Apenas no estudo das figuras de linguagem e figuras de construção (inversões, hipérbato, anástrofe, etc.), sob ponto de vista retórico-estilístico, é que os alunos são alertados a perceber que as frases ou as seqüências de frases admitem diferentes arranjos, segundo as pretensões do usuário.

Entretanto, no ensino de produção de texto e de leitura, a questão da colocação das informações em ordens diferentes é de fundamental importância, tendo em vista a variedade de disposições e a liberdade que o usuário tem para mobilizá-las, e nada disso é exposto para o aluno. Existem certas ordens na colocação das informações que, no domínio da norma, recebem a preferência, tornando-se mais freqüentes, porém a variedade que se pode ter na mudança dessa ordem é que é fundamental para quem vai escrever ou ler um texto.

A partir do trabalho de GIORA (1983:155-181), pensamos em verificar, no português, se a questão da distribuição da informação (principal/secundária e dada / nova) e o uso da repetição (informação nova, em posição remática, retomada como tema do segmento-tópico seguinte) como elemento coesivo entre segmentos maiores, acima do nível intersentencial, afetam a unidade e a progressão informacional dentro do texto. Caso isso ocorra, será fundamental considerar esses aspectos para a produção de textos de boa qualidade e, também, terá influências

consideráveis na questão da leitura (de como o leitor vê o texto: bom ou ruim, fácil ou difícil de ser entendido).

A investigação a ser desenvolvida neste estudo se justifica por três fatores fundamentais:

- (i) Pelo menos que seja do nosso conhecimento, poucos estudos têm abordado a organização da distribuição da informação no texto escrito, a progressão tópica discursiva em relação às informações *dada* e *nova*, a questão da posição das informações *principal* e *secundária* no segmento-tópico e a influência que isso tem na qualidade do texto e na facilidade ou dificuldade de compreensão. Com a realização desse estudo, poderemos estar preenchendo essa lacuna nos estudos lingüísticos sobre o conhecimento da estruturação do texto.
- (ii) Como no texto escrito não há sujeitos definidos - leitor e autor¹, o contexto lingüístico interno ao texto, focado por nós neste estudo, passa a ter grande relevância para a compreensão. A organização textual, de natureza monológica, é, segundo KLEIMAN (1990:93) própria da escrita. O autor é responsável exclusivo pela construção do texto e deverá imaginar um interlocutor, antecipando-lhe seus interesses, seus conhecimentos. Neste sentido, o texto se torna dialógico num sentido amplo do termo. O leitor é responsável exclusivo pela reconstrução do sentido e deverá procurar na organização textual os elementos necessários à sua compreensão. Sendo assim, perceber uma forma de distribuição da informação que

¹ Neste estudo, numa visão interacional, não estaremos fazendo diferença entre os termos autor e produtor de texto e consideraremos o leitor como o receptor que compreende e que estabelece o sentido.

facilite esta reconstrução, pelo leitor, é um fator importante para quem redige.

(iii) Utilizando as categorias textuais enfocadas nos itens (i) e (ii), em análise de textos, apontaremos fatos sobre a estruturação que poderão trazer conseqüências importantes no que diz respeito ao ensino de produção e compreensão de textos, caso as pessoas tenham consciência desses fatos.

Ao realizarmos este estudo, não pretendemos dar receitas de como escrever, muito menos dar modelos a serem seguidos, mas sim, levantar fatos que parecem afetar a interação entre autor e leitor, facilitando-a ou dificultando-a. Para que o aluno escreva bem, não é necessário que o professor lhe dê fórmulas prontas de como escrever bem. Antes de observar fatos propostos neste estudo, que podem influenciar a interação entre autor e leitor, é importante que o professor e seus alunos entendam os princípios básicos de uma aula de redação. Compreendemos que essa aula na escola, antes de tudo, deve ser vista conforme *GERALDI (1986:167)* nos diz :

“a) a sala de aula é um espaço físico como qualquer outro (o escritório, a casa, etc.) e nela é possível escrever;

b) a aula de redação não é mais do que o espaço temporal, aproveitável ou não, para iniciar um processo de interlocução à distância, os textos aí produzidos saindo em busca de leitores efetivos;

c) só se aprende escrever escrevendo, e não simulando situações de escrita.”.

Quando um texto é difícil de ser lido, tanto no aspecto da natureza do assunto quanto na maneira pela qual o conteúdo está organizado, a interação entre produtor e receptor e a legibilidade do texto ficam comprometidas.

Para que haja uma interação maior entre produtor e receptor de texto, partimos de uma dimensão textual e discursiva de natureza interativa. Nessa visão interacionista, toda escrita envolve uma leitura e uma redação em que tanto leitor quanto produtor são sujeitos de uma ação mediante o uso da linguagem. São ações intersubjetivas em que ocorre a construção da coerência mediante a reconstrução do sentido do outro e para permitir ao outro a reconstrução do sentido .

Nossos principais objetivos a serem alcançados com esse estudo a partir de análises de textos, principalmente dissertativos, são:

1. Discutir a influência na legibilidade e no julgamento da qualidade de textos da distribuição informacional em segmentos textuais, especificamente segmentos-tópicos ;
2. Verificar qual posição de segmento para a colocação da idéia dominante é preferível, tendo em vista a interação produtor/leitor e o julgamento de boa formação do texto;
3. Determinar a influência que tem na formação de um bom texto a apresentação de um tópico discursivo dos segmentos seguintes na posição final ou remática de um segmento-tópico em função coesiva, num constituinte prévio;
4. Discutir como os fatos dos objetivos acima podem afetar os procedimentos de ensino de produção e compreensão de textos em relação aos mecanismos, fatores e processos enfocados .

Esse estudo verificará as seguintes hipóteses :

1. Se a forma de distribuição da informação nos segmentos textuais afeta a qualidade do texto e a facilidade de compreensão, numa interação entre autor e leitor.
2. Se a posição que certos tipos de informação (principal/secundária e informação nova/velha) ocupam nos segmentos textuais faz com que o texto seja mais ou menos legível e considerado como mais ou menos bem estruturado.
 - 2.1. Se a posição final de segmento para a informação principal e nova é melhor compreendida e faz com que o texto seja visto como mais bem estruturado, facilitando ao leitor a retenção da idéia mais importante.
 - 2.2. Se a indicação, na posição final ou remática de um segmento, do tópico a ser desenvolvido no segmento seguinte faz com que o texto seja visto como melhor e mais legível. Estaremos considerando isto como um recurso de coesão acima do nível intersentencial.

No capítulo sobre os fundamentos, estaremos expondo, primeiramente, a fundamentação teórica e metodológica de nosso trabalho, apontando as correntes de estudos em que se situa, com a definição dos principais conceitos e a metodologia utilizada na pesquisa. Posteriormente, apresentaremos uma síntese dos pontos principais de trabalhos sobre o assunto e nosso posicionamento diante das contribuições desses autores para o desenvolvimento de nossas duas pesquisas².

² Para verificar as hipóteses e alcançar os objetivos, dividimos a pesquisa em dois momentos que estaremos chamando de Pesquisa I e Pesquisa II para facilidade de referência.

No capítulo 3, estaremos mostrando e comentando o método e os resultados do primeiro procedimento de pesquisa, utilizando textos dissertativos de redações de vestibular de 1997, classificados pela comissão de correção como bons ou ruins.

No capítulo 4, apresentaremos qual o propósito de se utilizar outro procedimento de pesquisa com o mesmo objetivo, o método, os resultados e os comentários do estudo realizado com leitores de diversos graus de escolaridade para verificação da preferência pela ordem de colocação das informações no segmento-tópico. Para essa pesquisa foram adotados textos dissertativos e narrativos.

Na Conclusão, serão retomadas os principais pontos verificados com relação às hipóteses e objetivos do presente trabalho.

Se conseguirmos apontar, neste estudo, fatos que, ao serem observados pelo produtor na construção de um texto, facilitarão a reconstrução do sentido pelo leitor ou ouvinte, favorecendo a interação entre os sujeitos, poderemos ter repercussão positiva na produção e leitura de textos. Se não conseguirmos, também nos sentiremos realizados pois, acima de tudo, a Lingüística veio nos ensinar a questionar, a pesquisar sempre, mesmo que seja para falsificar hipóteses levantadas e ficar verificado que muitas vezes o que pensamos sobre a língua intuitivamente, não é real, lembrando ainda que a **língua** é um fenômeno inacabado, ao mesmo tempo que sistêmico, social, ideológico e histórico. Por ser uma instituição humana, a língua está se fazendo a todo momento, está sendo construída por seus usuários, quer seja o literato, o artista ou o simples cidadão.

2. DOS FUNDAMENTOS

2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1.1. Preliminares

Desde a década de 60, defrontamo-nos com uma evolução epistemológica no campo da Ciência Lingüística (configurada na Lingüística Textual e na Análise do Discurso) que ultrapassa os limites que a Lingüística até então apontava - a frase. Os lingüistas constataram que a Lingüística da Frase estava sendo insuficiente para resolver certos fenômenos lingüísticos de natureza mais abrangente do que os da frase, como os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados e seqüências de enunciados. Havia uma demanda que exigia uma Lingüística mais voltada para os mecanismos da organização textual responsáveis pela construção do sentido.

Surgiram, assim, os primeiros estudos sobre as relações transfrásticas e sobre os processos e mecanismos de organização textual que inseriam textos em determinados contextos sociais, históricos , culturais e ideológicos.

Esta evolução faz surgir **uma nova unidade de análise** que vai além dos limites da frase: **o texto**, e **uma nova concepção de linguagem** :

“ ... a linguagem como forma ou processo de interação. Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações , agir,

atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor) . A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “ falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais.” (TRAVAGLIA- 1996:23).

Consideraremos, neste estudo, a linguagem como forma de ação e como meio de interação entre os homens, ou seja, como meio de interação social, dotada de intencionalidade. Esta concepção de linguagem como processo de interação e como processo em permanente construção é importante por levar os professores à crença de que seus alunos são indivíduos que realizam ações através da linguagem, ou seja, é através dela que constroem o mundo e se constituem como sujeitos. Acreditamos, assim como BAKHTIN (1929:123), que:

“A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psico-fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.”.

Já na década de 70 , o texto passou a ser abordado sob dois pontos de vista: o primeiro, o dos mecanismos sintático-semânticos responsáveis pela produção de sentido; o segundo, o da análise do texto como objeto cultural produzido a partir de certas condições de produção, condições culturais em uma relação dialógica com as condições históricas.

No Brasil, somente nos anos 80 é que chegaram os primeiros estudos da Lingüística Textual que tinham por objetivo o estudo e a pesquisa sobre a

natureza do texto visto como seqüências lingüísticas coerentes e os fatores que envolvem sua elaboração, sua produção e sua recepção.

A Lingüística Textual propõe verificar o que faz com que um texto seja um texto (princípios de constituição, fatores de coerência, condições em que se manifesta a textualidade), levantar critérios para a delimitação do texto e diferenciar as várias espécies de textos.

Para desenvolvermos nosso estudo, trabalharemos com o texto escrito e com a distribuição da informação. Portanto, é importante que nos posicionemos sobre as seguintes questões: texto, discurso, textualidade, segmento textual, estrutura informacional, progressão textual e tipologia textual.

2.1.2 Texto, Discurso e Textualidade

Segundo VAN DIJK (1972), a competência lingüística do falante não é frasal, mas textual. Os sujeitos se comunicam por meio de textos escritos ou falados. Para compreendermos melhor o fenômeno da produção de textos escritos, objetos de análise neste estudo, é importante definirmos o que entendemos por **texto e discurso**. Existem diversas conceituações para esses dois termos que variam de autor para autor. Alguns autores, como por exemplo Koch e Travaglia (1989), concebem-nos com sentidos diferentes, outros como Mira Matheus (1983) e Rocco (1981) já consideram esses termos como sinônimos com um só sentido. Para Mira Matheus (1983:185) *texto* é o mesmo que *discurso* :

“ um texto (um discurso) é um objeto materializado numa dada língua natural, produzido numa situação concreta e pressuposto os participantes locutor e alocutário, fabricado pelo locutor por seleção sobre tudo o que, nessa situação concreta, é dizível para (e por) esse locutor a um determinado alocutário” .

Também para ROCCO (1981:45) os termos *texto* e *discurso* aparecem praticamente como sinônimos:

“ Texto e discurso, a meu ver, não representam puramente uma somatória de frases, mas sim um todo semanticamente organizado e que corresponde a forma de expressão verbal de um determinado indivíduo em determinadas condições.”

Entretanto, para KOCH & TRAVAGLIA (1989:8) há distinção entre *texto* e *discurso*:

*“ **DISCURSO** é toda atividade comunicativa de um locutor , numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação - ou os seus e os de seu interlocutor , no caso do diálogo - como também o evento de sua enunciação. O **TEXTO** será entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua(falante, escritor/ ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão.”*

Neste estudo, estaremos considerando texto como algo diferente de discurso, mas interligados e interdependentes pois estaremos trabalhando com a utilização e o funcionamento da língua. Podemos dizer, então, que **TEXTO**, para nós, não é uma simples somatória de frases, é um objeto materializado em uma dada língua, formado por uma unidade de linguagem em uso, independente de sua extensão, que representa um todo semanticamente organizado, com determinações sócio-comunicativas e com uma unidade que

só terá sentido no momento da interlocução, quando o autor e o leitor ou ouvinte se engajarem na construção do sentido.

O **DISCURSO** será entendido, por nós, como sendo o ponto de articulação dos processos ideológicos e sociais e dos fenômenos lingüísticos, “é um conjunto de enunciados na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva” FOUCAULT (1969:135). O discurso não se confunde com o texto, que é concebido como a manifestação verbal do discurso. Ele vai além do texto lingüístico propriamente dito, pois envolve as condições sócio-históricas, culturais e ideológicas de produção, de construção e de reconstrução do texto, que podem ser percebidas e analisadas através de pistas (marcas lingüísticas) presentes no texto.

Pode-se dizer que, a partir dessas conceituações de texto e discurso e de suas distinções, a produção e a recepção de textos é influenciada por 3 (três) tipos de fatores: **pragmáticos**, que tem a ver com o seu funcionamento; **semântico-conceituais**, de que depende sua coerência; e **formais**, entre os quais destacamos a coesão.

Seguindo a lição de estudiosos como PÊCHEUX (1969:16-23), podemos dizer que os **fatores pragmáticos** incluem todos aqueles que têm a ver com a função de um texto num contexto extralingüístico . Entre estes fatores, os principais são: as intenções do produtor , o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso, além do contexto sócio-histórico , cultural e ideológico que caracteriza a comunicação.

As outras duas propriedades básicas do texto também se responsabilizam pelo sentido. O texto precisa ser percebido pelo receptor

como um todo significativo (coerência) e pela unidade formal, material (coesão) . Essas relações são responsáveis pela tessitura do texto.

Ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não simplesmente, um amontoado de frases ou elementos lingüísticos, damos o nome de **TEXTUALIDADE**, ou seja, é

“... o que faz de uma seqüência lingüística um texto e não uma seqüência ou um amontoado aleatório de frases ou palavras. A seqüência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-las como uma unidade significativa global. Portanto, tendo em vista o conceito que se tem de coerência, podemos dizer que é ela que dá origem à textualidade” (KOCH & TRAVAGLIA -1989:26).

BEAUGRANDE & DRESSLER (1981) apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso: a *coesão e a coerência* que para eles se relacionam com o material conceitual e lingüístico do texto, e a *aceitabilidade, a intencionalidade, a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade* que se relacionam, no processo sócio comunicativo, com os aspectos pragmáticos já abordados. FÁVERO (1991:7) acresceu um oitavo: a *contextualização*, mas que já está ligado aos fatores sócio-interativos abordados por KOCH.

Em nosso trabalho vamos adotar a posição de KOCH & TRAVAGLIA (1989 e 1990) para os quais o critério básico de textualidade, isto é, aquilo que faz com que uma seqüência lingüística seja um texto, é a Coerência, responsável pelo estabelecimento do sentido. Sentido é entendido como “atualização seletiva, no texto, de potencialidades significativas virtuais (significado) das expressões lingüísticas” (KOCH - 1989:13).

Os fatores de coerência apontados pelos autores acima referidos são: conhecimentos lingüísticos (incluindo mecanismos de coesão), conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, inferências, fatores de contextualização ou pragmáticos, situacionalidade, informatividade, intencionalidade/aceitabilidade, focalização, intertextualidade, relevância e consistência.

A coesão e a coerência são propriedades textuais em condições de forte inter-relacionamento. Para nós, a **COERÊNCIA**, fator fundamental da textualidade para o estabelecimento do sentido, vai além da superfície textual por ser um fenômeno externo e subjacente à essa superfície pois depende também, da situação comunicativa que contextualiza o texto. Ela envolve os aspectos lógicos, semânticos e cognitivos por depender do conhecimento partilhado entre os interlocutores.

Já a **COESÃO** tem a ver com a maneira como o texto é redigido na superfície textual, ela é a organização, a ligação entre os elementos da superfície do texto que, além de unir, correlaciona as partes de uma frase ou as frases entre si e, em especial, neste trabalho, um recurso acima do intrafrasal e do interfrasal, o modo como os segmentos-tópicos se combinam para assegurar a organização, o desenvolvimento e a progressão textual. A Coesão deve ser vista do ponto de vista sintático, gramatical e semântico. Ela tem relação com a coerência na medida em que é um dos fatores que possibilita calculá-la, mesmo não sendo nem necessária nem suficiente para o estabelecimento da coerência. Enfim, usaremos a Coesão como um recurso acima do intrafrasal e do interfrasal, no aspecto de sua função, para garantir a continuidade e a unidade do texto.

Limitaremos o estudo e a análise desses recursos ao texto escrito, que constitui nosso *corpus*, tendo em vista as exigências sociais face ao bom desempenho da escrita formal. Por nosso estudo se interligar mais às questões lingüísticas, têm especial interesse três outros elementos que, de certa forma, estão relacionados com a coerência no que se refere à colocação e a distribuição informacional para a progressão textual e para melhor qualidade do texto: o segmento textual, a estrutura informacional e a progressão textual.

2.1.3. Segmentos Textuais

Como vamos trabalhar com a distribuição da informação em segmentos textuais, procuramos ver alguns autores que tenham trabalhado com análises de textos dividindo-os em segmentos.

GIORA (1983) em seu estudo mostrou-nos sua tentativa de estender a noção de coesão além do nível da frase por vê-la como uma exigência do texto para associação entre segmentos maiores do que uma frase, optando pelos seguintes tipos de segmentos: Parágrafos, Capítulos inteiros e Estrofes.

Da mesma forma, KAPPEL (1996) , a partir do trabalho mencionado acima, abordou o mesmo estudo, em língua portuguesa, com os seguintes segmentos: Parágrafos e Estrofes.

Por outro lado, CARRETER & LARA (s/d) partindo da posição de que para se analisar um texto não podemos decompô-lo, mas sim analisar, ao mesmo tempo, o fundo e a forma, mostram-nos em análise de textos literários que, para a determinação da estrutura, tem-se que descobrir os segmentos

observando-se as variações temáticas que mais se destacam. Para os autores segmento é:

“... cada uma das partes que podemos descobrir no texto....Segmento não significa parte que se possa distinguir à primeira vista .. Não se deve confundi-la com divisões externas do texto , que se notam visualmente, tais como estrofes, na poesia, ou parágrafo, na prosa. Os segmentos são provenientes de modulações diversas que o tema adquire, à medida que se desenvolve num texto. ...Os segmentos caracterizam-se e distinguem-se entre si porque o tema adquire, em cada um deles, modulações mais ou menos diferentes. (CARRETER & LARA s/d: 34-35).

Utilizando-se também da divisão em segmento-tópico que não coincide com a divisão das estrofes, CÂNDIDO (1993:25) faz análise de textos literários em verso.

Finalmente, JUBRAN et alii (1992) partem da hipótese de que a conversação espontânea, apesar da quase simultaneidade entre planejamento e execução, é uma atividade altamente organizada, na qual os falantes constroem e desenvolvem um tópico organicamente estruturado. Para isso, propõem uma categoria descritiva do tópico, rejeitando as categorias que se limitam em sentenças, mostrando como os tópicos se organizam hierarquicamente em super-/sub-tópicos.

Neste trabalho, vamos adotar a segmentação proposta por JUBRAN et alii, elaborada para o texto oral, mas que em termos de segmentação , de conceituação e de organização tópica , a nosso ver, se aplica perfeitamente ao texto escrito e serve aos nossos propósitos de análise. Segundo esses autores, a organização tópica de um texto considera os quadros tópicos, os subtópicos e os segmentos-tópicos que se ramificam a partir de um supertópico. O tópico é a fonte central da elaboração textual.

O tópic, entendido como aquilo sobre o qual o texto está falando, é o princípio central da organização discursiva. A manutenção tópica e sua expansão em segmento-tópico a partir de uma segunda unidade de sentido, propicia o desencadeamento de uma informação nova que nos conduz a uma progressão temática.

Em princípio, utilizam-se da conceituação de GOFFMAN (1976 *apud* JUBRAN 1992:360) sobre Tópico: “interação centrada”, fio condutor responsável pela tessitura e coerência. Devido ao caráter amplo, vago e abstrato de tema e assunto preferem empregar a palavra tópic. Para a caracterização e identificação de uma unidade de análise de estatuto discursivo, adequada à descrição textual- interativa do português falado, estabeleceram os traços que definem o *tópico discursivo* como categoria operacionalizável.

Para esses autores, as propriedades definidoras do tópic discursivo enquanto categoria abstrata são:

(i) **CENTRAÇÃO** : diz respeito ao conteúdo. Permite delinear qual é o assunto ou tema e abrange os traços de:

a) **CONCERNÊNCIA**: relação de interdependência entre os enunciados (implicativa, associativa, exemplificativa) pela qual se dá sua interação no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis;

b) **RELEVÂNCIA**: dominância do conjunto pela posição focal assumida pelos seus elementos:

c) **PONTUALIZAÇÃO**: localização do conjunto focal em um momento da mensagem.

(ii) **ORGANICIDADE**: organiza o discurso: organização tópica. É manifesta por relações de interdependência que se estabelecem simultaneamente em dois planos:

a) **PLANO HIERÁRQUICO**: vertical, super/ sub-ordenação. São as relações de interdependência entre os tópicos de acordo com a abrangência maior ou menor do assunto. Forma o Quadro Tópico: supertópico (st), mais abrangente; subtópico (sbt) divisão interna em tópicos co-constituintes; subdivisão do tópico co-constituente.

b) **PLANO SEQÜENCIAL** : linear. Distribuição tópica na linearidade discursiva: continuidade e descontinuidade.

A continuidade decorre de uma organização seqüencial dos segmentos tópicos em que a abertura de um se dá após o fechamento do outro, precedente. Define-se por uma relação de adjacência que ocorre no esgotamento do tópico anterior, segundo as condições de contigüidade no plano inter-tópico e de esgotamento, no plano intra-tópico. Já a descontinuidade se define pela suspensão definitiva de um tópico, ou pela cisão de um tópico em partes decorrentes da intercalação de segmentos não atinentes ao tópico cindido. Ocorrendo o retorno após a interrupção, teremos os fenômenos de inserção e alternância.

A mudança de tópico , manutenção e progressão do texto podem ocorrer de três formas: continuidade, esgotamento natural do tópico anterior; passagem gradativa feita através dos tópicos de transição ; e a introdução de um tópico sem esgotar o anterior.

O movimento tópico pode se fazer por meio dos seguintes processos: usar formulações de um objeto para constituir linhas diferentes de tópicos,

falar de entidades que podem ser chamadas de membros da mesma classe ou expandir um elemento que, no tópico em desenvolvimento, fora rapidamente referido ou figurava como marginal no conhecimento de mundo dos interlocutores (dar exemplos, fazer sínteses, análises, comparações etc).

Embora sejam categorias que foram estabelecidas no estudo do português falado, pensamos que essas categorias são igualmente aplicáveis no texto escrito, como a própria conclusão dos autores nos diz:

“... as conclusões a que se chegou aqui são de algum modo generalizáveis para outros textos, além do tipo estudado. Nesse caso inclui-se também o texto oral monologado e, de certo modo, os textos escritos, já que, no essencial, eles não trazem muita novidade em termos de estruturação tópica. Apenas seguem outros padrões que devem ser identificados como próprios dessa modalidade de uso da língua.” (JUBRAN et alii 1992: 397).

Vamos usar neste trabalho a conceituação de tópico ao invés de assunto que parece ficar muito ao nível de frase. Preferimos usar a proposta de JUBRAN et alii (1992) E CARRETER & LARA(s/d) que propõem o segmento-tópico, estes no texto escrito, aqueles no texto oral.

Como nosso objetivo não é definir as marcas de delimitação tópica, iremos usar isso apenas subsidiariamente, como recurso para identificar o segmento-tópico, para analisar as informações central ou principal / secundária e dada / nova.

2.1.4. Estrutura Informacional

Para a relação TEMA-REMA / DADO-NOVO / TÓPICO-COMENTÁRIO existem posições divergentes:

Para MATHESIUS (*apud* COMBETTES, 1983:11) e para os tchecos funcionalistas da Escola de Praga temos três categorias no nível temático: TEMA (conhecido, ponto de partida para o emissor), TRANSIÇÃO e REMA (o que se afirma sobre o tema, o “novo”) (*apud* COMBETTES - 1983:110).

Para KASSAI (1976:123 *apud* MOREIRA 1992:34) o TEMA é o elemento já conhecido e o REMA traz informações novas com ancoragem.

Entretanto, HALLIDAY (1974:53) traz uma posição diferente: o TEMA não se relaciona com a veiculação da informação conhecida, nada tem a ver com menção prévia. É o elemento da Perspectiva Funcional da Sentença, o que é realizado pela posição que ocupa no início da frase, primeira posição.

A teoria de FIRBAS (1964:272) não está em consonância com as idéias de Mathesius de que tema seja apenas o conhecido e rema o elemento novo, discorda também de Halliday com relação ao tema ocupar o primeiro lugar na frase e propõe: TEMA elementos frasais que contêm informação conhecida ou a ser inferida; REMA informação nova, desconhecida, parte independente.

De acordo com PRINCE (1981:225) há uma escala de familiaridade: se estiver na consciência VELHO, se está sendo introduzido, NOVO. As entidades do discurso podem ser classificadas como novas, evocadas e inferidas.

Já para COMBETTES (1983:19) assim como para os psicolinguistas, o TEMA é o elemento que já pertence ao campo da consciência. Não é o

conhecido, é o dado, depende do contexto. É a partir deles que ocorre o desenvolvimento da informação nova (REMA).

Por outro lado, BARDOVI-HARLIG (1990:45), lingüista americana, usa a terminologia TÓPICO e COMENTÁRIO. Para essa autora, o TÓPICO é aquilo sobre o qual o resto da frase é e o COMENTÁRIO tem informação dada e nova. Essa informação nova é tida como “foco” que é o responsável pelo avanço da informação.

Entenderemos o Tema ou Tópico como a informação dada e o Rema ou Comentário como a informação nova.

Com relação à informação, podemos enfocá-la sobre o grau de importância que ela assume no contexto. FRIES (1992), ao analisar a estrutura informacional em textos escritos de propagandas em inglês, aborda que pontos relevantes podem ser marcados por pontuação, por destaques no modo de redigir e pela colocação da informação principal no final de frases para que o leitor se lembre das idéias mais importantes.

Nosso estudo sobre estrutura informacional vai além do nível frasal. Tentaremos abordar as posições que ocupam nos segmentos-tópicos as informações principal, superior, dominante ou central de primeiro plano e a secundária, inferior de segundo plano; e as informações dada/nova em posição temática e remática. A informação de primeiro plano pode se referir à informação nova por ter mais relação com o objetivo do texto e que, possivelmente ocupará a posição remática, em posição final de segmento-tópico; a de segundo plano poderá ser a informação dada, conhecida, que, possivelmente, ocupará a posição temática, sendo usada apenas como uma forma de orientar o leitor a receber a mensagem que está por vir.

Fizemos um levantamento de alguns critérios para diferenciar a informação principal da informação secundária:

a) A informação principal deve estar relacionada com o objetivo do texto

Para FRIES (1992), a informação principal está ligada ao objetivo. O autor parte da análise de textos de propaganda que possuem a característica de serem bem estruturados, feitos para um público-alvo bem definido através de pesquisas, com objetivos específicos já que conhecem quais são as expectativas de quem vai receber o texto de propaganda.

Na maioria das redações de vestibular, *corpus* de nossa análise, o aluno recebe o tema, mas não tem bem definido o objetivo nem o público-alvo. Os vestibulares deveriam se estruturar de modo a não dar apenas o tema mas também o objetivo, tendo em vista que os estudos de Linguística Textual já têm abordado sobre essa necessidade. Fica aqui registrado esse estudo realizado por FRIES no qual ele afirma e comprova na análise de textos publicitários, que a informação principal está diretamente relacionada com o objetivo do produtor do texto para que se reforce a recomendação de que as provas de redação de vestibular deveriam não só propor o tema mas também deixar claro o objetivo e o público-alvo a fim de que o candidato tenha condições adequadas para elaborar seu texto.

Ao solicitar as provas de redação de várias universidades, recebi o relato de uma experiência que a Universidade Federal do Paraná tem executado que procura atender esses requisitos. A prova de redação do vestibular de 1997 foi dividida em cinco questões discursivas distintas que englobam cinco aspectos diferentes da escrita pois são solicitadas habilidades específicas em cada uma, valorizando um domínio maior da linguagem em

toda a diversidade de seus registros e formas. As questões são mais precisas e menos vagas.

Para exemplificar, a primeira questão do vestibular do primeiro semestre de 1997 recebeu a seguinte instrução: Escreva uma carta de até 10 linhas, repassando as principais informações do quadro abaixo a um(a) amigo(a) que pretende fazer este exame de seleção.

<u>Exame de seleção</u>	
Data do exame:	10/01/1997
Horário de fechamento dos portões:	7h20
Horário de início do exame:	7h30
Duração mínima:	1h30
Duração máxima:	4h
Documentos exigidos:	RG e cartão de inscrição
Material permitido na sala de exame:	caneta azul, lápis e borracha
Publicação dos resultados:	10/02/1997
Matrícula dos classificados:	12/02/1997

Esse tipo de questão deixa bem definido o público-alvo de seu texto e o seu porquê, qual é o seu objetivo, possibilitando ao vestibulando a seleção das informações importantes, qual o domínio que deverá ter em relação à forma escrita de seu texto, atendendo assim, o objetivo primordial de uma prova de redação em vestibular: avaliar a competência lingüística do candidato quanto ao seu domínio da modalidade escrita da língua.

Outro aspecto positivo, que é de natureza operacional, dessa prova que achamos interessante mencionar é que cada aluno passa por cinco equipes diferentes de correção pois cada questão é corrigida por uma equipe diferente o que reduz a probabilidade de erros na avaliação, tendo em vista que, por mais que se tenham critérios estabelecidos para a correção, há fatores subjetivos, que influenciam a correção, como, por exemplo, o corretor ser mais ou menos rígido. Em um sistema de avaliação em que o candidato produz um único texto que é corrigido por uma só equipe, a probabilidade do

candidato ser prejudicado pelos aspectos subjetivos que influenciam o corretor é bem maior.

Sobre a necessidade da exposição dos objetivos, acrescentaríamos as evidências experimentais expostas por KLEIMAN (1989 b: 29-44) com relação aos objetivos e expectativas de leitura. A autora, em uma experiência realizada com alunos do 2º. grau noturno, aplicou o exercício em dois grupos. Um grupo deveria fazer um resumo de um texto sem ser dado nenhum objetivo. Já para outro grupo foi dado um objetivo específico: deveriam fazer um resumo para ser submetido ao jornal da escola que estava precisando de um artigo sobre o assunto. Os resultados obtidos comprovaram que o grupo que recebeu a explicação dos objetivos não só escreveu melhor como também percebeu melhor o tema.

Em outra pesquisa realizada por dois psicólogos americanos (RICKHEIT & STROHNER, 1986:10), o mesmo texto foi dado para dois grupos com objetivos diferentes de leitura: lembrar detalhes importantes para quem interessa comprar a casa que estava descrita no texto e para quem estivesse interessado em arrombar a casa. A recuperação das informações principais nos dois grupos foram diferentes.

Isso comprova que, tanto para quem vai escrever ou ler um texto, os objetivos são fundamentais para que se realize um trabalho melhor em torno do tema e para estabelecer que idéias serão tidas como principais no texto.

Baseados nesta segunda experiência também realizamos em sala o mesmo exercício, obtendo o mesmo resultado. Posteriormente readaptamos o texto colocando as informações principais destacadas pelos alunos em ordens diferentes, criando duas versões, dois textos, com o mesmo conteúdo em ordens diferentes, para que eles escolhessem a que tivesse ficado melhor para verificarmos se ocorreria a preferência pela colocação no final de segmento-

tópico. O relato dessa experiência está em detalhes no último item deste estudo.

Com relação à colocação das idéias principais no texto, Kleiman afirma que o leitor, ao realizar a leitura superficial de um texto jornalístico, realizará um processo de leitura “pré-leitura seletiva”, ou seja “Skimming” quando ele selecionará **os primeiros ou os últimos períodos de parágrafos** e tabelas para obter uma idéia geral sobre o tema e subtemas.

De fato, a forma do texto determina, até certo ponto, os objetivos de leitura... o objetivo geral ao ler o jornal é diferente daquele quando lemos um artigo científico. Por exemplo, na leitura de um jornal, já na primeira página o leitor faz uso de mecanismos para a apreensão rápida de informação visual dando uma mera passada de olhos, (processo este chamado de “scanning” ou avistada) geralmente a fim de depreender o tema de diversos itens a partir das manchetes . Uma vez localizada a notícia de interesse, é provável que o artigo seja lido procurando detalhes sobre o assunto. Por outro lado, se estamos em dúvida sobre o possível interesse de um artigo, é provável que utilizemos uma pré-leitura seletiva “skimming” que consiste em ler seletivamente os primeiros ou os últimos períodos de parágrafos, as tabelas, ou quaisquer outros itens selecionados pelo leitor a fim de obter uma idéia geral sobre o tema e subtemas.”(KLEIMAN,1989 b:33).

Segundo essa autora, os primeiros ou os últimos períodos de parágrafo são capazes de fornecer uma idéia geral sobre o tema e os subtemas. Podemos entender então, que a colocação das informações principais em um texto tem essa ordem preferível o que reafirma , em parte, nossa hipótese de que a ordem preferível para colocação das informações principais é no final do segmento-tópico.

b) A informação principal tem a ver com a idéia que a pessoa quer passar e defender no caso da argumentação.

O produtor do texto é a pessoa que vai definir o principal ao apresentar seu texto que será julgado pelo leitor.

Veja a análise de alguns fragmentos de redação em que pudemos observar esse fato:

i) “Somos livres, desde que não tenhamos praticado nenhum ato ilícito, para ir e vir. Isto é o que consta da nossa Constituição. Muitas pessoas acreditam que isso possa ser tudo que precisamos para sermos livres. **Não é somente uma cela de cadeia que pode nos prender, mas sim, atos impensados ou respostas prontas e acabadas, também nos faz prisioneiros.**” (UNIVERSIDADE DE UBERABA, 1º sem. melhores)

Observamos que o vestibulando, autor desse texto, parte do conceito de liberdade na Constituição de que, para ser livre, basta poder ir e vir por não ter cometido nenhum ato ilícito e que, segundo o candidato, é a opinião da maioria das pessoas. Posteriormente, coloca a sua opinião em relação à liberdade discordando da colocação anterior pois, para ele, a liberdade não é só impedida por uma cela de cadeia, mas sim, pela consciência das pessoas que agem impensadamente ou radicalmente.

O principal, para esse autor, em relação à temática apresentada só foi colocado no final do segmento-tópico. Partiu da opinião da maioria das pessoas sobre o assunto para só colocar a sua opinião no final.

ii) “O povo conheceu , nos anos do regime militar no Brasil, a mais pura forma de repressão à liberdade. A censura fez com que os pensamentos e as idéias de cada um desaparecessem e o exílio foi uma das conseqüências para aqueles que não conseguiram ficar calados. **Tudo isso para manter o regime político que interessava aos poderosos, uma minoria comparada**

ao restante da população.” (UNIVERSIDADE DE UBERABA, 1º Sem. melhores).

O mais importante, para esse autor, é o que ele denuncia no final do parágrafo: que o regime militar no Brasil, que reprimia a liberdade, foi mantido pelo interesse de uma minoria poderosa que queria a sustentação da dominação.

iii) “A situação é grave e geral em todo o Brasil: médicos estão escolhendo os próprios pacientes para darem assistência. Uma escolha bastante radical que consiste em atender aqueles que têm mais probabilidade de se recuperar. **Será que um médico tem toda capacidade de saber qual paciente tem chance ou não de viver?”** (UFU, lo. sem, tema A, melhores)

O autor desse fragmento afirma que os médicos estão escolhendo os pacientes para dar assistência. No final ele questiona se o médico tem essa capacidade deixando transparecer seu posicionamento contrário a essa atitude. O ponto de vista do autor ficou claramente marcado no final do parágrafo com a interrogação feita.

c) As orações adjetivas se encarregam da informação secundária

Para comprovação dessa afirmação, partiremos das análises já realizadas por TRAVAGLIA (1996:155). No exemplo (108 c) apresentado pelo autor, “**O gato que é branco roubou o peixe**”, as expressões “que é branco” e “roubou o peixe” são consideradas informações novas, sendo que a primeira informação é secundária e a última, principal. Pode-se observar nos exemplos dados que, na hierarquização das informações novas, a informação principal fica em posição final da frase:

“Essa frase seria usada em uma situação em que a informação de que o gato é branco é secundária dentro da fala, já que o mais importante é dizer que ele roubou o peixe.” (TRAVAGLIA, 1996:155).

Se invertêssemos a colocação das informações da frase anterior para **“O gato que roubou o peixe é branco”** seria diferente pois o mais importante passa a ser a informação de que o gato é branco. Poderíamos exemplificar com uma situação em que alguém procura saber qual gato roubou o peixe e era-lhe respondido que foi o gato branco. Nesse caso a informação principal deslocou-se da posição mediana para a posição final da frase.

Utilizando-se de conhecimentos matemáticos na verificação de quantas maneiras diferentes podemos reorganizar uma frase MULLER (1973:41 apud CHOCIAY, 1993:16), por análise combinatória, em casos de permutação, constata que o número de permutações de n elementos é o produto dos números inteiros de 1 a n . A mudança na ordem dos blocos constitutivos de uma frase ou texto darão várias opções de construção. Exemplificando:

“Nós não podemos obter este livro em Londres.” ... Se observarmos que, no conjunto da frase dada, são intercambiáveis os blocos “nós”, “não podemos”, “obter”, “este livro”, “em Londres”, verificaremos que o número de permutações (no caso, o produto dos números inteiros de 1 a 5) é de 120.” (CHOCIAY, 1993:17)

A escolha da ordem será de acordo com os objetivos do autor do texto que selecionará o que for mais importante e poderá expressar isso para seu leitor colocando a informação mais importante no final do segmento-tópico.

d) Orações reduzidas veiculam informações secundárias

Em TRAVAGLIA (1991: item 6.3.6), encontramos um estudo sobre as formas verbais em diversas tipologias textuais, constatando que as formas verbais têm a ver com a veiculação de informações:

- a) na dissertação, as formas nominais do verbo (orações reduzidas) expressam informações secundárias, excetuando o infinitivo, quando forma orações subordinadas substantivas;
- b) na descrição, as formas nominais também veiculam informações secundárias;
- c) na injunção, as formas nominais também indicam informações secundárias: o infinitivo sem modalidade imperativa, indica modo, fim ou forma orações substantivas tal como nos outros tipos de texto.

Analisando o Capítulo referente às **orações reduzidas** da *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* de Cegalla, o autor coloca-nos que :

“a) *Afirmou o sertanista [que não há selvagens gigantes].*

b) *Afirmou o sertanista [não haver selvagens gigantes].*

Tanto na primeira como na segunda construção, a oração entre colchetes é subordinada substantiva objetiva direta. A forma dessa oração é diferente, mas o sentido é o mesmo.”³ (CEGALLA, 1988:351).

Questionamos se o sentido seria o mesmo. Quando digo “Ao saber isso, entristeceu-se.” terá o mesmo sentido que “Quando soube isso entristeceu-se.”? Intuitivamente, percebemos que, quando a oração é reduzida, a informação nela contida é vista como secundária ao passo que quando a oração é desenvolvida, a informação não é vista como secundária. Se o

³ *Destaque nosso.*

mesmo fato ora é importante ora secundário não estará fazendo diferença de sentido?

Além dessa diferença, será que a mudança na colocação da informação influenciará na melhoria do texto? Entre “Ao saber isso, entristeceu-se.” e “Entristeceu-se ao saber isso.” parece-nos que a primeira, que coloca a informação principal no final da frase, tem a preferência.

Relacionando com nossa pesquisa, a colocação da informação principal no segmento-tópico também terá a preferência no final do segmento?

e) Orações coordenadas contêm informações principais e orações subordinadas contêm informações secundárias, complementares?

O período composto pode ser constituído por orações autônomas, independentes, com valor igualitário, a que se dá o nome de **coordenadas**, pois cada uma tem sentido próprio ou pode ser constituído por orações sem autonomia gramatical, pois uma oração, tida como **subordinada**, desempenha uma função sintática em outra oração, é dependente de outra tida como principal.

Na frase “Quando o espelho quebrou, Maria estava tricotando.” a oração subordinada no início aparece como um informação dada, já conhecida por todos, não podendo ser alterada. Já a informação final, nova, “Maria estava tricotando” poderia ser substituída por “Maria estava caminhando”. Invertendo as posições, a análise passa a ser diferente: “Maria estava tricotando quando (de súbito) o espelho quebrou.”. A oração subordinada “quando (de súbito) o espelho quebrou” está no final, em posição de primeiro plano, como informação nova, podendo agora ser substituída por outra “...quando (ao esbarrar) quebrou o espelho.”

Sendo assim, para nós, a informação principal está ligada muito mais às intensões (conteúdos, significados) e objetivos do autor do texto do que à forma. Podemos ter orações subordinadas em posição inicial de segmento com informação secundária e na posição final do segmento-tópico ser uma informação principal, de acordo com as pretensões do autor do texto.

Essas foram as formas que encontramos para perceber se a informação é principal ou secundária em um texto. Tentaremos verificar todos esses fatores em nossa análise.

2.1.5. Progressão Textual

Ao contrário de CARNEIRO (1993:31) que parte em seu trabalho sobre o adjetivo e a progressão textual, do conceito de progressão, como “simplesmente o ato de estender o texto”, entenderemos por progressão textual o mesmo que na visão de CHARROLLES (1978:20), como sendo o acréscimo da idéia nova, ou seja, a progressão semântica. As relações entre informações dadas e novas que aparecem no texto no plano da coerência são somadas para garantir a progressão textual. No plano da coesão, a língua dispõe de mecanismos para manifestar essas relações entre o dado e o novo.

Na seqüenciação do texto, o modo como se opera a progressão temática tem grande relevância. Para CHARROLLES (1978):

“A progressão semântica, contrapartida da repetição ou continuidade, é a segunda condição de coerência e coesão. O texto deve retomar seus elementos conceituais e formais, mas não pode se limitar a essa repetição”.

Como estratégia de articulação textual, o uso de mecanismos de coesão seqüencial para a progressão textual difere da simples repetição que causa a circularidade. É a união de novas informações a propósito dos elementos retomados. Esse acréscimo semântico faz o texto progredir.

A recuperação de uma informação nova em posição temática no segmento-tópico seguinte com base nos recursos da coesão referencial, como por exemplo, repetição do mesmo item lexical, nominalização, expressão nominal definida, etc (Cf. KOCH, 1989), é considerada por nós uma estratégia de articulação textual. O uso desse recurso terá função coesiva, ao focar a sua atuação na estrutura da organização tópica, uma vez que possibilita a marcação lexical dos termos que sustentam tal organização, favorecendo a continuidade e a unidade do texto.

A reiteração da coerência referencial ocorrerá pela necessidade de vínculos de coesão entre os segmentos-tópicos diferentes e não uma simples circularidade.

Segundo LEMOS (1977), existem repetições que não contribuem para a progressão textual são apenas repetições viciosas das mesmas idéias:

“ Ao tipo de desvio que se designou por circular , correspondem relações entre sentenças, períodos ou parágrafos, em que um elemento X (sentença, período e parágrafo) é justaposto ou ligado por conectivo a um elemento Y do mesmo nível ou classe (sentença, período e parágrafo), sendo o conteúdo de Y total ou parcialmente idêntico ao de X.” (LEMOS:1977:68).

Concordamos com o parecer de Moreira (1991: 5-6) ao colocar que:

*“...nem sempre no caso de o conteúdo de Y ser **parcialmente** idêntico ao de X, se pode falar em circularidade. Frequentemente, a recorrência tem função*

argumentativa : o propósito é orientar o leitor para determinadas conclusões, com exclusão de outras”.

A repetição será vista por nós, assim como para ANTUNES (1996), como um poderoso fator para o exercício da elucidação da mensagem veiculada na progressão textual:

“...o emprego da repetição de unidades e da repetição de seqüências de unidades, como estratégia de prover e indicar a organização seqüencial do texto; por estas vias, seria possível conferir à repetição um caráter menos unilateralista, no sentido de que se evidenciariam, também, os resultados positivos do seu emprego para deixar a seqüência do texto contínua e unificada” (ANTUNES - 1996:309)

O próprio CHAROLLES (1978), ao propor quatro meta-regras de coerência: *repetição, progressão, não-contradição e relação*, já falara até mesmo na necessidade da repetição para que um texto seja coerente.

KOCH E TRAVAGLIA (1989:50) citam as meta-regras de Charolles e enfocam a repetição e a progressão como construtores da coerência:

“O que se depreende dessas duas regras é que, em todo texto, deve haver retomadas de elementos já enunciados e, ao mesmo tempo, acréscimo de informação . São estas idas e vindas que permitem construir textualmente a coerência.”

Em se tratando de produção e de recepção textual, o avanço da informação é um aspecto que deve ser focado com ênfase , devido a sua importância. Para o estudo da progressão temática as questões de tema/rema, dado/novo, tópico/comentário são relevantes no dinamismo comunicativo.

A questão da articulação tema/rema foi desenvolvida por alguns funcionalistas que se preocuparam com a organização e hierarquização

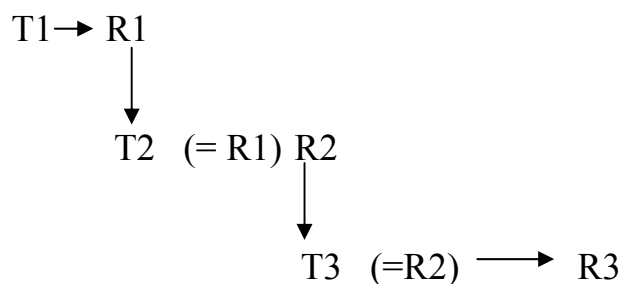
(blocos comunicativos - tema/ tópico/ dado e rema/ comentário/ novo⁴) das unidades semânticas de acordo com a perspectiva **oracional** em que o tema é aquilo que se toma como base para a comunicação, aquilo de que se fala independente de ser o dado, e rema é aquilo que se afirma sobre o tema, independente de ser o novo; e a perspectiva **contextual** em que o tema é a informação deduzível e o rema, a informação nova, não deduzível.

Alguns tipos de progressão já foram analisados por lingüistas. Dentre eles podemos citar os tipos propostos por Danes e os propostos por Lautamatti.

Segundo Danes (1974:114), “Progressão temática deve ser vista como a base, o esqueleto (skeleton) do enredo (plot)”. O autor combina a perspectiva oracional e a contextual com a concepção de progressão temática, pois sua preocupação é com a organização do texto e não da frase, e classifica a estrutura textual em 5 (cinco) tipos de progressão:

I- PROGRESSÃO TEMÁTICA LINEAR - o rema de cada enunciado - ou uma parte do rema - torna-se tema do enunciado seguinte, o rema deste, a tema do seguinte, e assim sucessivamente. Isso pode ser representado pelos seguintes esquemas e exemplo:

Esquema 1 -sugerido por MOREIRA (1991:41) :



⁴ Estamos emparelhando tema/tópico/dado e rema/comentário/novo para efeito da observação do trabalho, mas sabemos que há diferenças entre esses conceitos que, todavia, não são relevantes para o nosso trabalho.

As setas horizontais indicam a relação tema/rema, ou seja, a progressão nas frases e as setas verticais indicam o encadeamento no texto, a ligação contextual.

Esquema 2 - sugerido por KOCH (1989:58)

A → B

B → C

C → D

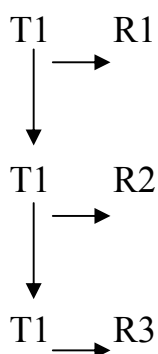
Exemplo:

(1) *“Pensadores de todas as épocas da história teceram múltiplas teorias sobre as possíveis causas da agressão do homem pelo homem. Alguns responsabilizaram a “natureza” humana, outros invocaram a autoria de demônios para nossos atos violentos e, mais recentemente, alguns empenharam-se com fervor em explicar a violência social através de Édipo ou da primeira infância. (...). Surgiram, então, os que encontraram na **estrutura da sociedade** as raízes da violência social.*

*A **estrutura de uma sociedade** é determinada, principalmente, pelo arcabouço econômico de seu funcionamento....” (KAPPEL, 1996:203).*

I I - PROGRESSÃO TEMÁTICA COM TEMA CONSTANTE: em que, o mesmo elemento temático aparece em enunciados sucessivos, variando, em cada um destes, apenas o rema; a um mesmo tema são acrescentadas novas informações remáticas. É muito freqüente em narrações de alunos onde o herói é o tema da maior parte das frases e o rema introduz apenas novas ações. Podemos representar pelos seguintes esquemas:

Esquema 3 - sugerido por MOREIRA (1991:42) :



Esquema 4 -sugerido por KOCH (1989:59)

A → B

A → C

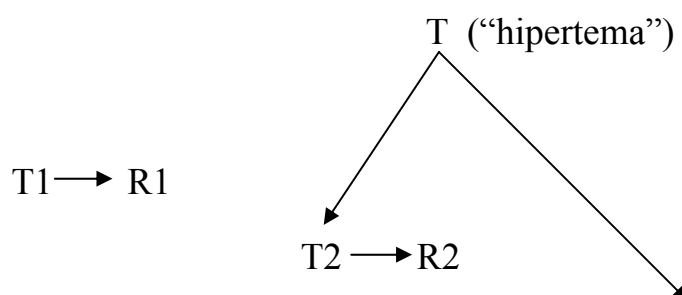
A → D

Exemplo :

(2) “O cão é um animal mamífero e quadrúpede. Ele tem o corpo coberto de pêlos
O cão é um excelente guarda para nossas casas. (10) É um animal muito fiel.”
(KOCH - 1989:58).

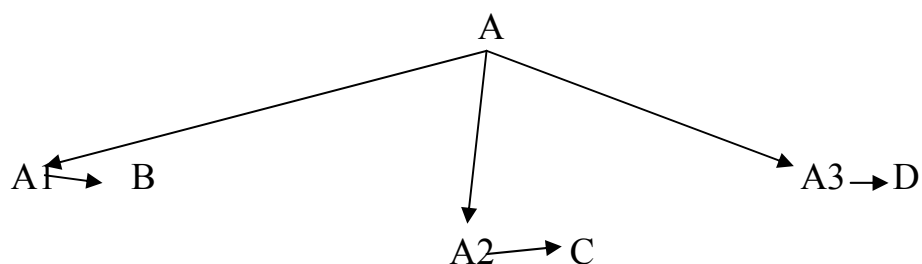
III - PROGRESSÃO TEMÁTICA COM TEMA DERIVADO-
subtemas (temas parciais) originam-se de um “hipertema” comum. Aparece
com freqüência em textos descritivos e argumentativos, quando desenvolve
diferentes pontos. Teremos as seguintes possibilidades de representação:

Esquema 5 - sugerido por MOREIRA (1991:43)



T3 → R3

Esquema 6 - sugerido po KOCH (1989:59):

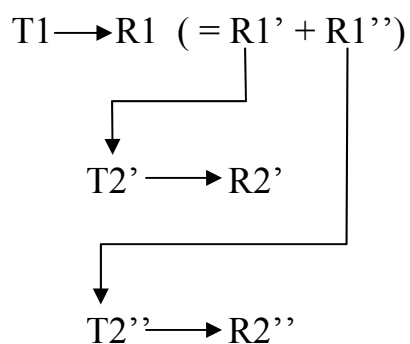


Exemplo:

(3) “O Brasil é o maior país da América do Sul. A região norte é ocupada pela bacia Amazônica e pelo Planalto das Guianas . A região nordeste caracteriza-se, em grande parte, pelo clima semi-árido. As regiões sul e sudeste são altamente industrializadas.(KOCH- 1989:59).

IV -PROGRESSÃO TEMÁTICA COM REMA SUBDIVIDIDO - os elementos de um rema “múltiplo” dão origem a vários temas, ou seja, é o desenvolvimento das partes de um rema superordenado. Podemos ter os seguintes esquemas:

Esquema 7 - sugerido por MOREIRA (1991:44):



Esquema 8 - sugerido por KOCH (1989:59):

A → B (= B1+B2+B3...)

B1 → C

B2 → D

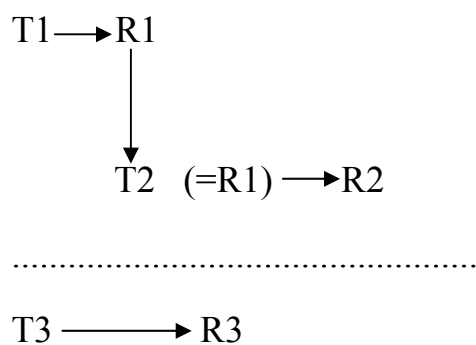
B3 → E

Exemplo:

(4) “Vamos falar agora das partes do corpo humano. A cabeça é formada de crânio e face. O tronco compõe-se de tórax e abdômen. Os membros dividem-se em superiores e inferiores.” (KOCH - 1989:59).

V - PROGRESSÃO COM SALTO TEMÁTICO - omissão de um enunciado, segmento intermediário da cadeia de progressão temática, que pode, sem dificuldade, ser depreendido do contexto. Isso pode ser representado por:

Esquema 9 - sugerido por MOREIRA (1991:46):



Esquema 10 - sugerido por KOCH (1989:60):

A → B

B → C

.....

D → E

Exemplo:

(5) *“Atualmente, um dos principais fatores que interferem no equilíbrio do homem/meio ambiente é a poluição. Gases venenosos tornam irrespirável o ar das grandes cidades. /0/0/0 As doenças das vias respiratórias contribuem para o aumento da mortalidade infantil, principalmente no inverno.”* (MOREIRA -1991: 47)

Percebe-se facilmente que no trecho /0/0/0/ poderia estar escrito: “e isso gera” ou “o que cria” ou “o que acarreta doenças das vias respiratórias”. Preenchido esse espaço, a oração seguinte sofreria uma adaptação empregando-se o pronome relativo: “...as quais contribuem para o aumento....”.

Segundo LAUTAMATTI (1978) a tipologia de progressão proposta é:

(i) PROGRESSÃO PARALELA - os tópicos das sentenças são semanticamente idênticos. É o que Danes chama de *progressão temática com tema constante*. A repetição de um mesmo tópico serve para reforçar a idéia na mente do leitor.

(ii) PROGRESSÃO SEQUENCIAL - neste tipo de progressão, os tópicos das sentenças são sempre diferentes, uma vez que o comentário da

sentença anterior fornece o tópico da sentença seguinte e assim por diante. Corresponde à *progressão temática linear*, na terminologia de Danes.

(iii) PROGRESSÃO PARALELA AMPLIADA - ocorre quando tópicos de sentenças semanticamente idênticos aparecem em pelo menos duas sentenças não adjacentes: a seqüência de um dado tópico de sentença é interrompida, temporariamente, por uma progressão seqüencial. O produtor do texto volta a um tópico mencionado anteriormente na redação. Esta volta favorece a elaboração do fecho, quando utilizada no final de um texto.

No projeto, havíamos selecionado dois tipos de progressão: Linear (Danes) ou Seqüencial (Lautamatti) e de Tema Constante (Danes) ou Paralela (Lautamatti) por serem as mais comuns nos textos dissertativos de vestibular já analisados por outros autores. Entretanto, percebemos também a incidência de progressão Temática com Rema Subdividido. Sendo assim, analisamos textos com esses três tipos de progressão.

2.1.6. Tipos Textuais

Dentre as tarefas básicas da Lingüística Textual encontramos a diferenciação das várias espécies de texto. Torna-se necessário distinguirmos algumas tipologias textuais, tendo em vista que vamos trabalhar com análise de textos escritos.

Partiremos, de acordo com TRAVAGLIA (1991), da idéia de que o tipo de relação de interlocução é fundamental para a tipologia, pois cada tipo

instaura uma forma de interação entre os interlocutores. Para que um texto seja de um tipo ou de outro, é preciso haver uma correlação entre propriedades e certas marcas, pois a tipologia é a possibilidade da concretização das intenções discursivas. Entendemos que o tipo do texto se define por uma relação de dominância de um tipo sobre o outro que também pode estar presente no texto.

Como nossa atuação profissional, enquanto professora de redação e leitura, é a de ensinar alunos do Ensino Médio e Superior a produzirem textos, optamos por trabalhar com o texto **dissertativo**, **podendo ser ou não argumentativo** de natureza *stricto sensu* ou não, que é o exigido para as redações de vestibular que constituem nosso primeiro *corpus*, mesmo que sejam de regiões diferentes, mas em uma mesma situação (a de prova de vestibular) , evitando assim, as flutuações de contextos que, segundo HALLIDAY (1979:109) seria o “meio ambiente no qual o texto vem à luz”. Para o segundo *corpus* escolhemos textos consagrados como bons principalmente dissertativos .

Quanto à superestrutura do texto dissertativo, muitos autores se preocupam apenas com a organização do texto segundo a seqüência aristotélica que determinou o esquema: Introdução - Desenvolvimento - Conclusão. Mas, só esses conhecimentos não têm ajudado os estudantes a produzirem textos eficazes com um bom desenvolvimento do tema proposto.

Em nosso trabalho vamos analisar, nas duas pesquisas, *corpus* contendo textos com predominância para a dissertação. Para isso, faz-se necessário que o caracterizemos, de acordo com as marcas lingüísticas e o modo de enunciação. Adotaremos a caracterização de texto dissertativo de TRAVAGLIA (1991 - Capítulo 2) que se insere numa tipologia em que se

distingue do narrativo, do descritivo e do injuntivo, que se institui por modos de enunciação caracterizados pelas perspectivas em que o locutor/enunciador se coloca em termos de tempo e espaço por um lado e do fazer (e/ou acontecer) ou do conhecer por outro, em relação ao objeto do dizer. O tipo argumentativo, *stricto sensu* ou não, enquadra-se em uma tipologia à parte porque se institui por modos de enunciação caracterizados por perspectivas do locutor/enunciador dadas pela antecipação que ele faz em termos da concordância ou discordância, adesão ou não do alocutário ao seu discurso. Sendo assim, a argumentação poderá ser feita através de descrições, dissertações, injunções e narrações.

Para esse autor, o texto dissertativo apresenta as seguintes características , com relação:

- a) à perspectiva em que o enunciador/locutor se coloca - enunciador na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço;
- b) ao objetivo da enunciação, uma atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer - busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações;
- c) à instauração do interlocutor - como ser pensante, que raciocina.

Alguns autores propõem subtipos de dissertação. ANDRÉ (1978:89) distingue a subjetiva da objetiva, GARCIA (1965: 335-381) aborda a dissertação expositiva e a argumentação . Para nosso objeto de estudo, a distinção desses subtipos parece, de primeira mão, não ser pertinente. Todavia vamos observar se eventualmente subtipos de dissertação criam fatos diferentes no que se refere à distribuição informacional.

2.2. QUESTÃO METODOLÓGICA

Neste estudo, a atitude filosófica é a de empirista, condicionando o conhecimento à experiência. O método é o indutivo e a técnica, a da experimentação. Através dos dados poderemos chegar às idéias. Para esse método, partiremos da observação (coleta de dados em redações e leitura de textos), passando às idéias que são levantadas por meio da experimentação e da discussão dos resultados obtidos. É importante ressaltar que estamos cientes de que esta pesquisa é interpretativa, tendo em vista a subjetividade social do pesquisador e dos pesquisados.

Na delimitação do *corpus* da primeira pesquisa, utilizaremos algumas redações (dissertações) tendo escolhido 50 entre as melhores e 50 entre as piores da classificação geral de cada entidade solicitada. De acordo com a nota dada pela comissão de correção da redação de cada órgão, os textos foram classificados como bons ou ruins, sendo que, do total recebido, selecionamos apenas 100: 50 “boas” e 50 “ruins” para compor nosso *corpus* operacional.

O texto dissertativo, dada a sua complexidade e modalidade difícil de ser ensinada, é mais trabalhado no 2º e 3º graus. Para nossa análise, as inadequações mais locais tais como ortografia, concordância ou pontuação serão menos relevantes. Deter-nos-emos na perspectiva global que permite uma análise de texto que busca pela coerência interna do discurso, pela

organização lógica de suas idéias, por um tópico geral que amarre os diferentes segmentos-tópicos transformando-os num texto acabado, coeso e coerente.

Para a segunda pesquisa, tendo em vista mais o julgamento do leitor, escolhemos textos predominantemente narrativos e dissertativos já consagrados como bons por avaliadores, alteramos a ordem da colocação das informações principais e secundárias e fizemos um questionário para que os leitores escolhessem a ordem preferível.

Nossas análises observarão os seguintes aspectos: coesão além do nível frasal, coerência (vendo como a colocação da informação contribui para o estabelecimento do sentido), segmentação textual, estrutura informacional e distribuição da informação (dado / novo, introdução do tópico, principal / secundário) com vistas à progressão textual, afetando ou não a legibilidade e a qualidade de textos.

2.3. OUTROS ESTUDOS SOBRE DISTRIBUIÇÃO INFORMACIONAL

A distribuição informacional tem sido tratada em diversos estudos mais a nível de sentença.

MIRA MATHEUS (1983), em seu Capítulo 7 - “Mecanismos de estrutura textual” - aborda a comunicação verbal através de textos que

possuem as propriedades de conectividade seqüencial (coesão) e conceptual (coerência), intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade, responsáveis pela textualidade . No item 7.3, p. 207, a autora analisa, do ponto de vista cognitivo, a estrutura temática (modo como um texto seleciona e vai apresentando os tópicos) que é profundamente ligada à estrutura informacional (modo como se distribui a informação apresentada). Considera o tópico discursivo (tópico de seqüências textuais) e o tópico frásico (tópico de uma frase).

Para essa autora, o texto fala sempre de um ou mais assuntos - os tópicos- e, em geral, o que diz acerca deles - o comentário - que acrescenta elementos cognitivos adicionais ao que constituía o conhecimento anterior desse objeto. Considera que, para que a estrutura temática de um texto seja coerente, é necessário que os elementos cognitivos fornecidos pelo comentário sejam relevantes e a relação tópico-comentário deve processar a progressão temática. A estrutura tópico-comentário coincide muitas vezes com a estrutura informacional: o tópico, informação de que já dispõe o locutor e o alocutário e o comentário, a informação nova.

Mira Matheus ao afirmar que:

“A posição que os constituintes ocupam na frase é outra forma de assinalar o constituinte foco: dada a função cognitiva do foco, é natural que ele ocorra em posição final de frase; assim um dos processos de marcar o foco de um dado enunciado, é deslocar o constituinte que tem essa função para posição final de frase.”(1983:215),

chega à conclusão que a posição final de frase é própria para se colocar o foco de informação, ou seja, o alvo da atenção dos intervenientes na produção-

interpretação de um texto, devido ao fato de ser ele constituído por elementos novos.

Em nosso estudo estaremos verificando se a posição ideal para colocação da informação principal também será a posição final, só que, ao invés de analisarmos o final de frase como Mira Matheus, estaremos analisando o final de um segmento-tópico.

GIORA (1983:155-181), em seu artigo “Segmentation and segment cohesion: On the thematic organization of the text”, diferente da visão de que a coesão aparece apenas nas relações lineares entre frases, apresenta um estudo que estende a noção de coesão além do nível da frase, por vê-la como uma exigência do texto para associação de segmentos maiores como parágrafos ou até capítulos inteiros. Partindo dos planos de concatenação listados por DANES (1974), Giora considera apenas um tipo de progressão textual, o mais elementar que é a apresentação de um tema num rema constituinte prévio (progressão linear) por terem duas funções básicas: uma coesiva e outra informacional.

Esse trabalho da autora é uma tentativa de mostrar que posição final de segmento de qualquer natureza que seja(parágrafo, estrofe e capítulo), é um parâmetro determinante para a posição da informação principal, de primeiro plano. Parte dos trabalhos de DANES (1974) e de FIRBAS (1975): assumem que a localização de constituintes na seqüência da frase determina o *status* informacional. A posição final da frase é marcada como de primeiro plano enquanto que a posição inicial da frase é marcada como de segundo plano.

Começando a análise de textos ao nível da frase, GIORA delinea um modelo de conexão linear, sugerida por DANES (1974), que serve como modelo básico para a análise desses mesmos aplicativos coesivos em

parágrafos, capítulos e estrofes de poemas, chegando à conclusão, em todos esses tipos de segmentos, que a posição final de segmento é preferível para a colocação de um tópico futuro, além de ser a idéia dominante.

Essa experiência foi feita em textos cuja organização se faz por progressão linear dos temas no texto em que a visão de relações temáticas inter-sentenciais segue o princípio de conduta de velho/dado para novo/informação de primeiro plano que exige que uma frase começaria com informação velha/dada (Tema= T1) e finalizaria com informação nova (Rema =R1). Na frase seguinte, o Tema (T2) é o Rema (R1) da expressão prévia. Além disso, Giora afirma que a posição final de segmento, seja de qualquer natureza, além de ser um parâmetro determinante para colocação da informação principal, de primeiro plano, é uma das motivações para a segmentação discursiva, por haver necessidade de trocar ou mudar os tópicos discursivos.

Enfim, Giora chega à conclusão de que a concatenação tema-remas vai além do nível da frase e que segmentando o texto depois da introdução do tópico discursivo novo/futuro, em vários níveis de texto, resulta na criação de hierarquias informacionais.

Esse estudo de Giora foi fundamental para iniciarmos nossa pesquisa, pois incentivou-nos a averiguar se nos textos em língua portuguesa, o mesmo acontecia.

ANTUNES (1996) partiu do problema referente à forma como se organiza a seqüência do texto e investigou a maneira como ocorre a coesão textual, detendo-se no estudo e na análise dos recursos da repetição e da substituição, privilegiando o fator da continuidade e da unidade do texto.

A autora parte de uma análise de textos escritos, comentários publicados em jornais, e, ciente de que um texto não prescinde dos elementos que aparecem à sua superfície e que também não se esgota pela realização da mesma superfície, postula que o emprego da repetição e da substituição lexical coesiva corresponde ao propósito de fazer com que partes diferentes do texto entrem em ligação e possibilitem a continuidade semântica que marcam as realizações lingüísticas funcionais.

Após a realização de seus estudos, Antunes sugere uma reavaliação da forma como, de ordinário, a repetição é abordada no ensino e no exercício da prática redacional escolar, pois a ênfase conferida à recomendação de que se deve evitar a repetição, obscurece as potencialidades funcionais que este recurso lexical pode cumprir na organização do texto.

CHOCIAY (1993) analisa no Itinirério de Pasárgada, testamento poético de Manuel Bandeira uma transição entre dois parágrafos (período final de um parágrafo e o período inicial do parágrafo seguinte) para demonstrar como uma determinada ordem frasal pode ser requerida pelo texto para a eficácia da mensagem:

“(...) Creio que Carlos Faça nada nos ensinou: aprendemos apenas o que estava no livrinho adotado em classe, o Pauthier.

Mais nos ensinou de Literatura, a mim e mais dois ou três colegas que o cercávamos depois das aulas de sua cadeira, que era a História Universal e do Brasil, o velho João Ribeiro (ainda não o era àquele tempo).”(BANDEIRA, 1958:19 apud CHOCIAY, 1993:21)

“ Se tomássemos o segundo período isoladamente, observaríamos ... que é construído em ordem inversa... Afirmar isso, no entanto, é descrever apenas parte (e a menos importante) do processo: essa disposição não é aleatória, mas responde à manobra operada no período anterior, particularmente em “nada nos ensinou”, a que responde o “mais nos ensinou” do segundo período....o escritor escolheu a

seqüência mais eficaz, no caso, para ressaltar o contraste de qualidade dos dois docentes mencionados...atualizou uma seqüência de elementos pertinente ao texto e ao contexto...” (CHOCLAY,1993:21)

Partimos da visão de que cada ordem nova a que são submetidos os elementos de uma frase ou de frases entre si ou de segmentos-tópicos entre si faz surgir uma nova dimensão textual e que a colocação das informações principais, segundo os objetivos do escritor, poderá ser fator importante para a qualidade do texto e para a facilidade de compreensão do leitor.

FRIES (1992) aborda como o tema, o tópico e as estruturas de informação influenciam as percepções do leitor no ritmo do texto e qual informação é enfatizada no texto. Partindo de um estudo de propaganda em revistas, percebeu que a pontuação de frases é usada para enfatizar pontos relevantes e que a informação que tinha sido colocada no final das frases, em posição remática, pontuadas regularmente, correlacionavam com a informação mais importante, aquela que o leitor deveria se lembrar, enquanto que a informação em posição temática era usada para orientar a mensagem que viria no rema, mantendo assim uma informação secundária.

Para o autor, a classificação da informação em principal ou secundária é feita tendo por base os objetivos propostos para a criação do texto. A localização da informação mais importante, informação nova, é no final de segmento por facilitar a interação entre produtor e leitor ou ouvinte. O tema que aparece em posição inicial é a informação conhecida e/ou secundária, e serve para preparar a chegada da informação nova e/ou principal, que fica na posição final para marcar a informação na memória do leitor ou ouvinte, o público-alvo da propaganda:

*“4. Localização da informação no texto: Há uma tendência generalizada de se colocar as informações novas e importantes posteriormente em um texto ou em um segmento do texto. Assim, ao se comparar dois itens, dos quais um já é conhecido, há uma tendência de se descrever o conhecido, primeiro e, em seguida, usar tal descrição como padrão de comparação para interpretar o segundo....”*⁵ (FRIES, 1992:463)

Nosso trabalho também aborda a localização da informação principal no final do segmento, mas diferencia-se na composição do *corpus*. Giora (1983) analisou textos com valor literário reconhecido, Fries (1992), textos específicos para propaganda. Nos dois casos, os textos são bem estruturados, para um público-alvo bem definido, diferentes das redações de vestibular que constituem o *corpus* de nossa primeira pesquisa, pois os produtores das redações não têm objetivos específicos, nem um público-alvo bem definido. Recebem, apenas, um tema para que produzam seu texto.

VAN DIJK (1992: 196-200) em seu capítulo sobre “Estruturas de Modelos e Relações Funcionais no Discurso⁶” aborda a ordenação linear e as ordenações hierárquicas de modelos, afirmando que, aparentemente, há estratégias discursivas gerais para a linearização de informações representadas cognitivamente: em notícias de jornal, objetos ou eventos mais importantes são apresentados primeiro, ordenação *top-down*, por relevância; narrativas naturais, a ordenação cronológica pode ser dominante; no discurso científico, a tendência é colocar as inferências no fim como ocorrem nas conclusões de um esquema argumentativo:

“.. a conclusão importante de um argumento pode ser, muitas vezes, mencionada na última posição. Similarmente, no interior da estrutura sentencial de muitas línguas, “dado, “velho” ou

⁵ Tradução nossa.

outra forma tópica muitas vezes precede a informação nova, focalizada e, portanto, mais relevante. (1992:198)

Segundo esse autor, a própria situação comunicativa pode condicionar a variação da estrutura de modelos. O mapeamento discursivo da informação do modelo de situação é também uma função das condições pragmáticas e interacionais do discurso, tais como as metas, interesses ou o conhecimento mútuo dos participantes e a relevância comunicativa dos elementos específicos de informação ou (inter)ação discursiva. Fatos importantes podem ocupar posição final por razões táticas, como as de preservação da face, auto-representação positiva ou persuasão, ou por razões estéticas, como revelar a identidade do assassino no final.

Em nossa primeira pesquisa, os textos têm características predominantemente científicas por serem textos dissertativos, portanto nos dará a possibilidade de verificar e confirmar a afirmação do autor sobre a colocação da informação. Na segunda pesquisa, incluímos também, um texto em que a informação principal que desfaz o suspense aparece no final e em outra parte não final para questionar leitores diversos sobre a sua preferência. Assim, estaremos percebendo se os fatos principais têm posição final preferida na organização linear do texto.

2.4 PESQUISA

⁶ Para Van Dijk, discurso é o que chamamos habitualmente de texto.

A análise que propomos enfatiza a importância da colocação da informação no texto para que haja uma interação maior entre leitor e autor, quer seja para a recuperação de uma informação dada acrescida de uma nova para a progressão textual, com base nos recursos da coesão referencial como estratégia de articulação textual, quer seja pela posição da informação principal ou central e secundária no segmento-tópico para melhor legibilidade.

Neste trabalho, vamos pesquisar a distribuição informacional em segmentos-tópicos de texto. Testaremos nossa hipótese de que a forma de distribuição da informação nos segmentos textuais tem relação com o julgamento da qualidade do texto e a facilidade de compreensão, numa interação entre autor e leitor, em textos dissertativos que foram exigidos para as provas de vestibular que constituem nosso primeiro *corpus* e em textos variados considerados como bons por avaliadores, analistas e leitores no segundo *corpus*.

Como vamos trabalhar na perspectiva textual e a questão enfocada é a progressão tópica, as palavras tema e tópico serão consideradas como sinônimos. Em nosso trabalho serão entendidas como aquilo sobre o qual o texto fala com um determinado objetivo, como nas palavras de KOCH (1992:72) “aquilo sobre o que se fala”. É o **tópico-discursivo** como a conceituação de JUBRAN et alii (1992). Verificaremos em que tipo de progressão textual se enquadra cada redação, mesmo que não seja no texto todo, mas em sua maioria.

Por **progressão temática ou tópica**, entendemos o fato de aparecerem ligadas ao tema ou tópico, informações novas sobre esse tema ou tópico, proporcionando assim o avanço da informação.

Em primeiro instante, tendo em vista que o trabalho de MOREIRA (1991) detectou que dois **tipos de progressão** aparecem mais nas redações de vestibular por ela analisadas - a **Linear** (Danes) que equivale a Seqüencial de Lautamatti e a de **Tema Constante** (Danes) que equivale a Paralela de Lautamatti, pensamos em trabalhar, em nossa análise da primeira pesquisa, com textos que apresentavam estas 2 (duas) formas de progressão. Entretanto, ao entrarmos em contato com as redações recebidas, optamos por acrescentar a progressão temática **com Rema Subdividido** pela incidência em igual proporção das duas já escolhidas.

A partir da proposta de GIORA (1983: 155 - 181) de estender a noção de Coesão além do nível da frase por vê-la como uma exigência do texto para ligação entre segmentos maiores como parágrafos ou capítulos inteiros ou estrofes, propusemos, em um estudo piloto, KAPPEL (1996) , observar a questão da distribuição informacional nos segmentos de textos escritos em língua portuguesa:

(i) Se a idéia dominante, central, mais importante, de primeiro plano ocupa, **preferencialmente**, a posição final de segmento e se a informação inferior, secundária, de segundo plano, ocupa a posição inicial;

(ii) Se a parte final do segmento, além de favorecer a apresentação do material de primeiro plano, também pode introduzir um novo tópico discursivo futuro em posição remática. Teremos um tópico num constituinte prévio, com função coesiva – retomado por mecanismos e recursos de coesão referencial - caracterizando a função informacional. Isso acontecendo interferirá na qualidade do texto?

Nesse estudo piloto, seguindo o trabalho de GIORA, fizemos a análise considerando como **segmentos os parágrafos e as estrofes**. No estudo atual, optamos pelo **segmento-tópico** por ser mais pertinente, tendo em vista as seguintes razões :

(i) percebemos que há outros critérios de segmentação mais confiáveis e mais úteis que o da divisão de parágrafos, por não haver obrigatoriedade na correspondência entre parágrafos e os trechos em que um tópico ou subtópico é desenvolvido. Considerando as diferenças de tópicos, é possível destacar, no texto, blocos distintos sem coincidir com a divisão de parágrafos ou outras partes formais.

(ii) constatamos que as tendências apontadas nos textos dissertativos de vestibular permitiu-nos caracterizar um “ perfil” desses textos. Normalmente são textos compostos por um pequeno número de seqüências de sentenças que são agrupadas em um subtópico. Estes raramente equivalem a parágrafos, de tal modo que, o número de parágrafos não corresponde ao número de segmentos tópicos. Além disso, constatamos também que o *corpus* da Universidade Federal do Paraná caracteriza-se pela redação de um pequeno texto, podendo ser de no máximo 10 linhas, e que, normalmente, é escrito em um único parágrafo contendo mais de um subtópico.

A partir dessas constatações de que os textos se desenvolvem pela combinação de unidades que não coincidem com unidades sintáticas , ou simplesmente formais, como parágrafo, estrofe e capítulo, optamos pelo segmento-tópico que é mais relevante para a análise do processo de continuidade do discurso do que os parágrafos já enfocados no pré-projeto piloto.

As expressões, ao serem introduzidas no texto, obedecem a certas hierarquias de valores em que se alternam as informações novas e dadas.

A informatividade será abordada em nível de texto e não de frase. Partindo-se dessa organização tópica, iremos analisar a questão da localização da **informação dada ou velha e informação nova** e também a questão da **localização** da informação **secundária e central** nos segmentos-tópicos e sua influência na qualidade do texto.

O estudo piloto que realizamos em um pequeno *corpus* permitiu-nos confirmar a hipótese de que a posição final de segmento é a localização ideal para a colocação da informação essencial.

Um texto sem progressão fica na circularidade, o que define um texto de qualidade menor. Quando um tópico é retomado e acrescido de informações novas há a progressão e a qualidade do texto melhora.

A base para análise neste prisma é um assunto simples já abordado por alguns autores, mas que não foi tratado em seu lado positivo, como um fator que permite a interação de sujeitos em leitura e produção, atuando na qualidade do texto.

A tipologia escolhida será a de **textos dissertativos**, exigência da maioria dos vestibulares do Brasil, para a primeira pesquisa e de **textos predominantemente narrativos e dissertativos** para a segunda pesquisa.

3. PESQUISA I

3.1. MÉTODO

O *corpus* dessa primeira pesquisa foi constituído por uma amostragem retirada das redações de vestibular de diversas universidades, classificadas pelas respectivas comissões de correção como as 50 primeiras e as 50 últimas, ou seja, as melhores e as piores.

Para este trabalho foram requisitadas redações do vestibular das seguintes instituições:

- (a) Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (Uberaba);
- (b) Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST)
Universidade Paulista de Medicina;
- (c) Universidade de Uberaba (UNIUBE);
- (d) Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP);
- (e) Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ);
- (f) Universidade Federal de Goiás (UFG);
- (g) Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT);

(h) Universidade Federal do Paraná (UFPR);

(i) Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Escolhemos as redações de vestibular pelos seguintes motivos:

(i) por encerrarem um ciclo - Ensino Médio e selecionarem alunos para a continuidade dos estudos em um Ensino Superior;

(ii) porque o aluno, ao final do Ensino Médio, deverá ser capaz de expor suas idéias fluentemente. Isto significa que ele deverá expor o que for fundamental, os aspectos essenciais de uma idéia em desenvolvimento, evitando o que for desnecessário. Deverá estar pronto para produzir bons textos;

(iii) estaremos eliminando algumas diferenças e flutuações de contextos presentes em produções textuais;

(iv) possibilita-nos analisar redações de diversos lugares do Brasil, podendo assim detectar se há diferenças regionais.

O gênero de texto escolhido para medir a competência dos alunos no vestibular é o dissertativo, por sua natureza própria para lidar com a organização objetiva de um texto com idéias logicamente graduadas, procedimento indispensável ao pensamento científico que se espera no Curso Superior.

Dentre as redações solicitadas às instituições citadas anteriormente, recebemos o retorno dentro do prazo estipulado, de apenas quatro:

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade de Uberaba (UNIUBE), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), especificadas no quadro abaixo segundo as seguintes considerações levantadas por nós:

Valor da correção:

FMTM 30 pontos
 UFU 18 pontos
 UNIUBE 50 pontos
 UFPR 50 pontos - 5 questões sendo 10 pontos para cada questão

Faixa de nota considerada como:

Melhor de70% a 100%
 Intermediária de.....31% a 69%
 Pior de.....10% a 30%

Faixa de nota considerada por universidade em pontos :

	Melhores	intermediárias	piores
FMTM	de 21 a 30	de 9,1 a 20,9	de 3,0 a 9,0
UFU	de 12,6 a 18	de 5,5 a 12,5	de 1,8 a 5,4
UNIUBE	de 35 a 50	de 15,1 a 34,9	de 5,0 a 15,0
UFPR	de 7 a 10	de 3,1 a 6,9	de 1,0 a 3,0

Total de redações recebidas no primeiro semestre de 1997:

Universidades	melhores	intermediárias	piores	total
UFU (tema A)	72	377	234	683
UNIUBE	50	-	50	100
UFPR	50	-	50	100
FMTM (1995)	110 (sem avaliação - alunos aprovados)			110
FMTM (1997)	74	138	68	280
Total	356	515	402	1.257

Total de redações recebidas no segundo semestre de 1997 :

Universidade	melhores	piores	total
UFU (tema A)	90	170	260
UFU (tema B)	60	150	210
Total	150	320	470

Total Geral de redações recebidas para a pesquisa:

Período	melhores	intermediárias	piores	total
1º. semestre 1997	356	515	402	1.257
2º. semestre 1997	150	0	220	470
Total Geral	506	515	622	1.727

Análise específica do material recebido de cada instituição:

Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro

1) Em 1995 o tema foi sobre “Televisão”, mas não utilizamos as redações desse tema na análise por não virem acompanhadas da instrução e da correção. No primeiro semestre de 1997, o tema foi: “ Punição ao erro médico” que recebeu a seguinte instrução:

A imprensa tem, ultimamente, destacado casos de “erro médico”, tentando discutir a questão da punição nesses casos. Faça uma dissertação expondo o seu ponto de vista

sobre o assunto, posicionando-se a favor ou contra essa punição. Dê um título ao seu trabalho.

Como material de apoio, transcrevemos abaixo alguns trechos sobre o assunto. Sob a manchete *JUSTIÇA TENTA REPARAR ERRO MÉDICO COM INDENIZAÇÃO*, o jornal *Folha de São Paulo*, do dia 19 de outubro de 1996, publicou uma reportagem da qual se destacam os seguintes trechos:

“A vítima ou seus familiares podem pleitear na justiça indenização pelos danos materiais e morais decorrentes de erro médico, desde que comprovados.”

“Se desse erro resultar a morte ou lesão do paciente, o responsável também pode ser processado criminalmente.”

“O incidente não gera a responsabilidade do médico. Isso porque, apesar do tratamento não ter obtido êxito, o médico fez o que era necessário e o que estava ao seu alcance.”

“O critério para fixar a indenização por danos morais é exclusivamente do juiz. Cabe a ele arbitrar quanto deve ser pago.”

“Se a quantia (da indenização) for muito alta, o acusado torna-se também vítima. O juiz tem que levar em conta a capacidade de pagar do agressor e dosar a sua decisão.”

“O dinheiro não recompõe a integridade física, psíquica ou moral lesada. É apenas uma consolação para amenizar a dor da vítima ou de seus familiares.”

- 2) Valor da redação: 30 pontos;
- 3) Não tem caráter eliminatório;
- 4) Critérios para correção: não recebi.

Universidade Federal de Uberlândia

1) Foram oferecidos aos alunos dois temas no primeiro semestre de 1997: A- “O médico tem ou não o direito de decidir o momento da morte de um paciente” e B- “Aumento de casos de gravidez na adolescência” .

Recebemos apenas as que são do tema A, que receberam a seguinte **instrução**:

*Abaixo você vai encontrar alguns textos motivadores para desenvolver sua redação. Ao redigi-la, você deverá optar por **um** dos pontos de vista a seguir:*

- I- *O médico tem o direito de decidir o momento da morte de um paciente. Ou*
- II- *O médico não tem o direito de decidir o momento da morte do paciente.*

*Atenção: Você **não** deve apresentar um relato, mas fazer um texto dissertativo, de acordo com a proposta acima.*

“Por menos que os médicos gostem de reconhecer, faz parte de sua profissão decidir quem vai morrer. Enquanto isso é feito dentro de determinados padrões de conduta profissional, convivem com suas decisões. O patriarca Sérgio Aguinaga, presidente da Academia Nacional de Medicina, 71 anos, 45 de medicina, que somados aos 54 do pai dão ao seu sobrenome um século de tradição, explica: “Eu tive casos em que exercitei esse tipo de poder. Só mandava para a diálise os pacientes que teriam o rim transplantado. Não havia vaga para mais e era uma decisão que não me tirava um minuto de sono”.

Nos últimos meses Laerte Vaz de Mello foi procurado por dois colegas destroçados por casos em que os padrões ensinados nas escolas e codificados nas regras de conduta eram insuficientes:

--Em junho um médico do Carlos Chagas me telefonou . Tem 36 anos. Estava enlouquecido. Tinha um doente em coma no respirador e entrou uma mulher um pouco mais jovem, com um derrame e perigo de morte cerebral. Desligou o mais velho. Ambos morreram. No outro caso veio aqui um médico do Souza Aguiar. Não agüentava mais. Tinha dois pacientes com trauma, um de 48 anos com hemorragia craniana e outro de 14, com ruptura do baço. Se você deixa uma pessoa com edema cerebral na maca, ela morre. Era o caso mais grave. O garoto com o baço rompido também morreria se não fosse atendido. Ele salvou-o. Isso foi em novembro passado.”(In: VEJA/18/8/93)

“Na rotina dos hospitais, principalmente no cotidiano das unidades de terapia intensivas, as UTIs, a indução à morte de pacientes sem possibilidade de recuperação é uma atitude que se torna, a cada dia, mais freqüente. Os motivos básicos para esse novo comportamento são dois. O primeiro é o fato de boa parte da recente geração de médicos brasileiros entender que uma de suas funções não é apenas ajudar a se salvar, mas também auxiliá-lo a morrer com dignidade, da maneira mais rápida e menos dolorosa

possível. A Segunda razão é basicamente econômica. É muito caro manter um paciente na UTI. Em hospitais de primeira linha, uma diária chega a custar R\$ 3 mil. Além disso, as vagas não são suficientes na hora da escolha de quem vai contar com os recursos dessas unidades, opta-se, é claro, pelo doente que apresentar sinais de que pode viver.”

No segundo semestre de 1997, também foram dois temas: Tema A: “Existe vida inteligente na Terra?”; Tema B: “Como explicar os atos de violência que têm acontecido nas sociedades?”. Foram dadas as seguintes instruções:

Situação A

Abaixo você vai encontrar um texto motivador em que Carl Sagan responde à pergunta: “Existe vida inteligente no planeta Terra?”

Faça sua redação concordando ou discordando da opinião de Carl Sagan.

Qualquer que seja o ponto de vista que você adotar, com base no texto abaixo, acrescente outra(s) idéia(s) ou argumento(s) para sustentar sua opinião.

“VEJA – Existe vida inteligente no planeta Terra?”

SAGAN- Um hipotético viajante espacial que examinasse nosso planeta, a partir de uma órbita não muito distante, logo descobriria que existe uma civilização tecnológica na Terra. As luzes das cidades, as emissões inequívocas de ondas de rádio e televisão, o padrão regular das plantações são sinais claros de vida racional. Ao aprofundar suas observações, ele notaria também que alguma coisa fundamentalmente errada está ocorrendo na superfície do planeta. Os organismos inteligentes dominantes na Terra estão destruindo suas principais fontes de vida. A camada de ozônio, as florestas tropicais e o solo fértil estão sob constante ataque. Provavelmente, a essa altura, o visitante espacial faria uma revisão da sua análise inicial e concluiria que não há vida inteligente na Terra.”(Veja, 27/3/96)

Situação B

Leia os relatos abaixo e, a seguir, faça sua redação de acordo com as instruções específicas para esta situação.

“Em uma pacata cidade dos EUA, uma dupla de garotos – 18 e 17 anos - é acusada de matar o funcionário e o dono da pizzaria que entregavam o pedido deles: duas pizzas de queijo. Na mesma semana (dia 29/04), cinco jovens, entre 16 e 19 anos, são

acusados de incendiar um índio que dormia num ponto de ônibus em Brasília. Era brincadeira, explicam os cinco.”(Folha de São Paulo, 28/04/97)

A barbárie dos civilizados

“Ao desembarcar na Somália, em 1993, os pára-quedistas belgas simbolizavam, como as demais tropas da ONU, a civilização. Sua função ali era assegurar a distribuição de comida a um povo famélico mergulhado numa guerra civil selvagem. Na semana passada, graças a fotos inéditas publicadas na imprensa de Bruxelas, soube-se que a selvageria era cometida também por unidades de elite da Bélgica. Sua especialidade: torturar civis somalis, queimando-os aos poucos numa fogueira.”(Veja, 23/04/97)

Como explicar atos desse tipo?

Faça um texto dissertativo, respondendo à pergunta acima.

- 2) Valor da correção: 18 (dezoito) pontos;
- 3) Não tem caráter eliminatório;
- 4) Critério de correção: 3 pontos para estrutura formal, 5 para coesão, 4 para progressão, informatividade e situacionalidade, 4 para coerência global e 2 para correção gramatical.

Universidade de Uberaba

1) Um único tema no primeiro semestre de 1997: “Liberdade” com a seguinte **instrução**:

Leia os textos abaixo.

Tome-os como referencial e posicione-se a respeito de sua temática.

Redija em seguida uma dissertação de, no máximo, 30 linhas.

Dê um título ao seu texto.

“Liberdade não é simplesmente a chance de a pessoa agir a seu bel-prazer, tampouco a oportunidade de escolher entre as alternativas dadas...

Liberdade é, antes de tudo, a chance de formular as alternativas disponíveis, de discuti-las e, então, a oportunidade de escolher..”(C. Wright Mills)

“Liberdade, essa palavra

*que o sonho humano alimenta
que não há ninguém que explique
e ninguém que não entenda.”(Cecília Meireles)*

- 2) Valor da redação: 50 pontos;
- 3) Tem caráter eliminatório para quem não alcançar o mínimo de 15 pontos;
- 4) Critérios para correção: 25 pontos para **conteúdo** (adequação ao tema, do título ao tema e às idéias desenvolvidas, à modalidade proposta) e para **coerência** (argumentos, fatos, dados, organização, seqüência das idéias, conclusão, objetivos e precisão); 25 pontos para **estrutura gramatical** (coesão, sintaxe: concordância e regência, ortografia, acentuação e pontuação).

Universidade do Paraná

1) A prova é constituída por cinco questões que levam à redação de pequenos textos. Essa mudança ocorreu a primeira vez em 1996, foge ao modelo tradicional, convencional de começo, meio e fim ; apresenta um novo modelo que exige atenção aos fatos por ser mais versátil, articulado e crítico e testa a capacidade de ler, interpretar, resumir, passar de um estrato a outro, parafrasear, transcrever, relatar e argumentar. Esta mudança ocorreu tendo em vista a exigência de habilidades específicas, concretas no domínio da escrita e, qualquer desvio na correção afetarà apenas uma questão, diminuindo a margem de erros, pois cada grupo de corretores fica responsável por corrigir apenas uma questão.

2) Escolhemos para a análise apenas a questão de número 4 do vestibular do primeiro semestre de 1997, sobre a manifestação da opinião a respeito do “Provão” que recebeu a seguinte **instrução**:

“No dia 10 de novembro de 1996, todos os formandos em Engenharia, Administração e Direito foram convocados a fazer o Exame Nacional de Cursos, mais conhecido como “Provão”. Leia o texto que o Ministério da Educação e do Desporto (MEC) publicou a respeito desse exame.

Instrumento de Mudança

“Mas o que é, afinal, esse exame Nacional de Cursos instituído pelo Ministério da Educação?

Não é nada policalesco ou inquisidor. Nem algo que lembre uma competição de vestibular. Trata-se de mais uma iniciativa voltada para a melhoria do ensino dos cursos de graduação. A cada ano, ao final do curso, os formandos serão submetidos a exames de avaliação do que aprenderam ao longo da vida acadêmica. Sem culpas ou receios, uma vez que não haverá sanções, qualquer que seja o desempenho do estudante.

Ninguém deixará de receber o diploma por não ter se saído bem nas provas, embora prestar o exame seja condição obrigatória para a obtenção do almejado “canudo”.

(...)

“Não tenho dúvida de que o “Provão” será mais um instrumento eficaz para melhorar a educação brasileira”, afirma o ministro Paulo Renato Souza, entusiasmado com os resultados que o País poderá colher com um exame desse porte.

(...)

O exame foi criado com o claro propósito de averiguar o que se ensina e o que se aprende nos bancos das universidades brasileiras – e o que isso tem a ver com a realidade do País. Nem por isso o Provão deixa de ser, também, um instrumento de referência pessoal. Nesse caso, não se trata de um mecanismo de seleção ou de exclusão.

Os relatórios técnicos sobre os resultados do exame poderão apontar, por exemplo, os percentuais de erros e acertos de determinada habilidade ou conteúdo. O País conhecerá, assim, o desempenho nacional, estadual, municipal e por instituição de ensino. O ministro Paulo Renato esclarece, porém, que o MEC não fará um ranking dos melhores em cada área de atuação. Isso geraria um clima de disputa pouco benéfico para

o real objetivo do exame, que é fazer um detalhado raio X das precariedades do ensino, sem, no entanto, estabelecer o confronto em nome da erradicação das mazelas. “O interesse do ministério é associar esse resultado aos dos outros instrumentos de avaliação para saber exatamente onde, como e por que é necessário modificar a política de ensino para o terceiro grau.” (Revista do Provão, Brasília, 1996 – MEC – Ano 1 – n.º. 1 – Vol. 1. P.5)

Agora escreva um texto de até dez linhas, como vestibulando e futuro estudante universitário, manifestando sua opinião a respeito do “Provão”.

3) Cada questão vale dez pontos totalizando 50 pontos;

4) Não tem caráter eliminatório;

5) Critérios para correção: **aspecto informativo do texto** (conjunto de informações básicas a ser apresentado como desejável, apresentação dos tópicos e a correta hierarquização das informações)⁷ e **aspecto técnico** (recursos lingüísticos).

Após o recebimento de todas as redações do primeiro e segundo semestres de 1997, fizemos **uma seleção escolhendo as 5 (cinco) melhores e as 5 (cinco) piores** conforme indicação abaixo. **As melhores foram escolhidas pela ordem decrescente da nota e as piores foram escolhidas por uma nota mediana⁸ dentro da porcentagem específica. Nos dois casos a escolha foi feita também de acordo com o posicionamento do candidato em relação ao tema proposto, num total de 100 redações**. Cada redação recebeu uma numeração de acordo com o especificado:

⁷ O que nos possibilitará verificar se, quando o tópico mais importante ficar na parte final do segmento-tópico o texto será considerado como melhor apenas.

⁸ Não escolhemos as piores notas porque essas redações não constituíam propriamente textos que pudessem ser analisados, dentro dos objetivos de nosso estudo.

1.- FMTM – 1º semestre de 1997 - Tema único - a favor da punição do erro médico - **5 melhores - redações de número 1 a 5.**

2.- FMTM – 1º semestre de 1997 - Tema único - a favor da punição do erro médico - *5 piores* - **redações de número 6 a 10.**

3.- FMTM - 1º semestre de 1997 - Tema único - contra a punição do erro médico - **5 melhores - redações de número 11 a 15.**

4.- FMTM - 1º semestre de 1997 - Tema único - contra a punição do erro médico - *5 piores* - **redações de número 16 a 20.**

5.- UFU - 1º. semestre de 1997 - Tema A - a favor do médico decidir o momento da morte do paciente - **5 melhores - redações de número 21 a 25.**

6.- UFU - 1º. semestre de 1997 - Tema A - a favor do médico decidir o momento da morte do paciente - *5 piores* - **redações de número 26 a 30.**

7.- UFU - 1º. semestre de 1997 - Tema A - contra o médico decidir o momento da morte do paciente - **5 melhores - redações de número 31 a 35.**

8.- UFU - 1º. semestre de 1997 - Tema A - contra o médico decidir o momento da morte do paciente - *5 piores* - **redações de número 36 a 40.**

9.- UFU - 2º. semestre de 1997 - Tema A - a favor de que existe vida inteligente sobre a Terra - **5 melhores - redações de número 41 a 45.**

10.- UFU - 2º. semestre de 1997 - Tema A - a favor de que existe vida inteligente sobre a Terra - *5 piores*- **redações de número 46 a 50.**

11.- UFU - 2º. semestre de 1997 - Tema A - contra a afirmação de que existe vida inteligente sobre a Terra - **5 melhores - redações de número 51 a 56.**

12.- UFU - 2º. semestre de 1997 - Tema A - contra a afirmação de que existe vida inteligente sobre a Terra - *5 piores* - **redações de número 56 a 60.**

13.- UFU - 2º. semestre de 1997 - Tema B- Como explicar a ocorrência de atos violentos na sociedade - **5 melhores** - **redações de número 61 a 65.**

14 - UFU - 2º. semestre de 1997 - Tema B - Como explicar a ocorrência de atos violentos na sociedade - *5 piores* - **redações de número 66 a 70.**

15 - UNIUBE - 1º. semestre de 1997 - Tema único - Liberdade - **5 melhores** - **redações de número 71 a 75.**

16 - UNIUBE - 1º. semestre de 1997 - Tema único - Liberdade - *5 piores* - **redações de número 76 a 80.**

17 – UFPR- 1º. semestre de 1997 - Questão 4 - a favor da aplicação do “Provão”-**5 melhores- redações de número 81 a 85.**

18 – UFPR- 1º semestre de 1997 – Questão 4 – a favor da aplicação do “Provão” - *5 piores* - **redações de número 86 a 90.**

19- UFPR - 1º. semestre de 1997 - Questão 4 - contra a aplicação do “Provão”- **5 melhores- redações de número 91 a 95.**

20- UFPR- 1º. semestre de 1997 - Questão 4 - contra a aplicação do “Provão” -*5 piores* - **redações de número 96 a 100.**

3.2. RESULTADOS E COMENTÁRIOS

No **ANEXO I**, colocamos, **como amostragem**, a análise de 25 redações selecionadas entre as 100 das três Universidades e uma Faculdade, sendo 15 das melhores e 10 das piores, assim especificadas:

- 5 melhores com Progressão Linear;
- 5 melhores com Progressão com Tema Constante;
- 5 melhores com Progressão com Tema Subdividido;
- 5 piores Com Algum Tipo de Progressão;
- 5 piores Sem Nenhum Tipo de Progressão.

A seguir mostraremos três grupos de tabelas com os resultados das seguintes análises:

- **Tabelas de I a VI** - análise de cada redação por tema e entidade escolar para sabermos qual a progressão, quantos segmentos-tópicos tem cada redação, quais desses segmentos receberam a informação principal no final de segmento, sendo que, se isto ocorrer em 50% ou mais dos segmentos nas melhores redações, será considerado como um resultado positivo para confirmação de nossa hipótese;

Cada redação recebeu um número de 1 a 100 . Esse número será representado nos gráficos pelo símbolo *n°.

- **Tabelas de VII a XI** - análise por progressão , por universidade e período de prova (1° ou 2° semestre de 1997) ;

Os números **com o símbolo *** representam o número que a redação

recebeu e **sem** o símbolo, será a quantidade de redações.

- **Tabelas XII e XIII** - análise final por classificação: melhor ou pior e se a colocação das informações principais foi no final do segmento-tópico ou não.

Em todas as tabelas será considerado **SIM** a ocorrência de Informação Principal no **final de 50% ou mais** dos segmentos de cada redação e **NÃO** a ocorrência da Informação Principal no **final de menos de 50%** dos segmentos.

Para **classificarmos** as redações em algum **tipo de progressão textual**, levamos em consideração a **incidência da mesma progressão** em 50% ou mais dos segmentos-tópicos, ou seja, **na maioria dos segmentos**.

Nas tabelas da Pesquisa I, considerar as seguintes abreviaturas:

Redação % : porcentagem do total de pontos que podia ser obtido na redação;

Seg. T. : segmento-tópico;

I. P. : informação principal;

***N.º** : número que a redação recebeu;

N.º : quantidade de redações.

TABELA I

FACULDADE DE MEDICINA DO TRIÂNGULO MINEIRO
TEMA ÚNICO - 1º Semestre / 97

Tema	Redação			Tipo de Pro-gressão	Quantidade de Segmen-to-Tópico	Quantidade de Seg.T. com I. P. no final do seg.		Ocorrência de I.P. no final em 50% ou mais dos Seg.T. da redação	
	* N°	Nota	%			N°	%	Sim	Não
5 melhores a favor da punição do erro médico	*1	30	100	Linear	5	5	100	X	
	*2	27	90	Linear	5	5	100	X	
	*3	27	90	Linear	4	4	100	X	
	*4	27	90	Rema Sub.	4	4	100	X	
	*5	24	80	Linear	4	4	100	X	
5 piores a favor da punição do erro médico	*6	6	20	nenhum	3	1	33		X
	*7	6	20	nenhum	5	2	40		X
	*8	6	20	Rema Sub.	5	1	20		X
	*9	6	20	nenhum	3	0	0		X
	*10	9	30	Tema Const.	2	0	0		X
5 melhores contra a punição ao erro médico	*11	24	80	Linear	4	4	100	X	
	*12	24	80	Tema Const.	4	4	100	X	
	*13	24	80	Rema Sub.	4	4	100	X	
	*14	24	80	Linear	4	4	100	X	
	*15	24	80	Linear	5	5	100	X	
5 piores contra a punição do erro médico	*16	6	20	nenhum	2	0	0		X
	*17	6	20	nenhum	2	1	50	X	
	*18	6	20	nenhum	4	1	25		X
	*19	6	20	nenhum	5	1	20		X
	*20	9	30	nenhum	4	1	25		X

TABELA II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Tema A - 1º Semestre / 97

Tema	Redação			Tipo de Progres-são	Quanti-dade de Segmen-to-Tópico	Quantidade de Seg.T. com I. P. no final do seg.		Ocorrência de I.P. no final em 50% ou mais dos Seg.T. da redação	
	* N°	Nota	%			N°	%	Sim	Não
5 melhores a favor do médico decidir o momento da morte do paciente	*21	16,15	89,7	Linear	4	4	100	X	
	*22	15,75	87,5	Rema Sub.	4	3	75	X	
	*23	14,5	80,5	Linear	7	7	100	X	
	*24	14	77,7	Linear	5	5	100	X	
	*25	13,9	77,2	Linear	4	4	100	X	
5 piores a favor do médico decidir o momento da morte do paciente	*26	4	22,2	Linear	4	1	25		X
	*27	4,05	22,5	nenhum	4	0	0		X
	*28	4,4	24,4	Rema Sub.	4	2	50	X	
	*29	4,5	25	nenhum	4	0	0		X
	*30	4,75	26,3	nenhum	5	0	0		X
5 melhores contra o médico decidir o omento da morte do	*31	14	77,7	Tema Const.	5	5	100	X	
	*32	13,1	72,7	Linear	6	4	66,6	X	
	*33	12,95	71,9	Linear	4	3	75	X	
	*34	12,9	71,6	Linear	4	4	100	X	
	*35	12,8	71,1	Tema Const.	4	3	75	X	

paciente									
5 piores contra o médico decidir o momento da morte do paciente	*36	4,25	23,6	Tema Const.	4	1	25		X
	*37	4,7	26,1	Linear	4	3	75	X	
	*38	4,75	26,3	nenhum	3	3	100	X	
	*39	4,95	27,5	nenhum	3	0	0		X
	*40	5,35	29,7	Linear	3	1	33,3		X

TABELA III

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Tema A - 2º Semestre / 97

Tema	Redação			Tipo de Pro-gressão	Quantidade de Segmento-Tópico	Quantidade de Seg.T. com I. P. no final do seg.		Ocorrência de I.P. no final em 50% ou mais dos Seg.T. da redação	
	* N°	Nota	%			No	%	Sim	Não
5 melhores a favor de que existe vida inteligente sobre a Terra	*41	16,65	92,5	Linear	4	4	100	X	
	*42	15,7	87,2	Rema Sub.	4	2	50	X	
	*43	15,2	84,4	Linear	3	2	66,6	X	
	*44	15,2	84,4	Tema Const.	5	5	100	X	
	*45	15	83,3	nenhum	4	4	100	X	
5 piores a favor de que existe vida inteligente sobre a	*46	3,25	18,05	nenhum	3	1	33,3		X
	*47	4	22,2	nenhum	3	0	0		X
	*48	4	22,2	nenhum	3	1	33,3		X
	*49	4	22,2	nenhum	3	1	33,3		X
	*50	5	27,7	Rema Sub.	3	0	0		X

Terra									
5 melhores contra a afirmação de que existe vida inteligente sobre a Terra	*51	17,5	97,2	Linear	6	5	83,3	X	
	*52	17,05	94,7	Linear	4	2	50	X	
	*53	16,15	89,7	Tema Const.	4	4	100	X	
	*54	15,3	85	Rema Sub.	4	2	50	X	
5 piores contra a afirmação de que existe vida inteligente sobre a Terra	*55	15,05	83,6	Rema Sub.	4	3	75	X	
	*56	3	16,6	nenhum	3	1	33,3		X
	*57	3,25	18	Tema Const.	6	1	16,6		X
	*58	3,75	20,8	Tema Const.	2	1	50	X	
	*59	4,5	25	nenhum	2	0	0		X
	*60	4,55	25,27	Tema Const.	3	1	33,3		X

TABELA IV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Tema B - 2º Semestre / 97

Tema	Redação			Tipo de Pro-gressão	Quanti-dade de Segmen-to-Tópico	Quantidade de Seg.T. com I. P. no final do seg.		Ocorrência de I.P. no final em 50% ou mais dos Seg.T da redação	
	* N°	Nota	%			N°	%	Sim	Não
5 melhores - Como explicar a	*61	17,3	96,1	Tema Const.	4	4	100	X	
	*62	16,75	93	Rema Sub.	4	3	75	X	
	*63	16,3	90,05	Tema Const.	4	4	100	X	
	*64	15,75	87,5	Rema Sub.	4	4	100	X	

ocorrência de atos violentos na sociedade	*65	15,65	86,9	Rema Sub.	5	4	80	X	
5 piores - Como explicar a ocorrência de atos violentos na sociedade	*66	3,75	20,8	nenhum	4	2	50	X	
	*67	3,75	20,8	Tema Const.	4	1	25		X
	*68	4,7	26,1	nenhum	5	0	0		X
	*69	4,7	26,1	nenhum	3	0	0		X
	*70	4,75	26,3	nenhum	2	1	50	X	

TABELA V

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Tema Único - 1º Semestre / 97

Tema	Redação			Tipo de Pro-gressão	Quantidade de Segmento-Tópico	Quantidade de Seg. T. com I. P. no final do Seg.		Ocorrência de I.P. no final em 50% ou mais dos Seg.T. da redação	
	* N°	Nota	%			N°	%	Sim	Não
5 melhores sobre Liberdade	*71	50	100	Tema Const.	5	3	60	X	
	*72	45	90	Linear	4	3	75	X	
	*73	45	90	Tema Const.	4	3	75	X	
	*74	45	90	Rema Sub.	4	2	50	X	
	*75	45	90	Tema Const.	3	3	100	X	
5 piores sobre Liberdade	*76	5	10	nenhum	2	0	0		X
	*77	5	10	nenhum	2	0	0		X
	*78	5	10	nenhum	1	0	0		X
	*79	5	10	nenhum	1	0	0		X
	*80	5	10	nenhum	1	0	0		X

TABELA VI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Tema 4 - 1º Semestre / 97

Tema	Redação			Tipo de Progressão	Quantidade de Segmento-Tópico	Quantidade de Seg. T. com I.P. no final do Seg.		Ocorrência de I.P. no final em 50% ou mais dos Seg.T. da redação	
	* N°	Nota	%			N°	%	Sim	Não
5 melhores a favor da aplicação do "Provão"	*81	10	100	Tema Const.	2	2	100	X	
	*82	10	100	Tema Const.	3	2	66,6	X	
	*83	9	90	Rema Sub.	3	3	100	X	
	*84	9	90	Tema Const.	3	3	100	X	
	*85	8	80	Linear	2	2	100	X	
5 piores a favor da aplicação do "Provão"	*86	2	20	Linear	2	1	50	X	
	*87	2	20	nenhum	1	0	0		X
	*88	2	20	nenhum	1	0	0		X
	*89	2	20	nenhum	2	0	0		X
	*90	2	20	Tema Const.	3	3	100	X	
5 melhores contra a aplicação do "Provão"	*91	9	90	Tema Const.	2	2	100	X	
	*92	9	90	Tema Const.	2	1	50	X	
	*93	9	90	Linear	2	2	100	X	
	*94	9	90	Tema Const.	2	2	100	X	
	*95	8	80	Tema Const.	4	3	75	X	
5 piores contra a aplicação do "Provão"	*96	1	10	nenhum	2	1	50	X	
	*97	1	10	Tema Const.	2	1	50	X	
	*98	1	10	Linear	2	2	100	X	
	*99	1	10	Linear	2	1	50	X	
	*100	1	10	nenhum	2	0	0		X

	Total de red.	2	20	0	0	0	0	0	0	1	10	0	0	0	0	0	0	1	10	0	0	0	0	1	10	1	10	0	0	0	0	4	
	Contra 10 redações	*51								*53					*58		*57	*54													*56		
		*52															*60	*55													*57		
	Total de red.	2	20	0	0	0	0	0	0	1	10	0	0	1	10	2	20	2	20	0	0	0	0	0		0	0	0	0	0	2		
Como explicar a ocorrência dos atos violentos na sociedade	10 redações									*61						*67	*62													*66	*68		
										*63								*64											*70	*69			
																			*65														
	Total de red.	0	0	0	0	0	0	0	0	2	20	0	0	0	0	1	10	3	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	20	2	
Total Geral (30 redações)		4	13.5	0	0	0	0	0	0	4	14	0	0	1	3	3	10	6	20	0	0	0	0	0	1	3	1	3	0	0	2	7	8

TABELA X

Universidade de Uberaba

1º semestre de 1997

Tipo de Progressão	<u>Linear</u>	<u>Tema Constante</u>	<u>Com Rema Subdividido</u>	<u>Nenhuma Progressão</u>
	A->B B->C	A->B A->C	A->B (B ₁ ,B ₂) B ₁ ->C	

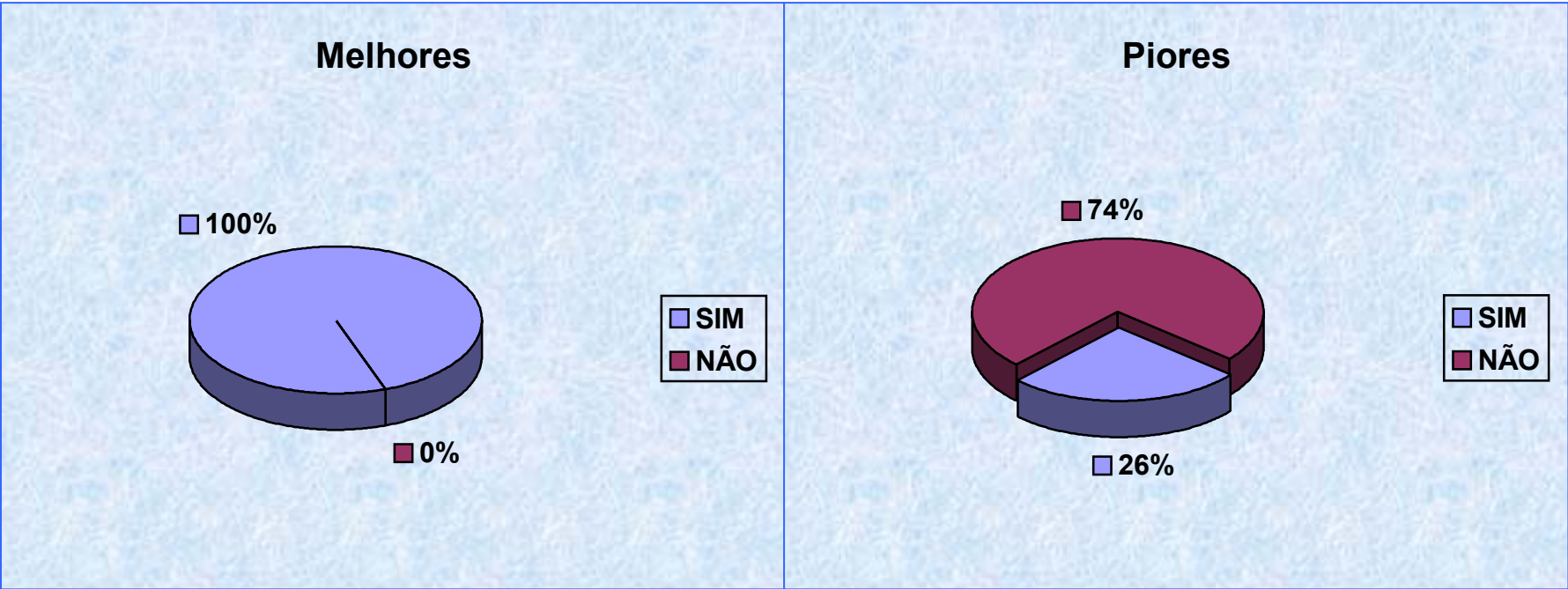
Universidade					<u>Constante</u>				<u>Subdividido</u>				<u>Progressão</u>				<u>Melhores</u>			
	<u>Sim</u>		<u>Não</u>		<u>Sim</u>		<u>Não</u>		<u>Sim</u>		<u>Não</u>		<u>Sim</u>		<u>Não</u>		<u>Sim</u>		<u>Não</u>	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
FMTM (10 redações de nº 1 a 5 e 11 a 15)	7	70	0	0	1	10	0	0	2	20	0	0	0	0	0	0	10	100	0	0
UFU (25 redações 21 a 25, 31 a 35, 41 a 45, 51 a 55 e 61 a 65)	11	44	0	0	6	24	0	0	7	28	0	0	1	4	0	0	25	100	0	0
UNIUBE (5 redações -de 71 a 75)	1	20	0	0	3	60	0	0	1	20	0	0	0	0	0	0	5	100	0	0
UFPR (10 redações de 81 a 85, 91 a 95)	2	20	0	0	7	70	0	0	1	10	0	0	0	0	0	0	10	100	0	0
Total (50 redações)	21	42	0	0	17	34	0	0	11	22	0	0	1	2	0	0	50	100	0	0

TABELA XIII

Levantamento das piores redações

Universidade	<u>Linear</u>		<u>Tema Constante</u>				<u>Com Rema Subdividido</u>				<u>Nenhuma Progressão</u>				<u>Total das Piores</u>					
	<u>Sim</u>		<u>Não</u>		<u>Sim</u>		<u>Não</u>		<u>Sim</u>		<u>Não</u>		<u>Sim</u>		<u>Não</u>		<u>Sim</u>		<u>Não</u>	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
FMTM (10 redações de nº 6 a	0	0	0	0	0	0	1	10	0	0	1	10	1	10	7	70	1	10	9	90

10 e 16 a 20)																				
UFU (25 redações 26 a 30, 36 a 40, 46 a 50, 56 a 60 e 66 a 70)	1	4	2	8	1	4	4	16	1	4	1	4	3	12	12	48	6	24	19	76
UNIUBE (5 redações -de 76 a 80)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	100	0	0	5	100
UFPR (10 redações de 86 a 90, 96 a 100)	3	30	0	0	2	20	0	0	0	0	0	0	1	10	4	40	6	60	4	40
Total (50 redações)	4	8	2	4	3	6	5	10	1	2	2	4	5	10	28	56	13	26	37	74



- SIM** → Ocorrência de informação principal no final em 50% ou mais dos segmentos-tópicos das redações.
- NÃO** → Ocorrência de informação principal no final em menos de 50% dos segmentos-tópicos das redações.

Conforme nossa hipótese no final do item 2.1.6 e segundo nossas observações, os subtipos de dissertação (subjéitiva/objéitiva e expositiva/argumentativa) não criaram fatos diferentes no que se refere à distribuição informacional, mas a extensão do texto influenciou. Das 10 redações da Universidade Federal do Paraná consideradas piores, 6 tiveram a informação principal no final o que não aconteceu nas redações das outras universidades. Acreditamos que essa diferença se deve ao tamanho do texto. Enquanto que na instrução da Universidade Federal do Paraná o texto poderia ser de no máximo 10 linhas, nas outras universidades o máximo era de 30. Parece-nos que quanto menor for o texto, maior será a tendência para a colocação da informação principal no final do segmento-tópico, pois basicamente, não aparecem informações secundárias. Por exemplo, a redação n.º *90 (Cf. Tabela VI) é composta por três segmentos-tópicos em progressão com tema constante. Cada segmento contém apenas a exposição da informação principal. Nesse caso, não era nem no início nem no final de segmento, apenas um segmento com uma única frase.

Das redações consideradas como melhores, 98% apresentam sempre algum tipo de progressão temática e apenas uma redação (2%) não. Já entre as 50 piores notas, 34% das redações tiveram algum tipo de progressão e 66% não tiveram progressão. Desses 34% que tiveram progressão, 25% foram da Universidade Federal do Paraná que eram textos curtos, de no máximo dez linhas o que facilitou a existência de progressão. A informação principal no final do segmento-tópico ocorreu em todas as redações consideradas melhores (100%); já nas piores, apenas em 26% sendo que a ocorrência dessa informação principal no final de segmento-tópico nas piores redações foi, em sua maioria, 71%, no último parágrafo apenas, por ser a conclusão geral do

texto e a tendência é a de colocar a informação principal no final, como um fechamento do texto.

Esse fato refletiu, principalmente, nos textos da Universidade Federal do Paraná. Por serem pequenos, continham, na maioria das vezes, apenas dois segmentos-tópicos, sendo que o último parágrafo era a finalização geral do texto e continha a informação principal no final. Nesses casos, o registro de colocação dessa informação em 50% ou mais de segmentos era em apenas um segmento, especificamente o último.

Quase não houve progressão nas piores: as idéias estão soltas, não há relação entre elas, dificultando inclusive a localização do que vem a ser principal.

As únicas redações, consideradas como piores, que tiveram mais de 50% de ocorrência da informação principal no final do segmento, exceto as da Universidade Federal do Paraná, já especificadas, foram as de número *37 e *38 (Cf. Tabela II). Analisando essas duas redações, pudemos observar que os textos: a) possuíam mesclagens de informações principais com idéias desconexas; b) informações principais repetidas, em circularidade; c) quase não havia a presença de elos coesivos; d) havia problemas de falta de correção gramatical como grafia de palavras, omissão de vocábulos, regência e concordância. Tudo isso resultou em sério comprometimento dos textos. Por isso, mesmo que as informações principais tenham aparecido no final dos segmentos, as redações não foram consideradas boas.

Das 49 redações consideradas melhores e que tiveram algum tipo de progressão, 21 (42,9%) foram com a progressão **linear** usando a repetição da informação nova como elo coesivo e apenas 6 redações (12%) das 50 piores tiveram a progressão linear.

Por essa análise do primeiro *corpus*, pudemos observar que nossas hipóteses se confirmaram:

- a idéia principal, dominante tem por preferência a posição final de segmento-tópico nos textos dissertativos de melhor qualidade, o que não acontece com os de pior qualidade;
- a repetição ou a retomada de subtópicos , como fator coesivo, é de valor inestimável para a progressão textual o que faz com que o texto seja considerado como melhor;
- a progressão linear (42%) foi a que mais ocorreu em textos de melhor qualidade, com avaliações superiores. Sendo assim, a introdução em posição remática de um novo tópico discursivo futuro a ser desenvolvido a partir do início do segmento seguinte com função coesiva faz com que um texto seja considerado de boa qualidade pelo recebedor/leitor.

4. PESQUISA II

4.1. PROPÓSITO

As redações selecionadas para a primeira pesquisa nos ajudaram, principalmente, na parte da análise que se refere ao julgamento da qualidade do texto em relação à produção textual. Já para a facilidade de compreensão dos leitores, numa interação entre autor e leitor, tendo em vista a verificação se a posição final de segmento-tópico é a posição natural e preferida pelos falantes para a colocação da informação dominante, de primeiro plano, julgamos necessário acrescentar um novo *corpus para análise* com as mesmas características do *corpus* apresentado no projeto piloto: escolhemos textos de diferentes tipologias consagrados como bons por avaliadores, analistas e leitores, adaptamos e invertemos a posição das informações para pesquisarmos, segundo alguns leitores de diversos graus de escolaridade, a preferência do leitor, qual das versões do texto teria ficado melhor para a leitura e compreensão do mesmo.

4.2. MÉTODO

A pesquisa foi dividida em duas partes: para a **primeira (I Parte ou Pesquisa II.1)** foi dado **um texto** reescrito de duas maneiras, com **dois**

objetivos de leitura propostos para dois grupos de leitores diferentes, sendo um objetivo de leitura para cada grupo; já para a **segunda (II Parte ou Pesquisa II.2)**, foram dados **três textos**, sem objetivo de leitura, sendo o primeiro uma narração, o segundo um fragmento de uma dissertação e o terceiro uma redação na íntegra com a citação da instrução que o candidato recebeu para escrever seu texto.

A escolha dos textos para a composição desta Pesquisa II foi feita baseada nos seguintes motivos:

- a) Pesquisa II.1 ou I Parte – Texto 1: foi um texto estudado em sala de aula nas primeiras séries da Universidade de Uberaba, tendo por finalidade um estudo sobre os objetivos de leitura. Nossa intenção foi a de aplicar esse texto em um grupo de entrevistados (GI) que já haviam feito esse estudo e outro grupo (GII) que não, para verificarmos se isto influenciaria os resultados.
- b) Pesquisa II. 2 ou II Parte – Texto 1: como nossa pesquisa baseou-se num trabalho de GIORA (1983), optamos por apresentar aos entrevistados, tanto na entrevista do projeto piloto (KAPPEL:1996) quanto nesta, um dos textos já analisados por essas autoras. A segunda e mais importante razão é porque ele é de uma tipologia textual diferente das estudadas na primeira pesquisa: é um texto narrativo e queríamos fazer um contraponto verificando se a distribuição informacional preferida levantada na Pesquisa I, o era também para textos não dissertativos, já que os dissertativos eram o centro de nosso estudo.
- c) Pesquisa II.2 ou II Parte – Textos 2 e 3: são textos tirados de redações de vestibular, textos dissertativos, considerados como bons pelos avaliadores e analistas. Essa tipologia, por já ter sido escolhida para a Pesquisa I, possibilitar-nos-ia uma confirmação dos

resultados em um segundo procedimento de pesquisa, levando em consideração o ponto de vista do leitor.

Para evitar qualquer tendência de escolha de uma alternativa, decidimos alternar a ordem da colocação das informações: para a instrução com o objetivo de ler o texto como possíveis arrombadores da casa descrita, deixamos a colocação das informações principais no final dos parágrafos da alternativa A; já para a instrução com o objetivo de ler o texto como possíveis compradores da casa, colocamos as informações principais no final dos parágrafos da alternativa B.

Nossa intenção foi a de entrevistar dois grupos diferentes: um que já havia estudado a retirada de informações principais do texto segundo um objetivo para somente escolher a ordem preferível, e um outro grupo que não havia feito esse estudo preliminar.

Elaboramos a pesquisa colocando duas perguntas para o entrevistado responder para cada par de textos:

- a) Qual deles você achou melhor? A - () ou B - ()
- b) Qual deles você acha mais fácil de compreender? A - () ou B ()

Quando aplicamos a pesquisa no primeiro grupo de entrevistados, 10 (dez) alunos do curso de Nutrição, percebemos que, apesar de explicarmos que poderia ser a mesma resposta para as duas perguntas, oitenta por cento dos alunos entrevistados responderam uma alternativa para a primeira questão e a outra alternativa para a segunda, o que comprovou um vício nas respostas de testes como esses. Além disso, a diferença entre as duas questões só poderia ser percebida por leitores maduros, críticos. Assim sendo, resolvemos eliminar as perguntas e alterar a instrução para:

Escolha a alternativa (A ou B) correspondente à redação do texto que você achou melhor, mais fácil de compreender.

Os testes, Pesquisa II.1 ou I Parte e Pesquisa II.2 ou II Parte (Anexo II), foram aplicados em dois grupos de informantes diferentes. O primeiro, chamado de GI é composto por alunos que já haviam estudado, na Universidade, a necessidade de se ter objetivos de leitura e outro grupo, GII, composto por pessoas com níveis diferentes de escolaridade e familiaridade com leitura, que não haviam estudado especificamente a importância de se ter objetivos de leitura para a boa compreensão de textos.

Os dois grupos foram assim compostos:

GRUPO I:

Quarenta alunos da Universidade de Uberaba, do primeiro ano dos seguintes cursos:

G I.1. Dez alunos do curso de Psicologia;

G I.2. Dez alunos do curso de Fonoaudiologia;

G I.3. Dez alunos do curso de Direito;

G I.4. Dez alunos do curso de Técnico em Processamento de Dados.

Esses alunos selecionados para compor o GI, já haviam participado da atividade sobre a importância de se ter objetivo de leitura. Para essa atividade demos um texto (ver primeiro texto do questionário retirado de KLEIMAN (1989 b: 31-32), na Pesquisa II.1 do Anexo II) para os alunos lerem. Metade dos alunos receberam a orientação de que deveriam ler o texto imaginando que eles quisessem comprar a casa descrita no mesmo, e que redigissem, posteriormente, todas as informações que fossem relevantes. Para a outra

metade, orientamos que eles deveriam ler o texto percebendo tudo aquilo que seria interessante para um ladrão que estivesse planejando arrombar a casa e que redigissem posteriormente todas as informações importantes para eles.

Resultado: foi constatado que ao se apresentar dois objetivos diferentes (procurar no texto a descrição de uma casa que interessava ou para se comprar ou para se arrombar), resultou a recuperação de informações diferentes, concluindo-se que **é fundamentalmente importante ter-se um objetivo específico** ao ler um texto pois compreendemos e lembramos seletivamente aquela informação importante ao nosso propósito. A compreensão de natureza metacognitiva pressupõe reflexão e controle consciente sobre o próprio conhecimento, pois há vários processos de leitura, sempre ativos, tantos quantos forem os objetivos do leitor.

GRUPO II

Quarenta entrevistados que não tenham participado da atividade anteriormente descrita, separados em quatro grupos diferentes segundo suas profissões e/ou escolaridade, levando-se em consideração o grau de familiaridade com o estudo da língua e seu uso constante quer seja na leitura, quer seja na escrita de texto:

G II. 1. Dez alunos da segunda série do Ensino Médio da Escola Estadual Frei Leopoldo de Castelnuovo (ensino público, localização no bairro Santa Marta, clientela de classe média-baixa);

G II. 2. Dez professores de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental, Médio e Superior de Uberaba;

G II. 3. Dez educadores dos três níveis que não fossem professores de Português: pedagogos, professores de 1^a. a 4^a. série, antropólogos, professores de Biologia, Matemática, Geografia, Educação Física, Matérias Pedagógicas e Biomédicas .

G II. 4. Dez profissionais que não pertencem à área da educação: faturista, balconista, comerciante, office boy, auxiliar de secretaria, vendedor, instrutor de desenho, bancário e dentista.

Ver no ANEXO II a cópia da última versão da pesquisa com o modelo da folha de resposta, sendo que já estão assinaladas, em negrito, as informações principais e a alternativa que contém a informação principal no final do segmento-tópico. Obviamente, nos textos entregues aos entrevistados, as informações não estavam destacadas, nem as alternativas assinaladas.

4.3. RESULTADOS E COMENTÁRIOS

Resultados parciais e gerais obtidos:

Em todas as tabelas será utilizada a seguinte legenda:

SIM : preferência por informação principal no final do segmento-tópico.

NÃO : preferência por informação principal não no final do segmento-tópico.

Resultado total em porcentagem:

cor azul: preferência do leitor pela colocação da informação principal no final do segmento-tópico.

cor verde: mesma porcentagem na preferência pelas duas colocações.

cor vermelha: preferência do leitor pela colocação da informação principal não no final do segmento-tópico.

Tabela I

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo I. 1. Alunos do 1º. ano do curso de Psicologia da UNIUBE

Entre- vista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3		sim	não
Entre- vistado ⇩	sim	não	sim	Não	sim	não	sim	não		
1	X			X		X	X		2	2
2	X		X		X		X		4	0
3		X		X		X	X		1	3
4		X		X		X	X		1	3
5		X		X		X	X		1	3
6		X		X	X		X		2	2
7	X		X		X		X		4	0
8	X		X		X		X		4	0
9		X		X		X	X		1	3
10	X			X		X	X		2	2
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	5	5	3	7	4	6	10	0	22	18
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	50	50	30	70	40	60	100	0	55	45

Tabela II

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo I. 2. Alunos do 1º. ano do curso de Fonoaudiologia da UNIUBE

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3		sim	não
Entrevistado ⇩	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
1	X		X			X	X		3	1
2	X		X			X	X		3	1
3	X		X			X	X		3	1
4	X		X			X	X		3	1
5	X		X			X	X		3	1
6	X			X	X		X		3	1
7		X		X		X	X		1	3
8		X	X			X	X		2	2
9		X		X	X			X	1	3
10	X		X		X		X		4	0
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	7	3	7	3	3	7	9	1	26	14
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	70	30	70	30	30	70	90	10	65	35

Tabela III

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo I. 3. Alunos do 1º. ano do curso de Direito da UNIUBE

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3			
Entrevistado ⇩	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
1	X		X			X	X		3	1
2	X		X			X	X		3	1
3	X		X			X		X	2	2
4	X			X	X		X		3	1
5	X		X			X	X		3	1
6		X		X	X		X		2	2
7		X		X	X		X		2	2
8		X	X			X	X		2	2
9	X		X			X	X		3	1
10		X		X		X	X		1	3
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	6	4	6	4	3	7	9	1	24	16
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	60	40	60	40	30	70	90	10	60	40

Tabela IV

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo I. 4. Alunos do 1º. ano do curso de Técnico em Processamento de Dados da UNIUBE

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado		
	Entrevistado ⇩	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3			
		sim	não	sim	não	sim	Não	sim	não	sim	não
1		X		X	X		X			2	2
2	X		X			X	X			3	1
3	X			X	X		X			3	1
4	X		X			X	X			3	1
5	X			X		X	X			2	2
6	X			X		X	X			2	2
7	X			X		X	X			2	2
8		X		X	X		X			2	2
9	X			X		X	X			2	2
10	X		X			X	X			3	1
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	8	2	3	7	3	7	10	0	24	16	
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	
	80	20	30	70	30	70	100	0	60	40	

VISUALIZAÇÃO DOS RESULTADOS PARCIAIS OBTIDOS NO GRUPO I

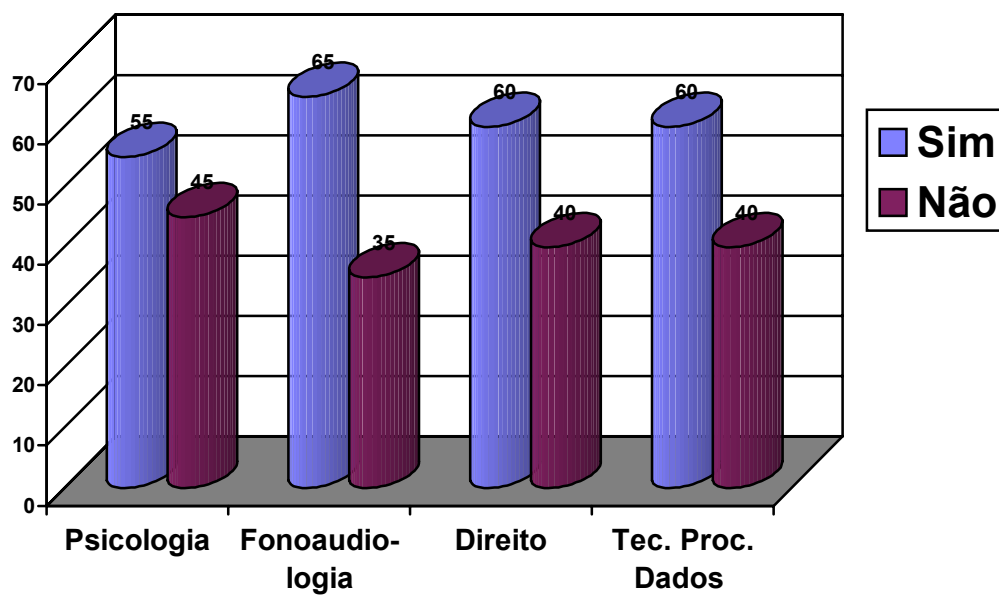


Tabela V

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Total do Grupo I

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3			
Entrevistado ⇩	sim	não	sim	não	sim	Não	sim	não	sim	não
GI.1 Psic.	5	5	3	7	4	6	10	0	22	18
GI.2 Fono	7	3	7	3	3	7	9	1	26	14
GI.3 Direito	6	4	6	4	3	7	9	1	24	16
GI.4 Téc.P.	8	2	3	7	3	7	10	0	24	16
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	26	14	19	21	13	27	38	2	96	64
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	65	35	47,5	52,5	32,5	67,5	95	5	60	40

VISUALIZAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO I

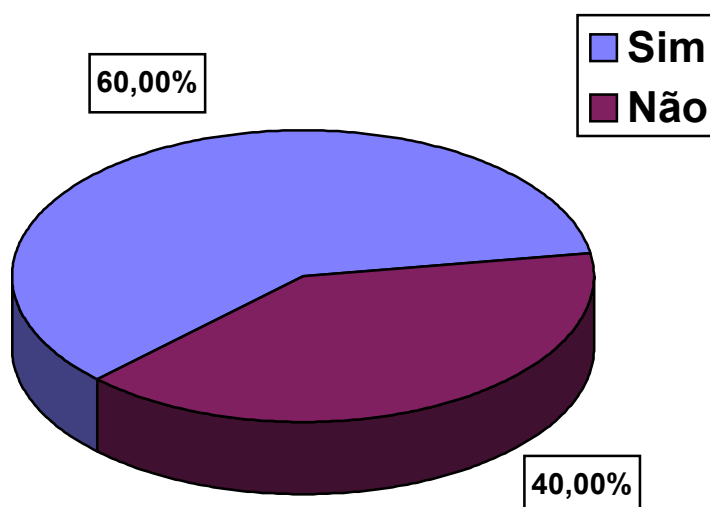


Tabela VI

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo II. 1. Alunos da 2^a. série do Ensino Médio da Escola Estadual Frei Leopoldo de Castelnuovo

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3		sim	não
Entrevistado ⇩	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não		
1	X			X		X		X	1	3
2		X	X		X		X		3	1
3	X			X		X		X	1	3
4		X		X	X		X		2	2
5	X		X		X			X	3	1
6	X			X		X	X		2	2
7		X	X			X	X		2	2
8	X		X			X	X		3	1
9	X			X	X		X		3	1
10		X	X			X		X	1	3
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	6	4	5	5	4	6	6	4	21	19
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	60	40	50	50	40	60	60	40	52,5	47,5

Tabela VII

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo II. 2 Professores de Língua Portuguesa

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3			
Entrevistado ⇩	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
1		X	X		X		X		3	1
2	X			X	X			X	2	2
3	X		X		X		X		4	0
4		X	X		X		X		3	1
5		X		X	X		X		2	2
6	X		X		X		X		4	0
7	X			X		X	X		2	2
8		X	X			X	X		2	2
9	X			X		X	X		2	2
10	X		X		X			X	3	1
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	6	4	6	4	7	3	8	2	27	13
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	60	40	60	40	70	30	80	20	67,5	32,5

Tabela VIII

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo II. 3. Educadores exceto professores de Português

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3			
Entrevistado ⇩	sim	Não	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
1		X	X		X			X	2	2
2		X		X		X	X		1	3
3		X	X			X	X		2	2
4		X	X		X			X	2	2
5	X		X		X		X		4	0
6	X		X			X	X		3	1
7	X		X		X		X		4	0
8	X			X		X	X		2	2
9	X		X			X		X	2	2
10	X		X		X			X	3	1
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	6	4	8	2	5	5	6	4	25	15
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	60	40	80	20	50	50	60	40	62,5	37,5

Tabela IX

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo II. 4. Outras Profissões

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3			
Entrevistado ⇩	sim	não	sim	não	Sim	não	sim	não	sim	não
1	X			X		X	X		2	2
2		X		X		X	X		1	3
3	X		X		X		X		4	0
4		X		X	X		X		2	2
5	X			X		X	X		2	2
6	X		X		X		X		4	0
7	X			X		X	X		2	2
8	X		X			X	X		3	1
9		X		X	X		X		2	2
10	X			X		X	X		2	2
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	7	3	3	7	4	6	10	0	24	16
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	70	30	30	70	40	60	100	0	60	40

VISUALIZAÇÃO DOS RESULTADOS PARCIAIS OBTIDOS NO GRUPO II

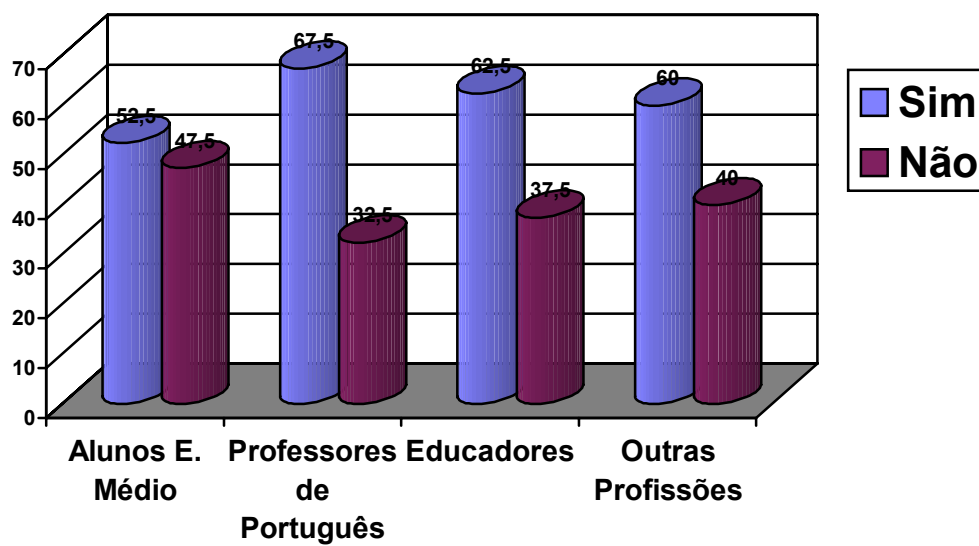


Tabela X

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Total do Grupo II

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3			
Entrevistado ⇩	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
GII.1 A.I.E.M.	6	4	5	5	4	6	6	4	21	19
GII.2 P.Port.	6	4	6	4	7	3	8	2	27	13
GII.3 Educ.	6	4	8	2	5	5	6	4	25	15
GII.4 O.Prof.	7	3	3	7	4	6	10	0	24	16
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	25	15	22	18	20	20	30	10	97	63
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	62,5	37,5	55	45	50	50	75	25	60,62	39,38

VISUALIZAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO II

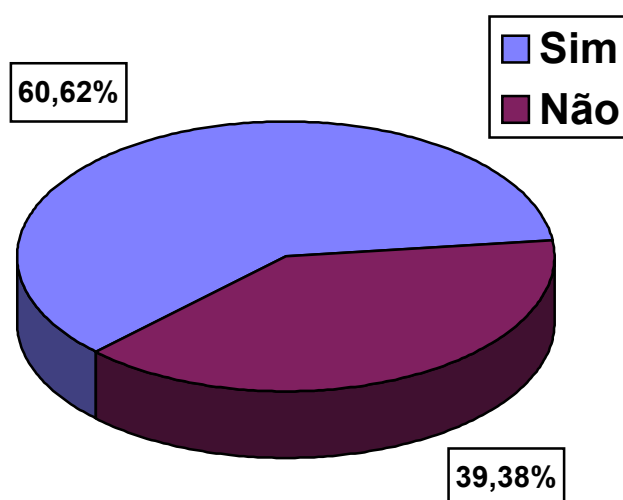


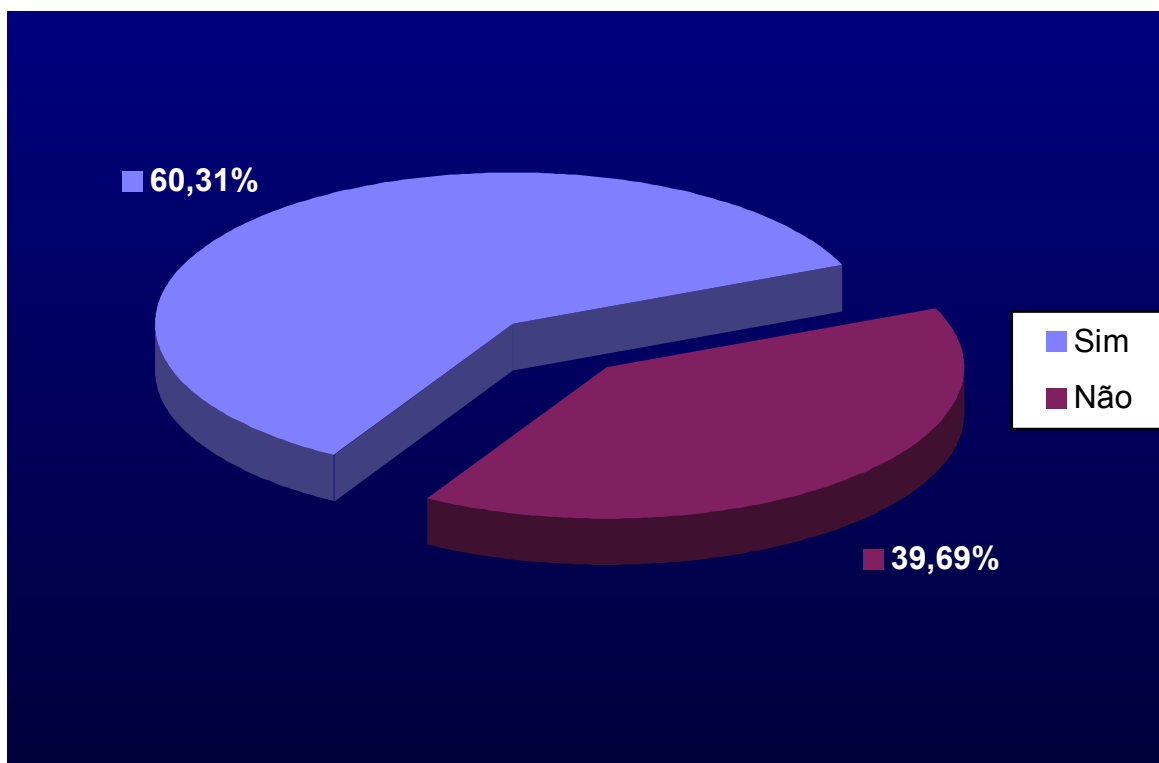
Tabela XI - Total Geral

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Total do Grupo I. mais o total do Grupo II

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3			
Entrevistado ↓	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
Total do Grupo I	26	14	19	21	13	27	38	2	96	64
	65	35	47,5	52,5	32,5	67,5	95	5	60	40
Total do Grupo II	25	15	22	18	20	20	30	10	97	63
	65,5	37,5	55	45	50	50	75	25	60,62	39,38
Total Geral	51	29	41	39	33	47	68	12	193	127
	63,75	36,25	51,25	48,75	41,25	58,75	85	15	60,31	39,69

VISUALIZAÇÃO DOS RESULTADOS GERAIS OBTIDOS



O texto 3 da II etapa, tanto para o Grupo I quanto para o Grupo II, foi aquele em que a informação principal no final do segmento recebeu maior percentual: 85% de média. Acreditamos que a informação de toda orientação que o aluno recebeu, a segmentação-tópica dividida em parágrafos específicos, a apresentação do texto em sua totalidade e a boa qualidade do texto foram os responsáveis por isso.

Em segundo lugar foi o texto número 1 da I etapa que recebeu o objetivo de leitura. Tanto o Grupo I que participou de atividades sobre a informação principal, quanto o Grupo II que não participou, preferiram, em sua maioria, a alternativa cuja redação da informação principal estava no final

do segmento-tópico. Em todos os grupos de entrevistados houve essa preferência, o que não ocorreu com os textos 1 e 2 da II etapa.

Analisando especificamente estes textos, 1 e 2 da II etapa, observamos que para eles a escolha dos leitores não recaiu preferencialmente nas alternativas com a informação principal no final do segmento-tópico, exceto nos grupos GII.2 e GII.3, ou seja, grupo de professores de Português e Educadores respectivamente. Consideramos esses dois grupos mais familiarizados com leituras, talvez seja esse o motivo que os tenha levado à escolha da alternativa em que a informação principal recaía no final do segmento. Principalmente o texto 2, que estava fragmentado porque pensamos que apenas dois parágrafos fossem suficientes para este estudo, foi o de menor índice entre os alunos e os de “Outras profissões” que, em sua maioria, eram pessoas com o 2º. grau incompleto.

A hipótese inicial de separar em dois grupos: Grupo I - alunos que haviam estudado a importância de se ter o objetivo de leitura para a retenção das informações principais no texto e Grupo II - pessoas que não haviam participado dessa prática, não apresentou diferença significativa nos resultados apresentados.

Na pesquisa piloto, realizada em 1996, obtivemos um percentual maior: 77.5% dos entrevistados optaram pela informação principal no final de segmento, mas entrevistamos apenas três grupos: de educadores, professores de Português e outras profissões, sendo este com um número maior de letrados. Na atual, se pegarmos apenas esses três grupos obteremos a média de 63.5%. Essa diferença, apesar da preferência da maioria dos entrevistados ainda permanecer na colocação da idéia principal no final do segmento, acreditamos ser devido às questões que foram apresentadas de maneira mais complexa (divisão em duas etapas, com/sem objetivos de leitura, com/sem a colocação da orientação recebida pelo autor do texto e a seleção de textos

mais longos) e o período em que as pessoas foram entrevistadas. Na atual pesquisa a maioria dos entrevistados estavam em época de avaliação escolar, no final de bimestre e de ano (novembro e dezembro de 1997), demonstrando sinais visíveis de cansaço, o que não aconteceu na primeira entrevista. Talvez possamos realizá-la novamente em um outro período em um número menor de entrevistados e de textos a fim de verificarmos a confirmação da hipótese de que no início de ano as pessoas estão mais descansadas e lêem com mais atenção os textos.

Tendo em vista os resultados levantados em relação aos textos 1 e 2 da II etapa, resolvemos verificar a seguinte hipótese:

- i) se a questão da familiaridade com a leitura e o treino em avaliação de textos interfeririam realmente na escolha da colocação da informação principal no final de segmentos, já que o resultado da primeira pesquisa mostrou que 100% das redações de vestibular, avaliadas como melhores por professores treinados para esta avaliação, tinham a informação principal no final do segmento-tópico e foram consideradas por esses avaliadores (leitores) como boas, enquanto que só 26% das piores tinham essa característica.

Selecionamos 10 pessoas (Doutores, Mestres e Professores da Universidade de Uberaba da área das Ciências Humanas, predominantemente) (Grupo III) e 10 alunos da 8^a. série da Escola Estadual Frei Leopoldo (Grupo IV) por considerar esses alunos como menos familiarizados com a leitura de texto, para responderem o mesmo teste. Obtivemos o seguinte resultado:

Tabela XII

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo III. Pessoas letradas - professores da Universidade de Uberaba

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3		sim	não
Entrevistado ⇩	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não		
1	X			X	X		X		3	1
2		X	X			X	X		2	2
3		X	X			X	X		2	2
4	X		X		X		X		4	0
5	X			X		X	X		2	2
6	X			X		X		X	1	3
7	X			X	X		X		3	1
8		X	X		X		X		3	1
9	X		X		X		X		4	0
10	X		X		X		X		4	0
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	7	3	6	4	6	4	9	1	28	12
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	70	30	60	40	60	40	90	10	70	30

Tabela XIII

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo IV. Pessoas não letradas - alunos da 8ª. série da E. E. Frei Leopoldo

Entrevista ⇒	I etapa – com objetivo de leitura		II etapa – sem objetivo de leitura						Total por entrevistado	
	Texto 1		Texto 1		Texto 2		Texto 3		sim	não
Entrevistado ⇩	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
1		X	X			X		X	1	3
2		X		X	X		X		2	2
3		X	X			X	X		2	2
4	X			X		X	X		2	2
5	X			X		X		X	1	3
6	X			X		X	X		2	2
7	X			X		X	X		2	2
8		X	X			X	X		2	2
9		X	X		X		X		3	1
10	X			X		X	X		2	2
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	5	5	4	6	2	8	8	2	19	21
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
	50	50	40	60	20	80	80	20	47,5	52,5

Constatamos que houve uma diferença. Os letrados optaram pela colocação da informação principal no final do segmento-tópico, em sua maioria, em todos os textos. Já os textos 1 e 2 da II etapa, no grupo IV, não letrado, não tiveram a preferência pela informação principal no final do segmento. O Texto 1 da I Parte teve preferência igual para as duas

colocações e mais uma vez o Texto 3 da II Parte teve alta preferência dos leitores pela informação no final de segmento, mostrando ser uma unanimidade.

Analisando os resultados percebemos que a oscilação na preferência dos Textos 1 e 2 da II Parte poderia estar também na relação do entrevistado com esses textos. Comparando os resultados dos 80 primeiros entrevistados pudemos observar que:

1) **Em relação ao Texto 1 da II Parte:** esse texto é um suspense. Os grupos que não preferiram a informação no final do segmento-tópico foram:

GI.1 - **Psicologia** que tem por característica a busca de solução para problemas. Sendo assim, a chegada à solução do suspense é mais importante.

GI. 4 - **Téc. Em Processamento de Dados** ligado às ciências exatas que tem por finalidade chegar à solução de problemas.

GII.1 – **Alunos do Ensino Médio** a opção pela colocação da informação principal no final do segmento ficou em 50%. Consideramos que esses alunos têm pouca familiaridade com leitura, apesar de que alguns gostam e têm o hábito de assistir a filmes de suspense.

GII. 4 - **Outras Profissões** tendo 80% dos entrevistados com Ensino Fundamental completo, pensamos que, para eles, é mais fácil chegar logo à solução do suspense.

2) **Em relação ao Texto 2 da II Parte:** apenas os grupos mais letrados (Professor de Português -GI.2 e pessoas letradas – GIII) é que optaram pela informação principal no final do segmento-tópico. Lendo o texto, somente alguém com um certo grau de conhecimento e familiaridade com textos é que perceberia que a frase “Surgiram, então, os que encontraram na estrutura da sociedade as raízes da violência social.” é uma conclusão do que foi dito anteriormente no mesmo parágrafo.

Sendo assim, partimos para o levantamento de mais uma hipótese:

- ii) se haveria diferença na escolha de textos de acordo com a maior facilidade de compreensão e com a melhor qualidade. Para verificar isso, separamos a pesquisa em dois grupos com duas instruções diferentes: para um grupo seria perguntado qual das alternativas corresponderia ao texto mais fácil de compreensão; para outro grupo seria perguntado qual das alternativas continha o melhor texto.

Para tirar a dúvida se haveria diferença nesses dois textos entre a preferência de colocação das informações segundo a facilidade de leitura e a qualidade do texto, elaboramos uma nova pesquisa (Ver modelo no Anexo III) dividindo as perguntas para grupos de entrevistados diferentes:

Grupo V: constituído por 20 alunos, sendo 10 para a primeira pergunta (mais fácil de compreender) e 10 para a segunda (qual texto é de melhor qualidade). Para constituir esse grupo, escolhemos alunos do 1º ano do Ensino Superior pela facilidade para realizarmos a entrevista (éramos professora dessas turmas) e, especificamente, por poder escolher alunos de cursos ligados à área da Educação e da Saúde por serem alunos que têm fácil acesso à leitura.

Grupo VI : constituído por 20 alunos da 3ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Frei Leopoldo de Castelnuovo, sendo 10 para a primeira pergunta (mais fácil de compreender) e 10 para a segunda (qual texto é de melhor qualidade).

Obtivemos os seguintes resultados:

Tabela XIV

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo V. Pessoas que cursam o 1º ano do Ensino Superior

Entrevista →	II etapa – sem objetivo de leitura							
	Mais fácil de compreender				Melhor qualidade			
	Texto 1		Texto 2		Texto 1		Texto 2	
Entrevistado ↓	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
1	X			X	X			X
2	X			X	X			X
3	X			X	X			X
4		X	X		X		X	
5		X	X		X		X	
6		X	X		X		X	
7	X			X	X		X	
8		X	X			X		X
9		X	X			X		X
10	X		X		X		X	
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	5	5	6	4	8	2	5	5
	%	%	%	%	%	%	%	%
	50	50	60	40	80	20	50	50

Tabela XV

Opção por informação principal no final do segmento-tópico.

Grupo VI. Pessoas que cursam a 3ª série do Ensino Médio

Entrevista →	II etapa – sem objetivo de leitura							
	Mais fácil de compreender				Melhor qualidade			
	Texto 1		Texto 2		Texto 1		Texto 2	
Entrevistado ↓	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
1	X		X			X	X	
2	X		X		X			X
3		X		X	X			X
4		X	X		X			X
5		X	X		X			X
6		X	X		X		X	
7	X		X			X		X
8	X		X			X		X
9		X	X		X		X	
10		X	X		X		X	
Total por texto	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
	4	6	9	1	7	3	4	6
	%	%	%	%	%	%	%	%
	40	60	90	10	70	30	40	60

Quanto aos leitores, apesar da diferença de nível na familiaridade com o trabalho com o texto e a diferença nos resultados numéricos, estes apontam a mesma tendência nos dois grupos:

- a) acham mais fácil de compreender um texto de suspense (texto 1) que dê logo a chave, mas consideram-no melhor quando o suspense se mantém até o fim;
- b) em relação ao texto 2 foi considerado mais fácil de ser lido pelos dois grupos V e VI quando a informação principal está no final do segmento e é retomada como tema do parágrafo seguinte o que comprova também nossa hipótese inicial com relação a coesão no nível intersentencial. Porém, esta posição final não foi considerada como melhor para os dois grupos. Talvez seja porque os leitores pensam que se estiver mais complicado, mais difícil de ser lido o texto seja considerado melhor. Observemos que o oposto ocorreu com os grupos GII.2 (professores de Português) e GIII (pessoas letradas): a preferência recaiu sobre a colocação da informação principal no final do segmento.

Fica assim comprovado que as oscilações que ocorreram no textos 1 da II etapa se justificam pelo tipo de texto: por ser um suspense é mais fácil de compreender se se desvenda logo o mistério, apesar de ser melhor com a resolução do mistério no final.

Quanto ao texto 2, uma dissertação, é visto pelos leitores como mais fácil de compreender com a informação principal no final do segmento-tópico, porque isso permite perceber mais facilmente o encadeamento e a progressão das idéias o que inclusive confirma a hipótese de que esta distribuição informacional facilita a interação autor/leitor.

O fato de os leitores dos grupos GV e GVI terem considerado esse texto como de melhor qualidade quando não tem a informação principal no final do segmento-tópico parece contrariar tudo o que se viu até aqui nas outras etapas da pesquisa. Esta tendência apareceu também em outros grupos (Cf. GI.1, Tabela I; GI.2, Tabela II; GI.3, Tabela III; GI.4, Tabela IV; GI.5, Tabela V;

GII.1, Tabela VI; GII.4, Tabela IX e GIV, Tabela XIII) de não letrados e não acostumados à avaliação de textos. Talvez, isso possa ser explicado pela hipótese de que pessoas não acostumadas à avaliação de textos possam tender a achar que textos mais complicados (mais difíceis de compreender) sejam mais elaborados e portanto melhores. Contudo, a verificação desse fator exigiria uma pesquisa complementar que foge a nossos objetivos neste estudo.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho, realizamos um estudo empírico sobre a importância da colocação da informação no segmento-tópico do texto para que haja uma interação maior entre o leitor e autor, quer seja para a recuperação de uma informação dada acrescida de uma nova para a progressão textual como recurso coesivo, quer seja pela posição da informação principal e secundária para melhor legibilidade e qualidade.

Considerando a proposta de nosso trabalho, acreditamos ter atingido os seguintes objetivos: verificar qual posição de segmento é preferível para a colocação da idéia dominante tendo em vista a interação produtor/leitor e o julgamento de boa formação do texto e a influência que tem na formação de um bom texto a apresentação de um tópico discursivo dos segmentos seguintes na posição final ou remática de um segmento-tópico em função coesiva, num constituinte prévio.

Para essas verificações, realizamos duas pesquisas. A primeira foi a análise de 100 redações (50 melhores e 50 piores segundo a equipe de correção do vestibular de cada universidade) em relação à localização das informações principal e secundária em três tipos de progressão tópica (linear, tema constante e rema subdividido) ou sem progressão alguma e, especificamente a repetição como elemento coesivo na progressão linear.

Em todas as redações das quatro universidades consideradas como melhores a informação principal está colocada no final de 100% dos segmentos-tópicos; já nas consideradas piores, apenas 26% possuíam a informação principal no final. Desses 26% ainda pudemos observar que se tratava de casos específicos: a colocação da informação principal era no final

da redação (conclusão geral do texto) o que equivale a 50% dos segmentos já que a redação só possuía dois segmentos-tópicos ou que o segmento só era constituído pela informação principal.

A segunda pesquisa foi uma entrevista feita com diversos leitores para que eles escolhessem a ordem preferível para a colocação das informações de acordo com a intuição: qual colocação ficou mais fácil de compreensão ou que o texto tenha ficado melhor.

Assim como na primeira pesquisa, obtivemos a preferência (60.31%) pela opção em que a colocação da informação principal estava no final do segmento-tópico. Se observarmos apenas os grupos GII.2, GII.3 e GIII que são leitores habituados com avaliação de textos, a preferência vai para um percentual próximo a 70%.

O resultado das duas pesquisas veio confirmar plenamente as hipóteses de que a forma de distribuição da informação nos segmentos textuais afeta a qualidade do texto e a facilidade de compreensão e que nos textos em que ocorreu a progressão linear, além dos segmentos finais favorecerem a apresentação do material principal, também podem introduzir, em posição remática, um novo tópico discursivo futuro, a ser desenvolvido a partir do início do segmento seguinte o que funciona como estratégia coesiva no nível acima do intersentencial.

Essas pesquisas nos deram uma interessante mostra de que a maioria dos leitores informais ou críticos preferem a colocação da informação principal no final do segmento-tópico o que não aconteceu com os textos considerados piores. Essa posição em final de segmento-tópico, por facilitar a compreensão, facilita, também, a interação autor/leitor.

É preciso dizer que esse trabalho abriu possibilidades para outros estudos. Dentre eles podemos citar que ficou em aberto para um próximo trabalho a verificação da seguinte hipótese: se a falta de progressão afeta

significativamente o texto, tornando-o pior. Apesar da progressão ter peso mínimo na avaliação dos corretores de redação, até que ponto a progressão ruim influenciou para que os outros aspectos fossem ruins? Quais os aspectos que a falta de progressão atinge?

Creemos que este trabalho tem conseqüências interessantes para o ensino/aprendizagem de produção e compreensão de textos. Na produção, importa ressaltar que basicamente, se os educadores criarem oportunidades para que os alunos percebam a importância da colocação das informações no texto poderá estar contribuindo para a produção de textos de boa qualidade e com facilidade de compreensão, atingindo melhor seus objetivos interativo-comunicacionais. Quanto à compreensão, o professor terá condições de controlar melhor os aspectos ligados à informação e sua distribuição que afetam a legibilidade dos textos com que trabalha a leitura em sala de aula.

Com este estudo, acreditamos ter contribuído, mesmo que minimamente, com o desenvolvimento dos estudos textuais sobre a constituição dos textos e da influência disso na consideração da boa formação de textos e na interação entre produtor e receptor (leitor) do texto, à medida que apresentamos evidências sobre a forma e o papel da distribuição da informação nos segmentos, e sobre o valor da repetição ou retomada de subtópicos como fator coesivo, de grande valor para a progressão textual, o que faz com que o texto seja considerado como melhor pelos leitores.

Críticas e sugestões são esperadas e bem-vindas.

SUMMARY

This work is about two empirical researches which had the purpose of verifying, in the Portuguese Language, if the question of information (main/secondary, given/new) and the use of repetition (new information, in rhematic position, resumed as a theme of the following topic-segment) as a cohesive device above the intersentencial level, affect the unit and the informational progression.

The first research was performed analyzing the fifty best compositions and the fifty worst ones, according to the correction team. They were selected among the compositions for college entrance examinations (1997) of three universities and one college. An analysis was carried out on the placement of the main and secondary information in three types of topic progression (linear, constant theme and segmented rhema) or without any progression and, specifically, repetition as a cohesive device in the linear progression.

The second research consisted of a questionnaire made up of texts that were considered good by reviewers, analysts and readers with the information placed in different orders aiming to check the reader's preference, according to his intuition, for the placement of the text information.

We verified that the choice made by the majority of the interviewees was the text in which the main information was placed at the end of the topic-segment; also, the majority of the compositions considered to be the best by the correction team, had the main information at the end of the topic-segment. This did not happen among the compositions considered as worst. In the texts in which there was a linear progression, the final segments of the topic-segment not only favoured the presentation of the first plan or main, plan material, but also, can introduce in a rhematic position, a new future discursive topic, which will be developed as from the beginning of the next segment.

We were able to confirm that it is fundamental to regard these aspects for good quality text production, and also for reading as regards to how the reader sees the text: good or bad, easy or difficultly to be understood.

KEY-WORDS : Text, Segmentation, Information, Cohesion and Progression

BIBLIOGRAFIA

Livros:

- ANDRÉ, Hildebrando A.. (1978). **Curso de redação**. São Paulo: Marco Editorial.
- ANTUNES, Maria Irlandé Costa. (1996). **Aspectos da coesão do texto - uma análise em editoriais jornalísticos**. Recife: Editora Universitária UFPE.
- ARISTÓTELES (1978) - **Tópicos. Dos argumentos sofisticos**. São Paulo: Abril Cultural. (Trad. de Leone Vallandro e G. Bornheim).
- BAKHTIN, Mikhail. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1995 (Trad. bras. com base na trad. francesa de 1977, do original russo de 1929).
- BARBOSA, Severino & AMARAL, Emília. (1988). **Escrever é desvendar o mundo**. 3ª. Ed. Campinas, SP: Papirus.
- BARDOVI - HARLIG, Kathleen. (1990). “Pragmatic word order in english composition”. In: U. Connor & M. Johns (eds.), **Coherence: Research and pedagogical perspectives**. Washington, D.C.: TESOL, 43 - 65.
- BARROS, Jayme. (1985). **Encontros de redação**. São Paulo: Moderna.
- BEAUGRANDE, Robert de & DRESSLER, Wolfgang.(1981). **Introduction to text linguistics**.2ª. Ed. Londres: Longman, 1993.
- BRAGA, M. Luiza e SILVA, G. M. De Oliveira. (1984). “Novas considerações a respeito de um velho tópico: a taxonomia. novo/velho”. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Linguística: questões e controvérsias**. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 27 - 40.
- BROWN e YULE. (1983). “Information Structure” . In: **Discourse analyses**. Cambridge : University Press .
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. (1977). **Manual de expressão oral e escrita**. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- CÂNDIDO, Antônio. (1993). **Na sala de aula. Caderno de análise literária**. 4ª. Ed. São Paulo: Ática.
- CARRETER, Fernando Lázaro e LARA, Cecília. (s/d). **Manual de explicação de textos**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- CEGALLA, Domingos Martins. (1988). **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 30ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- CITELLI, Adilson (1994). **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione.
- COMBETTES, Bernard. (1983). **Pour une grammaire textuelle. La progression thématique**. Paris: Gembloux, A . De Boeck/Duculot.
- COSTA VAL, Maria da Graça.(1991). **Redação e textualidade** . São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DANES, Frantisek. (1974). “Functional sentence perspective and the organization of the text”. In: F. Danes (ed.) . **Papers on functional sentence perspective**, Prague: The Hague, 106-128.
- DURANTI, A . E OCHS, E .. (1979). “Left deslocation in Italian conversation”. In: GIVON T. (org.) . **Discourse and syntax** [syntax and semantics, vol. 12]. Nova York, Academic Press, pp. 377 - 416.
- FÁVERO, Leonor Lopes (1991). **Coesão e coerência textuais**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1994.
- FÁVERO, Leonor e KOCH, Ingedore G. V. (1983). **Linguística Textual: uma introdução**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- FIRBAS, Jan. .(1964). “On defining the theme in functional sentence analysis”. In: **Travaux linguistiques de Prague**, 1: 267 - 280.
- FOUCAULT, Michel. (1969). **A arqueologia do saber**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. (Trad. de Luiz Felipe Balta Neves).
- FUCHS, Catherine. (1982). **La paraphrase**. Paris: Press Universitaires de France.
- GARCIA, Othon Mª .(1965). **Comunicação em prosa moderna**. 14ª. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- GERALDI, João Wanderley (1981). “Tópico - comentário e orientação argumentativa”. In: **Sobre a estruturação do discurso**. Campinas, SP: IEL/UNICAMP. P.63-70.
- _____.(1987). **O texto na sala de aula**. 2ª ed. Cascavel: ASSOESTE.
- _____.(1991). **Portos de passagem**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes,1995.
- GUIMARÃES, Eduardo. (1995). **Os limites do sentido**. Campinas, SP: Pontes.
- GUIMARÃES, Elisa. (1993). **A articulação do texto**. 3ª. Ed. São Paulo: Ática.
- HALLIDAY, M. A . K.. (1974). “The place of ‘functional sentence perspective’ in the system of linguistic description”. In: DANES (ed.). **Papers on functional sentence perspective**. Prague: The Hague. P. 43-53.
- _____(1979). **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning** . 2ª. Ed. Londres, Edward Arnold Ltd.

- HALLIDAY & HASAN (1976). **Cohesion in english**. London, Longman.
- INFANTE, Ulisses. (1991). **Do texto ao texto**. São Paulo: Scipione.
- JUBRAN, Clélia Cândida *et alii* (1992). “Organização Tópica da Conversação”. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado**. Vol. II. Níveis de análise lingüística. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- KLEIMAN, Ângela. (1989. a). **Leitura: ensino e pesquisa**. 2ª Ed. Campinas,SP: Pontes, 1996.
- _____.(1989. b). **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 2ª. Ed. Campinas, SP: Pontes, 1992.
- KOCH, INGEDORE G. V. (1984). **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez.
- _____. (1987). “Dificuldades na Leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos”. In: CLEMENTE, Elvo e KIRST, Maria Helena Barão (org.). **Lingüística aplicada ao ensino de português**. Porto Alegre, Mercado Aberto. P. 84-98.
- _____.(1989). **A coesão textual**. 5ª.Ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____.(1992). **A inter-ação pela linguagem**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 1995.
- KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1989). **Texto e coerência** . 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____.(1990).**A coerência textual**. 5ª. Ed. São Paulo: Contexto, 1993.
- LAUTAMATTI, Luisa. (1978). “Observation on the development of the topic in .simplified - discourse”. In: CONNOR & KAPLAN (eds.), **Writting across languages: Analysis of the 2 text**. Reading, M. : Addison- Wesley, 1987:92-126.
- MAIGUENEAU, Dominique. (1987). **Novas tendências em análise do discurso**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes/ UNICAMP, 1993. (Trad. de Freda Indursky).
- MARCHUSCHI, Luiz Antônio (1983). **Lingüística de texto: o que é, como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco (Série Debates).
- MAYNARD, D. (1980). “Placement of topics chances it conversation”. In: **Semiótica**, 30: 263 - 290.
- MIRA MATHEUS, M. Helena *et alii*. (1983) . **Gramática da língua portuguesa**. 3ª Ed. Coimbra: Almedina Caminho, 1992.
- OSAKABE, Haqira. (1979). **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Kairos Livraria e Editora.
- PÊCHEUX, MICHEL. (1969). “ A análise automática do discurso”. In: GADET, F. & MAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do**

- discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2^a. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- PÉCORA, Alcir. (1983). **Problemas de redação.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PLATÃO & FIORIN. (1990). **Para entender o texto - leitura e redação.** São Paulo: Ática.
- PRINCE, Ellen F..(1981). “Toward a taxonomy of given - new information”. In: COLE, P.. **Radical Pragmatics** New York: Academic Press, 223 - 255.
- RICKHEIT, G. & STROHNER, H.. (1986). “Towards a functional approach to text connectedness”. In: PETÖFI, J. (ed.). **Text connectedness from a psychological point of view.** Hamburg: Buske.
- ROCCO, Maria Tereza Fraga. (1981). **Crise na linguagem: a redação no vestibular.** São Paulo: Mestre Jou.
- SHNEIDER, Melanie & CONNOR, Ulla. “Topical structure in ESL essays: not all topics are equal”. To appear. In: **Studies in second language acquisition**, 1990.
- TERRA, Ernani & NICOLA, José (1996). **Redação para o 2º grau.** São Paulo: Scipione.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1996). **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez.
- VAN DIJK, Teun A. .(1972) **Some aspects of text grammars.** The Hague, Mouton.
- _____.(1992). **Cognição, discurso e interação.** São Paulo: Ática.

INÉDITOS:

- KOCH, Ingedore G. V..(1994). **O texto: construção de sentido** Campinas: UNICAMP/IEL. MIMEO. 6 pp.
- _____.(1994).**Coesão e coerência: verso e reverso.** Campinas: UNICAMP/ IEL, MIMEO. 11 pp.
- COSTA VAL, Maria da Graça . (1992). **A coerência e a coesão do “textoescolar”.** Belo Horizonte: FAE/ UFMG. 26 pp.
- ELIAS, Margarethe Steinberger. (dec. 80). **A estrutura textual e seus efeitos sobre a legibilidade do texto.** Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras. 34 pp.

PERIÓDICOS:

- ARRUDA FERNADES, Vânia Maria Bernardes. (1996). “A tipologia textual e o emprego de conectivos em textos orais e escritos”. In: **Letras & Letras**, v. 12 (2) - Jul./Dez., Uberlândia: UFU. P. 23-45.
- CARNEIRO, Agostinho Dias *et alii*. (1993). “O adjetivo e a progressão textual”. In: **Letras & Letras**, v.8 (1),Junho de 1992, Uberlândia: UFU. P. 21-30.
- CHARROLES, Michel. (1978). “Introduction aux problèmes de la cohérence des textes”. In: **Langue Française**, Paris: Larousse. P. 38:7-14.
- CHOCIAY, Rogério. (1993). “Uma estratégia para o ensino da ordem dos elementos na frase portuguesa”. In: **Alfa**, 37:13-22, São Paulo: Unesp.
- FÁVERO, Leonor Lopes. (1985). “A informatividade como elemento de textualidade”. In: **Letras de Hoje** 18 (2), 60, Porto Alegre: PUC/RS. P. 13-20
- FINOTTI, Luisa Helena Borges. (1996). “Uma possível aplicabilidade para alguns fatores de textualidade”. In: **Letras & Letras**, v.12 (2) – Jul./Dez., Uberlândia: UFU. P. 165-172.
- FRIES, Peter H.. (1992). “The structuring of information in written english text”. In: **Language Sciences**, vol.14, no. 4, pp. 461-488, Oxford: Pergamon Press Ltd.
- GARCIA, Ana Luiza Marcondes. (1990). “Argumentação e redação escolar” In: **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, 16, Jul./Dez., Campinas: UNICAMP/IEL. P. 81-89.
- GERALDI, J. W.. (1986). “Prática da produção de textos na escola”. In: **Anais** do III Encontro de Professores de Redação do Estado do Rio de Janeiro.
- GIORA, R.. (1983). “Segmentation and segmente cohesion: on the thematic organizationof text”. In: **Text**, vol.3. P. 155-181.
- KAPPEL, Irma Beatriz Araújo. (1996). “Segmentação estrutural e coesão na organização temática do texto”. In: **Letras & Letras**, v. 12 (2), Jul./Dez., Uberlândia: UFU. P. 223 - 242.
- KLEIMAN, Ângela B. (1990). “A interface da leitura e redação no ensino e na pesquisa”. In: **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, 16, Jul./Dez., Campinas: UNICAMP/IEL . P. 91-100.
- LEAL, Maria C. D. Leal. (1988). “Contribuições de uma gramática do texto para o ensino da língua materna”. In: **Trabalhos em Lingüística Aplicada** 12, Jul./Dez., Campinas: UNICAMP/IEL. P. 138 - 146.

- LEMOS, Cláudia T. Guimarães de . (1977). “Redações de vestibular: algumas estratégias”. In: **Cadernos de Pesquisa**, nº 23, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 23:61-72.
- MORAES, Olinda Martins.(1986). “Um estudo das relações de coesão em português”. In: **Letras & Letras** , vol.2 , nº 2, Dezembro, Uberlândia: UFU. P.359-384.
- NEIS, Ignácio Antônio. (1981). “Por uma gramática textual”. In: **Letras de Hoje**, 14 (4), Porto Alegre: PUC/RS. P.21-29.
- _____.(1985). “Por que uma lingüística textual?”. In: **Letras de Hoje**, 18 (20), n.º 60, Porto alegre, PUC/RS. P.7-12.
- PERINI, Mário. (1981). “Um aspecto da interpretação do tópico em português”. In: **Série Estudos**, Uberaba: FISTA, nº 7, pp. 52 - 61.
- PONTES, Eunice. (1985). “Sujeito e tópico do discurso”. In: **D.E.L.T.A**, vol.1, nos. 1 e 2, 51 - 78.
- RISSO, M. S. (1990). “A recorrência da informação como fator de coesão do diálogo”. In: **Alfa**, v.34, São Paulo: UNESP.
- SIQUEIRA, JOÃO H. S. de. (1988) . “Uma proposta para o ensino/aprendizagem de redação: alguns critérios para coesão e coerência do Texto”. In: **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, 12, Jul./Dez., Campinas: UNICAMP/IEL. P.165 - 174.
- TURAZZA, J.S. (1993) “Estratégias para o ensino de coerência textual”. In: **Linha d’água**, n.8, São Paulo: EDUSP, 47-59.
- VOTRE, Sebastião J. E SILVA, Fábio Freitas.(1988). “Padrões de textualidade nos discursos didáticos e técnicos”. In: **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, 12, Jul./Dez., Campinas: UNICAMP/IEL. P.109 - 118.

DISSERTAÇÃO E TESE:

- LIBERATO, Yara G. . (1980). **Sobre a oposição dado/novo**. Belo Horizonte, FALE/UFMG. Dissertação de Mestrado.
- GARCIA, Ana Luiza Marcondes. (1984). **Argumento e redação escolar**. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado.
- MOREIRA, Terezinha Maria. (1991). **A progressão temática na redação escolar**. Campinas: UNICAMP/ Dissertação de Mestrado.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1991). **Um estudo textual discursivo do verbo no português do Brasil**. Campinas: UNICAMP / Tese de Doutorado.

OUTROS:

VESTIBULAR, Guia auxilia candidatos à prova de redação da UFPR.
JORNAL GAZETA DO POVO, Curitiba, 12 de dezembro de 1996.

PROVA DE REDAÇÃO DE VESTIBULAR DAS UNIVERSIDADES:

Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro de Uberaba (FMTM)
Universidade de Uberaba (UNIUBE)
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

ANEXOS

ANEXO I

Amostragem :

- 1) Análise de 15 melhores redações, sendo 5 de cada tipo de progressão (Linear, Tema Constante e Tema Subdividido);
- 2) Análise de 10 piores redações, sendo 5 com algum tipo de progressão e 5 sem nenhum tipo de progressão.

Em primeiro lugar, dividiremos os **segmentos-tópicos** das redações para depois localizarmos a posição da **informação principal** dentro de cada segmento. Verificaremos, logo a seguir, em que **tipo de progressão textual**⁹ se enquadra cada redação, *mesmo que não seja no texto todo, mas em sua maioria*.

Seguiremos o seguinte código para o estudo das redações:

Mudança de cor: mudança de Segmento-Tópico;
Em negrito: Informação Principal, de 1.º plano;
Sublinhado: Progressão Temática segundo a estrutura informacional.

Cinco Melhores Redações com Progressão Linear (A – B; B – C; C – D)

- 1) Redação n.º 1 – Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro
 Tema: A favor da punição do erro médico
 Nota recebida: 30 pontos - 100% - Progressão Linear

⁹As definições de segmento-tópico, informação principal e progressão textual encontram-se no capítulo 2. Dos Fundamentos.

“Punição aos erros médicos: um tratamento sem seqüelas”

“A Medicina sempre foi uma ciência admirada e respeitada por todos. **A profissão de médico** faz qualquer ser humano equiparar-se a um “deus” mas, **se por um lado garante-lhe fama e prestígio, por outro cercão de responsabilidades extremas, uma vez que no jogo da vida um lapso pode ser fatal.**

É verdade que todos os indivíduos cometem erros. E o médico, por mais profissional que seja, não foge à regra. A frieza e a determinação nas decisões rápidas impõem-lhe um desafio em que não se pode acertar sempre. **Em fração de segundos, arriscam-se o prestígio e o diploma e de um gesto incerto pode sobrevir um erro e com ele a punição.**

Punir erros médicos é a solução mais eficaz na tentativa de melhorar a capacitação destes profissionais. Atualmente, milhares de jovens saem das universidades de medicina sem o menor preparo e são expostos a um mercado no qual o sistema de saúde, além de ser privilégio de poucos, é deficitário e mal-estruturado. Assim a punição a deslizes fatais ou não serve de paliativo para amenizar a desorganização da rede hospitalar. **Culpar médicos inaptos cobrando-lhes indenizações ou anulando seus diplomas é a maneira mais correta de obrigá-los a requerer um aprimoramento acadêmico e técnico. Desta forma, a sociedade estará protegida de novos erros.**

É indubitável que nenhum médico é perfeito e mesmo os profissionais competentes cometem enganos. Mesmo assim, devem também ser punidos. Em casos de displicência médica não se pode ignorar a dor da família que perdeu um ente querido ou as seqüelas deixadas por uma operação malfeita. **O sofrimento da vítima supera as qualificações do médico e este deve assumir e arcar com as conseqüências de seu erro.**

A sociedade atual carece de bons profissionais. E para obtê-los faz-se necessária a mudança no sistema educacional das universidades bem como a instituição de penas efetivas a médicos despreparados. **Certamente uma punição eficaz não deixará seqüelas.”**

2) Redação nº 3 – Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro

Tema: A favor da punição do erro médico

Nota: 27 pontos - 90% - Progressão Linear

“Medicina Humana”

“Desde a antiguidade, os profissionais ligados à saúde exercem uma função muito especial: a luta pela vida. **Seus erros geram conseqüências muitas vezes irreparáveis. É preciso, portanto, punir suas falhas corretamente.**

No Brasil, muitas pessoas são vítimas de **erros médicos** de gravidade variável. Tornaram-se comum casos de morte coletiva como ocorreu na hemodiálise em Caruaru e nas maternidades do Rio de Janeiro. Há planos de saúde que não cumprem os contratos, médicos que cobram de seus pacientes f serviços que deveriam ser gratuitos. As denúncias demonstram o caos da saúde pública. Deve haver punição dos profissionais e instituições que, por desonestidade , incompetência ou irresponsabilidade, causam danos às pessoas. **Apesar de que a vida humana tem valor incalculável, a pena do culpado deve ser coerente com o grau das seqüelas.**

É importante ressaltar que muitos veículos de informação exploram **esse assunto** , baseando-se apenas em suspeitas, a fim de fazer sensacionalismo. Aumenta, assim, o medo e a insegurança da população, agravando a situação. Além disso muitos profissionais perdem sua dignidade profissional, injustamente, por acusações incertas. **É preciso investigar os fatos antes de condenar moralmente qualquer pessoa.**

Lidar com a saúde é uma tarefa difícil, exige muito esforço, perseverança e paciência. Quem utiliza disso com fins monetários, materiais, realmente precisa ser punido, pois seu objetivo deve ser salvar vidas. **Errar é humano, porém é mister que se apure até onde vai a impotência da medicina e onde começa a negligência e o egoísmo.**”

3) Redação nº 11 - Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro

Tema: Contra a punição do erro médico

Nota: 24 pontos - 80% - Progressão Linear

“Punição médica: a negligência do paciente”

“A medicina é uma área extremamente delicada em termos de conseqüências da atuação profissional. **Um médico acaba sendo encurralado pela responsabilidade de ter a vida humana como instrumento de trabalho e pelas possíveis acusações de incompetência na profissão.**

O médico, como alguém preparado por longos anos de estudo, foi, certamente, capaz de provar a seus mestres ser competente para zelar por vidas. Ao ser acusado por erro ou negligência por um leigo, este não terá embasamento na área para acusar o profissional da saúde, a menos que seja

devidamente orientado. **Nesta ocasião, podem surgir oportunistas que coagem o paciente a pedir indenização a fim de receber uma parcela desta pelos serviços prestados no setor judicial.**

No caso da punição por indenização, o dinheiro pago pelo médico ao paciente não sanará o dano sofrido por este. Nesse momento, a ganância prevalecerá sobre o senso de humanidade e o dinheiro será um atenuante do sofrimento. Resta, ainda, a questão de quanto deve ser pago por cada tipo de lesão. Estipular valores seria um desrespeito ao flagelo do paciente e uma agressão ao profissional que teria suas ações tolhidas por uma tabela de preços. **Assim, uma atitude arriscada, mas se bem sucedida, salvífica para o paciente poderia não ser efetuada devido ao medo do médico de ser obrigado a dispor de uma quantia que nem sempre ele terá.**

A punição por erro médico, portanto, é uma questão muito sensível. O paciente permanecerá lesado e o médico, que dificilmente agiu de maneira errada consciente, se tornará vítima de uma situação a qual pode levá-lo ao fim de sua carreira. Um único fracasso, talvez, pode tirar de atuação alguém que já salvou muitas vidas ou que pode ajudar muitas pessoas da nossa miserável realidade.”

4) Redação nº 41 – Universidade Federal de Uberlândia

Tema: (A - 2º sem.) A favor de que existe vida inteligente sobre a terra

Nota recebida: 16,65 – 92,5% - Progressão Linear

“Inteligência: conceito relativo”

“Observando-se o mundo contemporâneo, percebe-se que a humanidade conquistou grandes progressos tecnológicos, culturais e grandes feitos em todos os campos do conhecimento. Não obstante este quadro auspicioso, essa mesma humanidade, gradualmente, caminha em direção ao seu próprio fim, o que inevitavelmente ocorrerá, caso persista a devastação do meio ambiente e do planeta como um todo. **Será a humanidade então inteligente?**

Frise-se, primeiramente, que existe inteligência no planeta Terra. É impossível não considerar o homem como um ser dotado de inteligência. O raciocínio, a criatividade, a capacidade de abstração e principalmente a capacidade de superar obstáculos e progredir provam que há vida inteligente na Terra. Além disso, cresce cada vez mais o número de pessoas preocupadas com os perigos que o próprio homem representa para seu planeta.

Ora, mas se há vida inteligente no planeta, quais os motivos que levam à contínua devastação do planeta? São os velhos motivos de sempre:

a ganância desmedida, o lucro e a riqueza como primordiais, acima de quaisquer outros valores.

Em síntese, não é uma questão de se perguntar se há inteligência ou não no planeta Terra. Inteligência não é sinônimo de virtude, de bondade ou de sentimentos nobres. O que deveria ser questionado é se, no planeta Terra, existe ética, fraternidade, escrúpulo e amor pelo planeta.”

5) Redação nº 93 – Universidade Federal do Paraná

Tema: Contra o “Provão”

Nota recebida: 9 – 90 % - Progressão Linear

“Não basta as inúmeras provas que os estudantes são obrigados a fazer durante a vida, agora mais essa. É de minha opinião que nenhuma avaliação, qualquer que seja, é capaz de medir os conhecimentos de uma pessoa. Em se tratando do Provão, **é muita responsabilidade para uma simples prova, o de avaliar o aprendizado de uma longa vida acadêmica de um aluno e ainda melhorar o ensino dos cursos de graduação.** Para uma melhoria de ensino nas Universidades não é eficaz a utilização desses métodos teóricos, o ideal seria um investimento mais prático. Eu acredito que o que realmente mede a qualidade do ensino de uma Universidade é a atuação do profissional no mercado de trabalho lá fora e não uma prova com cinco perguntas.”

Cinco Melhores Redações com Progressão com Tema Constante (A—B; A—C; A—D)

1) Redação nº 12 - Faculdade de medicina do Triângulo Mineiro

Tema: Contra a punição do erro médico

Nota: 24 pontos - 80% - Progressão com Tema Constante

“Quem merece punição médicos ou governo?”

“Vem tornando-se cada vez mais freqüente a ocorrência de “erros médicos” no país, gerando, com isso, muita discussão em torno da punição e principalmente, das causas que provocam tais erros.

Sem dúvida, é bastante preocupante o aumento no número de mortes e mesmo de outros danos a pacientes, devido aos procedimentos médicos tomados. **Esse fato acaba por levar à revolta e à indignação de pacientes e familiares que, em muitos casos, condenam os médicos, considerando-os**

como os únicos responsáveis pelas fatalidades ocorridas; passando a exigir tanto punição aos médicos, quanto indenização pelos problemas sofridos.

No entanto, não é o médico o único e maior “vilão dessa estória”. As super lotações dos hospitais, falta de medicamentos e atendimento adequados, instalações precária, em fim, todas as péssimas condições de saúde existentes em todo o país, são sim as principais culpadas pela morte de muitos pacientes. Um médico, por mais competente que seja, não tem condições de atender várias pessoas praticamente ao mesmo tempo e com a devida atenção e cuidados, principalmente àqueles que se encontram em estado mais grave, necessitando de tratamento intensivo. **Às vezes, o próprio médico é obrigado a escolher apenas um paciente entre outros, devido à falta de equipamentos suficientes para atender a todos, o que poderá, então, provocar a morte de outros.**

Segundo às leis, todo crime tem sua punição, sendo assim, os médicos também devem ser submetidos à punição por seus erros, porém, desde que antes faça uma análise minuciosa, a fim de se ter a certeza de que o erro foi apenas médico ou foi um erro provocado pelo descaso do Estado.

Assim, diante de tantos problemas, é de primeira instância a necessidade de uma reestruturação profunda nos sistemas de saúde brasileiros. **É preciso que toda a sociedade se una de forma a fazer o Estado sair de sua omissão e inoperância, e proporcionar as devidas e necessárias reformas no setor de saúde, desta forma, então, observar-se-á a diminuição de muitas mortes injustas.”**

2) Redação nº 53 – Universidade Federal de Uberlândia

Tema: (A 2º sem.) Contra a idéia de que existe vida inteligente sobre a Terra

Nota recebida: 16,15 – 89,7% - Progressão com Tema Constante

“Inteligência versus Sobrevivência”

“A humanidade ao mesmo tempo em que evolui tecnologicamente e se torna civilizada, perde a inteligência quando destrói seus recursos vitais. **Isto ocorre porque nossa sociedade civilizada não se preocupa em obter harmonia ao modificar a natureza em busca do seu conforto e garantir sua vida preservando-a simultaneamente.**

A ausência de inteligência nos homens é demonstrada claramente na medida em que eles utilizam sua racionalidade prejudicando a natureza. Não há vantagens em se desenvolver a indústria, mecanizar a agricultura, fabricar meios de transporte cada vez mais confortáveis se desta maneira nossas fontes

essenciais de vida estão desaparecendo. É o que ocorre com a camada de ozônio em deterioração, as florestas queimadas, além dos solos infertilizados. **Assim como estes recursos intensamente danificados a nossa própria sobrevivência é ameaçada e a nossa inteligência ausentada.**

O fato de a raça humana – caracterizada erroneamente de inteligente – ser uma civilização tecnológica é fatalmente prejudicial. Este prejuízo ocorre na medida em que os habitantes racionais da Terra degenera aos poucos o planeta. Os homens buscando lucros materiais destroem sua próprias vidas quando poluem os rios, derramam petróleo nos mares e produzem máquinas responsáveis pela poluição atmosférica. **Desta maneira, torna o seu “habitat” – planeta Terra – inseguro e inabitável, comprovando assim a falta de inteligência da raça humana, dominante e racional através da degeneração constante dos ecossistemas terrestres.**

Nesse sentido a civilização tecnológica não representa a existência de vida inteligente no planeta Terra. Pois ela mesma está destruindo sua fontes de vida essenciais, através principalmente da poluição e exploração abusiva dos recursos naturais terrestres. Desse modo **a degradação do nosso planeta pelo próprio homem evidencia a ausência de inteligência.**”

3) Redação nº 63 – Universidade Federal de Uberlândia

Tema : (B 2º sem.) Como explicar a existência de atos violentos na sociedade

Nota recebida: 16,30 – 90,5% - Progressão com Tema Constante

“O individualismo nos centros urbanos”

“Os atos de violência são fruto do individualismo social, do egoísmo e da falta de solidariedade entre as pessoas nas diversas camadas sociais.

Em decorrência da agitação observada nos grandes centros urbanos, com seus gigantescos engarrafamentos, a vida de seus habitantes se torna cada vez mais tumultuada. A constante falta de tempo faz com que as pessoas se tornem individualistas e egoístas, querendo sempre o melhor para se. **Esse caos e a falta de atenção com as demais pessoas levam os indivíduos à solidão, à angústia e até mesmo ao desespero expresso na maioria das vezes em atos violentos, contra si mesmo e contra os outros.**

Essa violência não tem origem apenas na miséria e na pobreza das periferias urbanas. Atitudes violentas como a suposta brincadeira feita pelos cinco jovens da classe média alta de Brasília ao índio Pataxó Gaudino, na qual este foi queimado vivo em um ponto de ônibus nos demonstra explicitamente que **a violência está presente também nas mais altas classes sociais.**

A intensa propaganda feita sobre a violência nas televisões e filmes levam ao inconsciente das pessoas a idéia de que o poder, o dinheiro e o status social se consegue por meios violentos e autoritários. **Diariamente as crianças e os jovens são bombardeados com essas idéias, que com a certeza da impunidade, cometem crimes bárbaros que chocam a todos e são tidos como inexplicáveis.**

A explicação para esses atos de violência está na falta de cooperação e ajuda mútua entre as pessoas, na falta de amizades sinceras que preencham os indivíduos em todas as suas carências de amor, afeto e carinho.

4) Redação nº 71 – Universidade de Uberaba

Tema : Liberdade

Nota recebida: 50 – 100 % - Progressão com Tema Constante

“O que é a liberdade?”

“Quem seria capaz de definir liberdade em uma única palavra? Poucos, provavelmente, ninguém. **Talvez porque seja a liberdade um conjunto de sonhos e não somente um.**

Liberdade seria o direito de ir e vir, como dita a constituição. Essa mesma constituição que permite ao homem delimitar uma área e impedir seus semelhantes de ali passarem. A mesma lei maior que pune o homem com o confinamento em cadeias e presídios.

Seria a liberdade o direito de se expressar, de expor suas opiniões e desejos. Mas nem todos têm esse direito assegurado, já que ainda há ditaduras ideológicas. Apesar da redemocratização sofrida pelo mundo nas últimas décadas, convive-se ainda com regimes antidemocráticos que inibem, ou até eliminam, a liberdade do cidadão. Entretanto, mesmo em países considerados democráticos, a liberdade é inibida – embora de forma bem mais sutil que as ditaduras – mais ainda com grandes prejuízos para a sociedade. É a chamada “massificação do homem” que é conseguida com a utilização de mecanismos como a mídia.

Então, ser livre seria poder escolher seus governantes. Porém, **do que adianta a livre escolha quando a maioria da população não teve acesso à educação e às informações que lhe seriam indispensáveis para uma escolha acertada?**

Enfim, o que é liberdade? A liberdade parece ser o conjunto de sonhos que provavelmente não será concretizado enquanto a sociedade estiver

estruturada nos moldes atuais. **A liberdade, infelizmente, parece não combinar com as leis dessa sociedade.”**

5) Redação nº 82 – Universidade Federal do Paraná

Tema : A favor do “Provão”

Nota recebida: 10 – 100 % - Progressão com Tema Constante

“O projeto de realizar o Exame Nacional de Cursos é, ao meu ver, algo que há muito deveria ter se concretizado. **Esta é uma boa forma de avaliar a formação dos profissionais à nível universitário e, desta forma, corrigir o que for necessário, dinamizando e atualizando conteúdos, formando cada vez mais pessoas seguras e preparadas para o trabalho na sociedade. Contudo, somente realizar o “Provão” não basta. É preciso empenho das autoridades responsáveis para que mudanças cabíveis e necessárias sejam feitas.** Além disso, seria prudente que, desde cedo, os professores fizessem alusão a esta avaliação, criando nos alunos o senso crítico, gerando construções construtivas e evitando, acima de tudo, manifestações abusivas e vergonhosas como a de certos estudantes despreparados e oportunistas, ocorrida em 10/11/96.”

Cinco Melhores Redações com Rema Subdividido (A – B [B1 + B2]; B1 – C ; B2 – D)

1) Redação nº 13 – Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro

Tema: Contra a punição do erro médico

Nota: 24 pontos - 80% - Progressão com Rema Subdividido

“O preço do acaso”

“Recentemente, um assunto gerador de discussão e que vem conseguindo dividir a opinião pública é a questão da indenização por erro médico.

Existe na atualidade uma tendência de quantificar o sofrimento humano. Há quem acredite que a dor de uma ou muitas pessoas pode ser amenizada, ou mesmo apagada, por compensações materiais. O dano sofrido por alguém no caso de um erro médico, ainda que não leve a vítima à morte, é incomensurável; e mesmo a dor da família somente o tempo pode atenuar. Na verdade, **essa tendência que nos remete à “Lei de Talião” vigente na antiguidade não passa de uma forma macabra e brutal de exploração,**

pois, na maioria dos casos, a vítima nem teria condições de usufruir do dinheiro e este caberia a seus próximos.

Outro fator preponderante é o desrespeito ao homem enquanto ser frágil e imperfeito. Estamos suscetíveis a erros mesmo naquilo em que somos peritos. Os médicos, apesar de por contexto serem obrigados a errar menos que os outros, são seres normais e, em consequência, imperfeitos. A precisão da mão humana não é falível, e não é necessário um prejuízo financeiro ou um processo criminal para que o médico pague pelo seu erro involuntário. **A própria frustração pelo insucesso já o castiga.**

Dessa forma, é preciso que tenhamos um maior respeito à condição humana, a suas falhas e a seus sofrimentos, e que paremos de comercializar nossas fatalidades. Aos médicos, cabe a nós que por eles rezemos e torçamos, ao invés de lhes exigirmos perfeições divinas.”

2) Redação nº 22 - Universidade Federal de Uberlândia

Tema: (A 1º sem.) A favor do médico decidir o momento da morte do paciente

Nota recebida: 15,75 – 87,5% - Progressão com Rema Subdividido

“Médico: Um grande herói”

“Uma grande polêmica que se levanta hoje em dia quanto ao poder do médico sobre a vida de um paciente é a se esse profissional tem ou não direito de decidir quem morre e quem vive. **Olhando sob um ponto de vista objetivo, temos que dar ao médico tal direito por dois principais motivos. Um deles tem como base a situação econômica da saúde no Brasil e o outro é que somente um profissional da área pode ver imparcialmente, qual a melhor decisão.**

Sob o ângulo econômico, não há lugares para hesitações fundadas em conceitos e princípios morais, **pois o custo de uma internação do doente que não tem chances é, ao fim do processo um prejuízo.** Mesmo que não seja imediato, alguém acabará pagando pelo fato.

Um outro aspecto muito importante, que deve ser levado em conta é que existe uma característica primordial atribuída aos médicos que é a imparcialidade, a qual lhes confere um bom requisito para tomar decisões desse nível. **Na verdade, essa qualidade acaba sendo deturpada pela opinião pública, gerando uma visão errada sobre o profissional da área, a quem são atribuídos adjetivos radicais selecionados de acordo com a consciência de cada um.**

Contudo, se não fosse o médico a tomar tais decisões, quem seriam os mais indicados para isso? Temos que reconhecer que a omissão desse profissional diante de tal assunto geraria uma outra “guerra” muito pior que a travada na consciência da cada pessoa. **Surgiria assim o conflito de interesses englobando muito mais aspectos, fato que dificultaria qualquer decisão.”**

3) Redação nº 62 – Universidade Federal de Uberlândia

Tema: (B 2º sem.) Como explicar a ocorrência de atos violentos na sociedade

Nota recebida: 16,75 – 93% - Progressão com Rema Subdividido

“A impunidade é a causa”

“As atrocidades vistas ultimamente têm demonstrado que cada vez mais crescem as desigualdades sociais e, simultaneamente crescem os abusos do dominante sobre o dominado. **A falta de educação moral e principalmente a impunidade são as principais causas desses abusos.**

O sentimento de superioridade causado por possui o poder, seja este econômico, político ou militar, leva o homem a cometer barbáries, como por exemplo, o incêndio do índio em Brasília e a violência dos policiais de Diadema, em São Paulo. **Esses atos de abuso revelam a falta de moral, assim como o despreparo da sociedade para conviver pacificamente.**

Indubitavelmente, o fator que motiva o avanço de tais violências é a **impunidade.** **No caso do Brasil, é um princípio constitucional a igualdade de todos os cidadãos perante a lei. No entanto, na prática isto não acontece.** A classe mais baixa e menos privilegiada da população é subjulgada do contexto econômico, social e judicial, ao mesmo tempo em que a camada mais poderosa nem sempre é julgada como deveria, ou seja, justamente.

Em síntese, na sociedade capitalista em que vivemos, a organização política e social segue a lei do mais forte. Logo, enquanto os países subdesenvolvidos forem subordinados aos desenvolvidos, prevalece a vontade do dominante. Do mesmo modo, enquanto a população pobre for subordinada à rica, far-se-á a vontade dos ricos.”

4) Redação nº 74 – Universidade de Uberaba

Tema: Liberdade

Nota recebida: 45 – 90 % - Progressão com Rema Subdividido

“Liberdade, a realidade de poucas pessoas”

“Liberdade para o ser humano, significa ter a oportunidade de poder escolher e de dar sua opinião. Para o homem, é muito importante poder participar ativamente da vida na sociedade, dando sua opinião e lutando por seus direitos; lutando por sua liberdade em vários aspectos como: liberdade de escolher sua profissão, liberdade de escolher como viver e vários outros, que às vezes lhes são negados.

A liberdade de escolher a profissão, significa o homem poder frequentar uma escola e mais tarde em uma universidade. Tal liberdade na maioria das vezes lhe é tirada por muitos fatores, dentre os quais o mais importante é a condição social, ou seja, **a maior parte das pessoas são pobres e não podem pagar uma universidade, perdendo assim, o direito de escolha da profissão.**

Quanto a liberdade de escolher como viver, tal questão engloba vários fatores, os quais como a anterior também estão relacionados com a **condição social de cada um.** Este caso se reflete claramente em nosso país, quando assistimos no jornal, reportagens mostrando pessoas procurando comida em depósitos de lixo, menores abandonados morando na rua e várias outras cenas de nosso cotidiano.

Sendo assim, podemos concluir que, liberdade para o ser humano significa a oportunidade de escolher e dar sua opinião, mas que às vezes não lhe é dada por causa de sua condição social, que o obriga a viver nas condições mais cruéis e desumanas possíveis.”

5) Redação nº 83 – Universidade Federal do Paraná

Tema: A favor do “Provão”

Nota recebida: 9 – 90 % - Progressão com Rema Subdividido

“No meu modo de ver, a aplicação do Exame Nacional de Cursos será **extremamente benéfica tanto para a universidade como instituição quanto para o formando, futuro profissional.** O MEC terá mais condições de avaliar os pontos nevrálgicos do ensino superior, bem como aonde eles ocorrem. Desta forma, **a universidade colherá os frutos de esforços e investimentos corretamente direcionados e aplicados a partir da análise dos resultados dos exames.** O estudante aplicado e competente poderá dispor dos resultados como um fator positivo no momento de ingressar no mercado

de trabalho e a sociedade como um todo será beneficiada a curto e médio prazo com profissionais mais bem preparados.”

Cinco Piores Redações com Progressão

- 1) Redação nº 10 - Faculdade do Triângulo Mineiro
Tema: A favor da punição do erro médico
Nota: 9 pontos - 30% - Progressão com Tema Constante

“Responsabilidade absoluta”

“São muitos os casos de erro médico atualmente, sendo **a punição um método correto para a correção deste erro**, mesmo que não irá deixar os fatos como antigamente sendo apenas um consolo para seus familiares.

Não podemos constatar o que causa diretamente este índice de erro médico, se é uma má formação ou pura e completa distração, mas o caso é que há pessoas morrendo e sendo sujeitas a sofrer o resto de suas vidas por causa disto, e por este motivo **quando houver a comprovação do erro devem ser punidas.**

Não esquecendo que o médico faz tudo que pode pelo paciente, mas desde o dia que ele escolhe como profissão a medicina ele tem que ter consciência da responsabilidade que ele tem nas mãos e que um erro ali seria fatal, mas principalmente por ter vidas de pessoas amadas em sua responsabilidade.

Isto não significa que nunca uma pessoa irá morrer nas mãos de um médico, mas que a partir do momento que esta morte é decorrente de um erro deve ser punida.

A partir do momento que o erro médico ser constatado deve ser punido com indenizações a critério do juiz pois a vida é um assunto sério não podendo ser cometidos erros com ela.”

- 2) Redação nº 67 – Universidade Federal de Uberlândia
Tema: (B 2º sem.) Como explicar a ocorrência de atos violentos na sociedade
Nota recebida: 3,75 – 20,8% - Progressão Tema Constante

“Homens ou animais? !”

“A violência é um tema que gera muita polemica, todos os dias são noticiados vários casos de barbárie que deixam qualquer um indignado.

Atos de selvageria são praticados com mais constância a cada dia de uns anos pra cá, são vários os tipos de violências que são cometidos, um exemplo disso foi um rapaz brasileiro que estava dentro de uma boate nos EUA, pediu uma bebida ao garçon, esse vendo que o jovem estava embriagado não o atendeu, ao fechar a boate o garçon foi baleado pelo brasileiro vindo a falecer, logo após.

O Brasil é um dos países mais violentos do mundo, pessoas morrem sem saber porquê, morrem por causa de um tênis, de um boné, de uma calça de marca, enfim por coisas banais, ou até mesmo por brincadeira como foi o caso do índio em Brasília, que segundo os cinco rapazes, que o queimaram, era só brincadeira.

Mais o grande problema e o causador de grande parte dessa violência são as condições sociais e econômicas que os indivíduos que enfrentam a vida nas cidades passam, a fome, o desemprego, os preconceitos, as péssimas condições de vida que acabam deixando o cidadão mais violento e habito a cometer selvagerias. Existem vários exemplos disso, mas o mais estranho e que está virando moda é chocar recém-nascidos no lixo, uma das piores violências que as mães sem condições de criar os filhos poderiam cometer.

Violências são cometidas todos os dias, seja por problemas sociais, econômicos, ou até mesmo por simples prazer o que não pode acontecer é que estes atos selvagens fiquem em pune.”

3) Redação nº 28 – Universidade Federal de Uberlândia

Tema: (A 1º sem.) A favor do médico decidir o momento da morte do paciente

Nota recebida: 4,40 – 24,4% - Progressão com Rema Subdividido

“O direito do médico induzir o paciente à morte”

“A indução à morte de um paciente não é um fato novo. Frequentemente os médicos com grande sensatez e em seu pleno direito auxiliam pessoas que vivem em coma, sobrevivendo só com a ajuda de máquinas a dar um fim em suas vidas, além disso induz também à morte aquela pessoa já tão cansada de sentir dores que depende do próximo para fazer quase tudo que precisa.

É de grande sabedoria o médico induzir a morte uma pessoa que está em coma, ou seja, sobrevivendo com a ajuda de aparelhos que lhe permite respirar e fazendo com que seu coração bata. Este ser humano não

tem mais possibilidades de viver normalmente, sem a ajuda de tais máquinas, e infelizmente as mesmas não lhe ajudarão a sair deste estado de inconsciência.

Além disso, não há nada mais triste que conviver com a dor todos os instantes não conseguir caminhar e nem comer sem a ajuda de outras pessoas. Precisar do próximo para se locomover até o banheiro, caso contrário faz suas necessidades fisiológicas ali mesmo onde está: **é justo que o médico faça algo para tirá-la deste sofrimento, já que não há mais nada o que fazer, a não ser morrer.**

Portanto é um ato sensato e de direito do médico induzir à morte pacientes sem possibilidade de terem uma vida normal, consciente e sem dores.”

4) Redação nº 50 – Universidade Federal de Uberlândia

Tema: (A 2º sem.) A favor de que existe vida inteligente sobre a Terra

Nota recebida: 5 – 27,7% - Progressão com Rema Subdividido

“O homem quanto medida de racionalidade”

“É um tanto quanto complicado a análise para se descobrir se na terra existe vida inteligente, pois ao mesmo tempo em que seres humanos são dotados de raciocínio estes se mostram puramente irracionais.

Ao analisar as ações de um homem existirá sempre a possibilidade de encontrar a contradição racional X irracional. **A irracionalidade se mostra através de atos os quais o homem pratica ficando assim sujeito as consequências , mas ainda não as percebem, se colocando fora de uma realidade próxima. Estes atos são contra todos os princípios da capacidade de raciocínio, pois destroem aquilo que lhes deu origem e que os mantém vivos no planeta.**

Poder-se-ia assim concluir que o homem não é um ser inteligente, mas é preciso refletir, indagar e descobrir aquilo que o coloca como um ser racional.

Pois este mesmo homem que pratica ações as quais são maléficas ao seu ser, é o mesmo homem o qual inventou objetos de necessidade, criou códigos, pesquisou e teve descobertas de totais importância, ele ainda teve presença importante na construção do mundo material.

Sendo assim percebe-se todo o grau de inteligibilidade de homem uma vez que se olha para aquilo que ele construiu pois apesar de deixar falhas em seu dever de ser racional, o homem prova ser dotado de um elevado grau de inteligência.”

- 5) Redação nº 86 – Universidade Federal do Paraná
 Tema: A favor do “Provão”
 Nota recebida: 2 – 20 % - Progressão Linear

“A briga que houve para não fazer o exame do Mec foi um grande exemplo que as faculdades brasileiras estão dando o diploma para pessoas sem o menor senso de ridículo o Brasil inteiro viu a cena.

Isso só prova que o universitário ainda tem muito o que aprender.”

Cinco Piores Redações sem Progressão

- 1) Redação nº 6 - Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro
 Tema: A favor da punição do erro médico
 Nota: 6 pontos - 20% - Sem progressão

“Cometeu um crime, tem que pagar”

“Ultimamente a imprensa tem mostrado o que acontece realmente em um hospital, pois os médicos também matam pacientes, com erros que não podemos acreditar.

Quando roubamos ou matamos nós **somos penalizados indo para cadeia, e isso tinha que acontecer com os médicos que cometem erros causando lesões e até mesmo a morte**, eles, não devem se livrar da penalidade só porque é médico, mesmo que aconteça como acidente, pois ele está lidando com uma pessoa que tem sentimentos e não com um boneco .

As universidades tem que ser mais rigorosa e preparar mais os alunos para poderem trabalhar, e para os pacientes terem mais confiança nos médicos, mas o que está acontecendo mesmo é a falta de preparação, pois um médico deixar agulha, tesoura dentro de seus pacientes quando fazem cirurgias, ou até mesmo aplicando anestésias em lugar errado, isso já é de mais.

O aluno que faz medicina tem que gostar, pois vai ter que ajudar , milhares de pessoa, e não pensar só no dinheiro e no prestígio em ser médico, se matar ou deixar lesões em um paciente, sendo ele culpado tem que ser penalizado não só com a indenização, como também com a perda do seu emprego.”

2) Redação nº 39 – Universidade Federal de Uberlândia
 Tema: (A 1º sem.) Contra o médico decidir o momento da morte do paciente
 Nota recebida: 4,95 – 27,5% - Sem Progressão

“A cara da morte”

“Entre os assuntos mais polêmicos relacionados a vida de um ser-humano está em discutir uma lei que possa delegar o direito a um médico escolher o momento de morte de um paciente.

Entregar o “carimbo de passaporte” a um médico seria no mínimo um ato insano. Visto que a cada ano o mercado de medicina absorve cada vez mais profissionais mal-qualificados à prática da medicina, vindo de instituições educacionais que visam apenas lucros com os cursos oferecidos por estas. Aos profissionais mais experientes e qualificados que defenderam o seu juramento de ética profissional, têm consciência de fazer o máximo possível para salvar a vida de um paciente, estando em estado vegetativo ou não; não podendo então interferir no processo de vida do ser-humano.

Diante da super-lotação de postos de serviços médicos e hospitais, situação econômica em que o país se encontra e de inúmeros casos de denúncia envolvendo médicos e cidadãos que teriam tratamento de graça e que são obrigados a pagar quantias assustadoras a fim de conseguir uma vaga em um hospital; visto estas condições, **delegar o direito de um médico tirar a vida de um paciente ajudaria apenas os cidadãos com melhores condições financeiras e “status” social.** Qualquer médico poderia com esse direito agir de má-fé a fim de benefício próprio.

O papel de um médico na sociedade deve ser visto como um salvador, esperança de vida a um paciente; e não como um emissário da morte. A morte não deve vir da mão de uma pessoa a qual julgamos iguais a nós, e sim, de uma ação que está além da nossa concepção.”

3) Redação nº 47 – Universidade Federal de Uberlândia
 Tema: (A 2º sem.) A favor de que existe vida inteligente sobre a Terra
 Nota recebida: 4 – 22,2% - Sem Progressão

“Inteligência e condução”

“Apesar de estar destruindo o seu planeta, o homem é o único ser da Terra a possuir vida inteligente.

Consegue melhorar o solo obtendo grande quantidade e qualidade de alimentos para a sobrevivência de sua enorme espécie, busca aperfeiçoar

sempre mais seu sistema de moradia com a finalidade de dar conforto e proteção a si próprio e além disso o homem quer melhorar até mesmo sua espécie, utilizando seu recente processo de clonagem em que ele pode, por exemplo, eliminar doenças hereditárias.

E há ainda uma das maiores demonstrações de inteligência do homem : a conquista do espaço. A cada dia o homem descobre o universo com seus diversos e avançados satélites, telescópios e missões que saem da Terra para desafiar um lugar inabitável: sem água, chão e condições normais de vida.

Porém, o que assusta o homem é o modo como ele próprio está conduzindo sua inteligência. Seus automóveis e indústrias podem vir a causar a destruição de seu lar pela poluição.

Portanto, é fácil perceber que há vida inteligente no planeta Terra sim e esta inteligência pertence ao tão repetido homem. O seu único erro está sendo como conduzi-la.”

4) Redação nº 78 – Universidade de Uberaba

Tema: Liberdade

Nota recebida: 5 –10 % - Sem Progressão

“Liberdade não é ser livre”

Liberdade não quer diz uma pessoa Livre mas assim, uma pessoa sem preocupação com a vida é uma pessoa desimpedida do que quer fazer. Está pessoa tem varias alternativas disponiveis para formular a sua escolha de vida.

A liberdade de uma pessoa cabe a ela saber respeitar sua liberdade. conforme ela está sendo respeitada por outra pessoa. A pessoa não deve abusar de sua liberdade, si não ela desmorona sua vida e destroi, a sua família. A Liberdade não é o que vem à mente que você deve fazer, você deve obedecer às regras que + lhe passam.

Nunca deve Ter pessoa Livre, sempre está Ligado à alguém ou presa a alguma coisa. Por isso não tente abusar de sua Liberdade porque você estragar sua vida.

O direito de uma pessoa termina onde inicia o direito do próximo.”

5) Redação nº 89 – Universidade Federal do Paraná

Tema: A favor do “Provão”

Nota recebida: 2 – 20 % - Sem Progressão

“O provão é uma forma certa para que o ministério da educação analise os cursos de nível superior nas universidades, para melhorar o nível de candidatos ao mercado de trabalho para que o candidato quando sair da universidade não tenha muitas dificuldades no mercado de trabalho. **Geralmente cursos superiores em nosso país não tem muito valor, as pessoas que tem o diploma não exerce a função e na maioria das vezes trabalham em profissões que não tem nada a ver, com o curso que conclui.**”

ANEXO II

PESQUISA II.1 (com objetivo de leitura)

Levantamento de dados para elaboração de Dissertação de Mestrado em Linguística/UFU.

Orientanda: Irma Beatriz Araújo Kappel

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

PROFISSÃO / CURSO : _____

LOCAL DE TRABALHO / ESTUDO : _____

_____ DATA: _____

INSTRUÇÃO:

I Parte - Seguindo sua **intuição**, marque a alternativa que contém a **ordem preferível** para a colocação das idéias principais no texto, de acordo com o **objetivo de leitura** fornecido: ler o texto como possíveis **arrombadores** da casa descrita.

A alternativa assinalada (X) é a que contém a informação principal no final do segmento-tópico.

Texto 1. Adaptação do texto de KLEIMAN (1989 b : 31-32)

A - (X)

“Os dois garotos correram até a entrada da casa. “Eu não sabia que sua casa era tão grande”, disse Marcos. “É, mas ela está mais bonita agora, desde que meu pai mandou revestir com pedras essa parede lateral e colocou uma lareira”. Havia portas na frente e atrás e uma porta lateral que levava à garagem, que estava vazia exceto pelas **três bicicletas com marcha guardadas aí**. Os meninos podiam correr no jardim extremamente bem cuidado; **altos arbustos escondiam a entrada da casa**. Eles entraram pela porta lateral ; Eduardo explicou que era para que suas irmãs mais novas **entrassem e saíssem sem dificuldade, ela ficava sempre aberta**. “Veja, eu disse a você que hoje era um bom dia para brincar aqui”, disse Eduardo. “Mamãe nunca está em casa na quinta-feira”.

Marcos queria ver a casa, então Eduardo começou a mostrá-la pela sala de estar. Estava recém pintada, como o resto do primeiro andar. Eduardo ligou o som: o barulho preocupou Marcos. “**Não se preocupe, a casa mais próxima está a meio quilômetro daqui**”, gritou Eduardo. Marcos se sentiu mais confortável ao observar que, além do enorme jardim, **nenhuma casa podia ser vista em qualquer direção**.

Os garotos foram para a cozinha onde fizeram um lanche, por não ser lugar para brincar **a sala de jantar com toda a porcelana, prata e cristais que tinha**.

Eduardo disse que não era para usar o lavabo porque ele ficara úmido e mofado uma vez que o encanamento arrebentara.

Além do escritório, havia três quartos no andar superior da casa. Enquanto eles davam uma olhada no escritório, Eduardo disse: “**Aqui é onde meu pai guarda suas coleções de selo e moedas raras**.”

Eduardo comentou que o melhor de tudo era que o banheiro do corredor era seu desde que um outro foi construído no quarto de suas irmãs. Não era tão bonito quanto o de seus pais, que estava revestido de mármore, mas para ele era a melhor coisa do mundo”. O quarto de suas irmãs não era tão interessante exceto pela **televisão com o Atari**. **Eduardo mostrou a Marcos o closet de sua mãe cheio de roupas e o cofre trancado onde havia jóias.**” (Traduzido e adaptado de Pitchert, J. & Anderson, R. Taking “different perspectives on a story, *Journal of Education Psychology*, 1977,69).

B - ()

“Os dois garotos correram até a entrada da casa. “**Mamãe nunca está em casa na quinta-feira**”, disse Eduardo. “Veja, eu disse a você que hoje era um bom dia para brincar aqui”, ele acrescentou. **Altos arbustos escondiam a entrada da casa**; os meninos podiam correr no jardim extremamente bem cuidado. Eduardo explicou que **a porta lateral ficava sempre aberta** para suas irmãs mais novas entrarem e saírem sem dificuldade; eles entraram por ela. Exceto pelas **três bicicletas com marcha guardadas**, a garagem estava vazia. “Eu não sabia que sua casa era tão grande”, disse Marcos. “É, mas ela está mais bonita agora, desde que meu pai mandou revestir com pedras essa parede lateral e colocou uma lareira”. Havia portas na frente e atrás e uma porta lateral que levava à garagem.

Eduardo ligou o som: o barulho preocupou Marcos. “**Não se preocupe, a casa mais próxima está a meio quilômetro daqui**”, gritou Eduardo. **Observando que**

nenhuma casa podia ser vista em qualquer direção além do enorme jardim, Marcos se sentiu mais confortável. Ele queria ver a casa, por isso Eduardo começou a mostrá-la pela sala de estar. Estava recém pintada, como o resto do primeiro andar.

A sala de jantar, com toda a porcelana, prata e cristais, não era lugar para brincar: os garotos foram para a cozinha onde fizeram um lanche.

Eduardo disse que não era para usar o lavabo porque ele ficara úmido e mofado uma vez que o encanamento arrebentara.

“Aqui é onde meu pai guarda suas coleções de selo e moedas raras”, disse Eduardo enquanto eles davam uma olhada no escritório. Além do escritório, havia três quartos no andar superior da casa.

Eduardo mostrou a Marcos o **closet de sua mãe cheio de roupas e o cofre trancado onde havia jóias. Exceto pela televisão com o Atari**, o quarto de suas irmãs não era tão interessante. Eduardo comentou que o melhor de tudo era que o banheiro do corredor era seu desde que um outro foi construído no quarto de suas irmãs. Não era tão bonito quanto o de seus pais, que estava revestido de mármore, mas para ele era a melhor coisa do mundo.”(Traduzido e adaptado de Pitchert, J. & Anderson, R. Taking “different perspectives on a story, *Journal of Education Psychology*, 1977,69).

PESQUISA II.1 (com outro objetivo de leitura)

Levantamento de dados para elaboração de Dissertação de Mestrado em Lingüística/UFU.

Orientanda: Irma Beatriz Araújo Kappel

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

PROFISSÃO / CURSO : _____

LOCAL DE TRABALHO / ESTUDO : _____

DATA: _____

INSTRUÇÃO:

I Parte - Seguindo sua **intuição**, marque a alternativa que contém a **ordem preferível** para a colocação das idéias principais no texto, de acordo com o **objetivo de leitura** fornecido: ler o texto como possíveis **compradores** da casa descrita.

Texto 1. Adaptação do texto de KLEIMAN (1989 b: 31-32)

A - ()

“Os dois garotos correram até a entrada da casa. **Os meninos podiam correr no jardim extremamente bem cuidado**; altos arbustos escondiam a entrada da casa. **“Eu não sabia que sua casa era tão grande”**, disse Marcos. **“É, mas ela está mais bonita agora, desde que meu pai mandou revestir com pedras essa parede lateral e colocou lareira”**. “Veja, eu disse a você que hoje era um bom dia para brincar aqui”, disse Eduardo. “Mamãe nunca está em casa na quinta-feira”, ele acrescentou. Havia portas na frente e atrás e uma porta lateral que levava à garagem, que estava vazia exceto pelas três bicicletas com marcha guardadas aí. Eles entraram pela porta lateral ; Eduardo explicou que ela ficava sempre aberta para suas irmãs mais novas entrarem e saírem sem dificuldade.

Marcos queria ver a casa, então Eduardo começou a mostrá-la pela sala de estar. **Estava recém pintada, como o resto do primeiro andar**. Marcos se sentiu mais confortável ao observar que **nenhuma casa podia ser vista em qualquer direção além do enorme jardim** porque Eduardo ligou o som e o barulho o preocupou. “Não se preocupe, a casa mais próxima está a meio quilômetro daqui”, gritou Eduardo.

A sala de jantar, com toda a porcelana, prata e cristais, não era lugar para brincar: os garotos foram para a cozinha onde fizeram um lanche.

Eduardo disse que não era para usar o lavabo porque ele ficara úmido e mofado uma vez que o encanamento arrebentara.

Além do escritório, havia três quartos no andar superior da casa. “Aqui é onde meu pai guarda suas coleções de selo e moedas raras”, disse Eduardo enquanto eles davam uma olhada no escritório.

Eduardo comentou que **o melhor de tudo era que o banheiro do corredor era seu desde que um outro foi construído no quarto de suas irmãs**. Não era tão bonito quanto o de seus pais, que estava revestido de mármore, mas para ele era a melhor coisa do mundo”. Eduardo mostrou a Marcos o *closet* de sua mãe cheio de roupas e o cofre trancado onde havia jóias. O quarto de suas irmãs não era tão interessante exceto pela televisão com o Atari.” (Traduzido e adaptado de Pitchert, J. & Anderson, R. Taking “different perspectives on a story, *Journal of Education Psychology*, 1977,69).

B - (X)

“Os dois garotos correram até a entrada da casa. “Veja, eu disse a você que hoje era um bom dia para brincar aqui”, disse Eduardo. “Mamãe nunca está em casa na quinta-feira”, ele acrescentou. Havia portas na frente e atrás e uma porta lateral que levava à garagem, que estava vazia exceto pelas três bicicletas com marcha guardadas aí. Eles entraram pela porta lateral ; Eduardo explicou que ela ficava sempre aberta para suas irmãs mais novas entrarem e saírem sem dificuldade. Altos arbustos escondiam a entrada da casa; **os meninos podiam correr no jardim extremamente bem cuidado. “Eu não sabia que sua casa era tão grande”**, disse Marcos. **“É, mas ela está mais bonita agora, desde que meu pai mandou revestir com pedras essa parede lateral e colocou lareira.”**

Marcos queria ver a casa, então Eduardo começou a mostrá-la pela sala de estar. Eduardo ligou o som: o barulho preocupou Marcos. “Não se preocupe, a casa mais

próxima está a meio quilômetro daqui”, gritou Eduardo. Marcos se sentiu mais confortável ao observar que **nenhuma casa podia ser vista em qualquer direção além do enorme jardim que tanto embelezava . A sala estava recém pintada, como o resto do primeiro andar.**

A sala de jantar, com toda a porcelana, prata e cristais, não era lugar para brincar: os garotos foram para a cozinha onde fizeram um lanche.

Eduardo disse que não era para usar o lavabo porque ele ficara úmido e mofado uma vez que o encanamento arrebentara.

“Aqui é onde meu pai guarda suas coleções de selo e moedas raras”, disse Eduardo enquanto eles davam uma olhada no escritório. **Além do escritório, havia três quartos no andar superior da casa.**

Eduardo mostrou a Marcos o *closet* de sua mãe cheio de roupas e o cofre trancado onde havia jóias. O quarto de suas irmãs não era tão interessante exceto pela televisão com o Atari. Eduardo comentou que **o melhor de tudo era que o banheiro do corredor era seu desde que um outro foi construído no quarto de suas irmãs.** Para ele era a melhor coisa do mundo, mas não era **tão bonito quanto o de seus pais, que estava revestido de mármore.**” (Traduzido e adaptado de Pitchert, J. & Anderson, R. Taking “different perspectives on a story, *Journal of Education Psychology*, 1977,69).

Pesquisa II.2 (sem objetivo de leitura)

II Parte - Cada par de textos (A e B) contém as mesmas idéias escritas em ordens diferentes. Escolha a alternativa (A ou B) correspondente à redação do texto que você achou melhor, mais fácil de compreender.

Texto 1: Tradução e adaptação de Amos Oz (GIORA, 1983:166)

A - (X)

Há dias escuros em Londres quando a cidade está coberta pela escuridão... e ninguém ousa deixar seu lugar... e justamente num dia como esse, um homem foi urgentemente chamado para atender seu filho doente em um hospital distante, na saída da cidade. O homem abriu a porta e caminhou para dentro da escuridão à procura de ajuda. Mas não havia ninguém lá. De repente, uma mão desconhecida cai em seu ombro e um homem, cujo rosto estava coberto pela noite escura, disse-lhe: eu o ajudarei. E, de fato, o estranho levou o homem de um extremo ao outro da cidade sem hesitar. Somente aqui e ali ele confidencialmente observava: aqui, à esquerda. Lembre-se dos degraus. Observe a descida. Quando finalmente chegaram ao hospital, o pai perguntou: Como você pode orientar-se no escuro? **A**

escuridão do nevoeiro não me atrapalha, disse o estranho, porque sou cego.

B - ()

Há dias escuros em Londres quando a cidade está coberta pela escuridão... e ninguém ousa deixar seu lugar... e justamente num dia como esse, um homem foi urgentemente chamado para atender seu filho doente em um hospital distante, na saída da cidade . O homem abriu a porta e caminhou para dentro da escuridão à procura de ajuda. Mas não havia ninguém lá. De repente, uma mão desconhecida cai em seu ombro e um homem, cujo rosto estava encoberto pela noite escura, disse-lhe: eu o ajudarei. O pai perguntou-lhe: Como pode você conduzir-me na escuridão? **A escuridão do nevoeiro não me atrapalha, disse o estranho, porque eu sou cego.** E, de fato, o estranho levou o homem de um extremo ao outro da cidade, sem hesitar. Somente aqui e ali ele confidencialmente observava: aqui, à esquerda. Lembre-se dos degraus. Observe a descida, até que eles chegaram ao hospital.

Texto 2 : Adaptação da redação de vestibular “Violência Social” da UFMG de 1983 (COSTA VAL, 1991:101-102). A redação original é a da alternativa A .

A - (X)

Pensadores de todas as épocas da história teceram múltiplas teorias sobre as possíveis causas da agressão do homem pelo homem. Alguns responsabilizaram a “natureza” humana, outros invocaram a autoria de demônios para nossos atos violentos e, mais recentemente, alguns empenharam-se com fervor em explicar a violência social através do Édipo ou da primeira infância. Hoje, sucumbiram todas as iniciativas “científicas” destes senhores, por um motivo simples: todas estas teorias buscavam causas *individuais* para um fenômeno *social*, político. **Surgiram, então, os que encontraram na estrutura da sociedade as raízes da violência social.**

A estrutura de uma sociedade é determinada, principalmente, pelo arcabouço econômico de seu funcionamento. Todos os grandes grupos sociais, até o início deste século, caracterizam-se pela divisão em classes da sociedade, distinguindo-se o que possuía bens geradores de riqueza daquele que possuía apenas sua força de trabalho. Esse sistema onde a propriedade dos meios de produção é privilégio de uma minoria, gera, evidentemente, uma

série de conflitos. **São classes com interesses diferentes, inconciliáveis, e como consequência natural seus confrontos terão que ser violentos. ...**

B - ()

Pensadores de todas as épocas da história teceram múltiplas teorias sobre as possíveis causas da agressão do homem pelo homem. Hoje, sucumbiram todas as iniciativas “científicas” destes senhores, por um motivo simples: todas estas teorias buscavam causas *individuais* para um fenômeno *social*, político. **Surgiram, então, os que encontraram na estrutura da sociedade as raízes da violência social.** Alguns responsabilizaram a “natureza” humana, outros invocaram a autoria de demônios para nossos atos violentos e, mais recentemente, alguns empenharam-se com fervor em explicar a violência social através do Édipo ou da primeira infância.

O sistema onde a propriedade dos meios de produção é privilégio de uma minoria, gera, evidentemente, uma série de conflitos. **São classes com interesses diferentes, inconciliáveis, e como consequência natural seus confrontos terão que ser violentos.** A estrutura de uma sociedade é determinada, principalmente, pelo arcabouço econômico de seu funcionamento. Todos os grandes grupos sociais, até o início deste século, caracterizam-se pela divisão em classes da sociedade, distinguindo-se o que possuía bens geradores de riqueza daquele que possuía apenas sua força de trabalho. ...

Texto 3 . Adaptação da redação “Lei da Sociedade”. Redação “nota dez” da FUVEST / 93: MED/USP - MED/UBERABA - MED/MARÍLIA - MED/PUC - MED CATANDUVA. A instrução apresentada aos candidatos foi a seguinte:

Foi dado um trecho do conto “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis, que descreve a necessidade que o homem teria de regras que lhe digam o que fazer e como se comportar. Uma vez conseguido isso, ele passaria a violar secretamente as normas que tanto desejou.

Escreva uma dissertação que analise esta visão que o autor tem do comportamento humano. Você pode discordar ou concordar com ela, desde que seus argumentos sejam fundamentados.

O maior mérito estará numa argumentação coesa capaz de levar a uma conclusão coerente.

A redação original corresponde à alternativa B.

A - ()

LEI DA SOCIEDADE

“Quando nasci, um anjo torto,
desses que vive nas sombras,
me disse: Vai, Carlos, ser
“gauche” na vida”. (Drummond)

Existem alguns entraves que influenciam sobre as decisões do homem, fazendo-o desrespeitar as leis preestabelecidas e prejudicando a vida em sociedade. Desde o nascimento, o ser humano precisa de seus próximos para satisfazer suas necessidades físicas e psicológicas. Assim, os homens vivem em sociedade, o que torna inevitável a presença de leis (direitos e deveres).

É possível que em suas decisões o homem se contradiga, desrespeitando leis que ele próprio criou. O primeiro entrave está na contradição humana. Como retrata a epígrafe do poeta itabirano Drummond, o ser humano é “gauche”, canhestro, esquerdo, contraditório.

O segundo entrave é que **prevalece sobre os vencidos a lei dos vencedores, dos dominadores: “a lei de Gérson”**, ou seja, lei do mais forte, do mais esperto, do mais apto. **As leis preestabelecidas são agora negligenciadas e extirpadas pelos dominadores, pois elas prejudicam-nos.** Dentre os homens, alguns se sobressaem por possuírem mais capacidade ou melhores condições, e muitas vezes dominam e exploram os demais.

Um último e terceiro entrave está **no impasse: quais leis estariam realmente certas?** A Igreja do Diabo estaria mesmo mais errada que a Igreja de Deus? A relatividade das coisas, pois nada no universo é absoluto, o conceito do certo e do errado se estabelece de maneira diversificada entre as consciências dos homens e dos povos.

Enfim, **é relevante lembrar que o homem precisa de seu próximo para satisfazer suas necessidades físicas e psicológicas e que, portanto, é indispensável a vida em sociedade, mesmo com tantos entraves.** Viver em sociedade não é tão simples quanto parece ser. Para resolver este impasse e o de que leis estariam certas, é preciso renunciar a alguns de nossos direitos e procurar respeitar a “lei da sociedade”. Lei esta que deve se basear na opinião da maioria.

B - (X)

LEI DA SOCIEDADE

“Quando nasci, um anjo torto,
desses que vive nas sombras,
me disse: Vai, Carlos, ser
“gauche” na vida”. (Drummond)

Desde o nascimento, o ser humano precisa de seus próximos para satisfazer suas necessidades físicas e psicológicas. Assim, os homens vivem em sociedade, o que torna inevitável a presença de leis (direitos e deveres). Entretanto, **existem alguns entraves que influenciam sobre as decisões do homem, fazendo-o desrespeitar as leis preestabelecidas e prejudicando a vida em sociedade.**

O primeiro entrave está na contradição humana. Como retrata a epígrafe do poeta itabirano Drummond, o ser humano é “gauche”, canhestro, esquerdo, contraditório. Portanto, **é possível que em suas decisões o homem se contradiga, desrespeitando leis que ele próprio criou.**

O segundo entrave pode ser explicado pela tão conhecida lei de Gérson, lei do mais forte, do mais esperto, do mais apto. Dentre os homens, alguns se sobressaem por possuírem mais capacidade ou melhores condições, e muitas vezes dominam e exploram os demais. **As leis preestabelecidas são agora negligenciadas e extirpadas pelos dominadores, pois elas prejudicam-nos. Prevalece sobre os vencidos a lei dos vencedores, dos dominadores: “a lei de Gérson” .**

Um último e terceiro entrave está na relatividade das coisas. Como nada no universo é absoluto, o conceito do certo e do errado se estabelece de maneira diversificada entre as consciências dos homens e dos povos. **Daí o impasse: quais leis estariam realmente certas? A Igreja do Diabo estaria mesmo mais errada que a Igreja de Deus?**

Enfim, viver em sociedade não é tão simples quanto parece ser. Para resolver este impasse e o de que leis estariam certas, é preciso renunciar a alguns de nossos direitos e procurar respeitar a “lei da sociedade”. Lei esta que deve se basear na opinião da maioria. **É relevante lembrar que o homem precisa de seu próximo para satisfazer suas necessidades físicas e psicológicas e que, portanto, é indispensável a vida em sociedade, mesmo com tantos entraves.**

RESPOSTAS DA PESQUISA

Levantamento de dados para elaboração de Dissertação de Mestrado em Linguística/UFU.

Orientanda: Irma Beatriz Araújo Kappel

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

PROFISSÃO / CURSO: _____

LOCAL DE TRABALHO / ESTUDO: _____

_____ DATA: _____

I PARTE

OBJETIVO DE LEITURA: POSSÍVEIS COMPRADORES () OU
POSSÍVEIS ARROMBADORES ()

TEXTO 1. A - () OU B - ()

II PARTE

TEXTO 1. A - () OU B - ()

TEXTO 2. A - () OU B - ()

TEXTO 3. A - () OU B - ()

ANEXO III

PESQUISA

Texto 1: Tradução e adaptação de Amos Oz (GIORA, 1983:166)

A -

Há dias escuros em Londres quando a cidade está coberta pela escuridão... e ninguém ousa deixar seu lugar... e justamente num dia como esse, um homem foi urgentemente chamado para atender seu filho doente em um hospital distante, na saída da cidade. O homem abriu a porta e caminhou para dentro da escuridão à procura de ajuda. Mas não havia ninguém lá. De repente, uma mão desconhecida cai em seu ombro e um homem, cujo rosto estava coberto pela noite escura, disse-lhe: eu o ajudarei. E, de fato, o estranho levou o homem de um extremo ao outro da cidade sem hesitar. Somente aqui e ali ele confidencialmente observava: aqui, à esquerda. Lembre-se dos degraus. Observe a descida. Quando finalmente chegaram ao hospital, o pai perguntou: Como você pode orientar-se no escuro? A escuridão do nevoeiro não me atrapalha, disse o estranho, porque sou cego.

B -

Há dias escuros em Londres quando a cidade está coberta pela escuridão... e ninguém ousa deixar seu lugar... e justamente num dia como esse, um homem foi urgentemente chamado para atender seu filho doente em um hospital distante, na saída da cidade . O homem abriu a porta e caminhou para dentro da escuridão à procura de ajuda. Mas não havia ninguém lá. De repente, uma mão desconhecida cai em seu ombro e um homem, cujo rosto estava encoberto pela noite escura, disse-lhe: eu o ajudarei. O pai perguntou-lhe: Como pode você conduzir-me na escuridão? A escuridão do nevoeiro não me atrapalha, disse o estranho, porque eu sou cego. E, de fato, o estranho levou o homem de um extremo ao outro da cidade, sem hesitar. Somente aqui e ali ele confidencialmente observava: aqui, à esquerda. Lembre-se dos degraus. Observe a descida, até que eles chegaram ao hospital.

Texto 2 : Adaptação da redação de vestibular “Violência Social” da UFMG de 1983 (COSTA VAL, 1991:101-102).

A -

Pensadores de todas as épocas da história teceram múltiplas teorias sobre as possíveis causas da agressão do homem pelo homem. Alguns responsabilizaram a “natureza” humana, outros invocaram a autoria de demônios para nossos atos violentos e,

mais recentemente, alguns empenharam-se com fervor em explicar a violência social através do Édipo ou da primeira infância. Hoje, sucumbiram todas as iniciativas “científicas” destes senhores, por um motivo simples: todas estas teorias buscavam causas *individuais* para um fenômeno *social*, político. Surgiram, então, os que encontraram na estrutura da sociedade as raízes da violência social.

A estrutura de uma sociedade é determinada, principalmente, pelo arcabouço econômico de seu funcionamento. Todos os grandes grupos sociais, até o início deste século, caracterizam-se pela divisão em classes da sociedade, distinguindo-se o que possuía bens geradores de riqueza daquele que possuía apenas sua força de trabalho. Esse sistema onde a propriedade dos meios de produção é privilégio de uma minoria, gera, evidentemente, uma série de conflitos. São classes com interesses diferentes, inconciliáveis, e como consequência natural seus confrontos terão que ser violentos. ...

B -

Pensadores de todas as épocas da história teceram múltiplas teorias sobre as possíveis causas da agressão do homem pelo homem. Hoje, sucumbiram todas as iniciativas “científicas” destes senhores, por um motivo simples: todas estas teorias buscavam causas *individuais* para um fenômeno *social*, político. Surgiram, então, os que encontraram na estrutura da sociedade as raízes da violência social. Alguns responsabilizaram a “natureza” humana, outros invocaram a autoria de demônios para nossos atos violentos e, mais recentemente, alguns empenharam-se com fervor em explicar a violência social através do Édipo ou da primeira infância.

O sistema onde a propriedade dos meios de produção é privilégio de uma minoria, gera, evidentemente, uma série de conflitos. São classes com interesses diferentes, inconciliáveis, e como consequência natural seus confrontos terão que ser violentos. A estrutura de uma sociedade é determinada, principalmente, pelo arcabouço econômico de seu funcionamento. Todos os grandes grupos sociais, até o início deste século, caracterizam-se pela divisão em classes da sociedade, distinguindo-se o que possuía bens geradores de riqueza daquele que possuía apenas sua força de trabalho. ...

RESPOSTAS DA PESQUISA

Levantamento de dados para elaboração de Dissertação de Mestrado em Lingüística/UFU.

Orientanda: Irma Beatriz Araújo Kappel

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

PROFISSÃO / CURSO: _____

LOCAL DE TRABALHO / ESTUDO: _____

_____ DATA: _____

INSTRUÇÃO: Cada par de textos (A e B) contém as mesmas idéias escritas em ordens diferentes. Seguindo **sua intuição**, escolha a alternativa (A ou B) correspondente à **redação do texto** que você achou de **melhor qualidade**.

TEXTO 1. A - () OU B - ()

TEXTO 2. A - () OU B - ()

RESPOSTAS DA PESQUISA

Levantamento de dados para elaboração de Dissertação de Mestrado em Linguística/UFU.

Orientanda: Irma Beatriz Araújo Kappel

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

PROFISSÃO / CURSO: _____

LOCAL DE TRABALHO / ESTUDO: _____

_____ DATA: _____

INSTRUÇÃO: Cada par de textos (A e B) contém as mesmas idéias escritas em ordens diferentes. Seguindo **sua intuição**, escolha a alternativa (A ou B) correspondente à **redação do texto** que você achou de **mais fácil de compreender**.

TEXTO 1. A - () OU B - ()

TEXTO 2. A - () OU B - ()